

Rosshalde...

Hermann Hesse

R O S S H A L D E

HERMANN HESSE

Romance semi autobiográfico — originalmente publicado em alemão em 1914, logo depois do regresso do escritor do Oriente — Rosshalde conta a história de um pintor mundialmente famoso, Johann Veraguth, e do processo de sua autodescoberta que finalmente lhe permite romper grilhões para procurar uma vida autêntica na índia. A despeito de um casamento malsucedido, o afeto do pintor pelo filho o aprisiona em Rosshalde, sua idílica propriedade. A tragédia por fim o liberta e ele parte para o Oriente, onde espera que "uma nova atmosfera pura e livre de sofrimentos irá envolvê-lo".

O AUTOR

Nascido na Alemanha em 2 de julho de, 1877, na cidade de Calw, região da Floresta Negra, Hermann Hesse começou a viajar cedo e a Itália foi então o seu destino favorito. Porém, em 1911, viajou muito mais longe, para a Índia, seguindo aliás uma tradição do pai e do avô, que haviam estado naquele país, porém como missionários protestantes.

Já nessa época Hesse tinha a seu crédito alguns romances de sucesso, embora ainda restritos a leitores de língua alemã, caso de Peter Camenzind e Gertrud. De volta da índia, o escritor mudou-se para a Suíça, em 1912, onde fixou a partir de então residência permanente, adotando mais tarde a cidadania do país. Rosshalde saiu em 1914, quando se iniciava a I Guerra Mundial, contra a qual se bateu, mantendo toda a vida um coerente ponto de vista antimilitarista, que lhe valeu, pelo menos até 1945, violentos ataques políticos na Alemanha.

Hermann Hesse faleceu em 1962, em Montagnola, na Suíça, tendo recebido em 1946 a láurea máxima da literatura mundial, o Prêmio Nobel.

OBRAS DO AUTOR:

O Lobo da Estepe Sidarta

Demian

O Jogo das Contas de Vidro

Rosshalde

O Último Verão de Klingsor

Caminhada

Debaixo das Rodas

Knulp

A Arte dos Ociosos

Narciso e Goldmund

Gertrud

Viagem ao Oriente

Obstinação

Minha Fé

Pequeno Mundo

O livro das Fábulas

Contos

Este Lado da Vida

Histórias Medievais

Narrativas

Vivências

Sobre a Guerra e a Paz

Pequenas Alegrias

Para Ler e Pensar

Para Ler e Guardar

© Hermann Hesse

ROSSHALDE

Tradução de

ÁLVARO CABRAL

4ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Título original alemão: ROSSHALDE

Copyright (C) 1956 by Surhkamp Verlag, Frankfurt am Main

Todos os direitos reservados por Surhkamp Verlag, Frankfurt am Main

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ

que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil

1.

QUANDO JOHANN VERAGUTH adquiriu Rosshalde, dez anos atrás, para aí se instalar, era essa propriedade uma antiga mansão senhorial abandonada; as veredas dos jardins tinham sido invadidas pelo capim alto e abundante, os bancos estavam cobertos de musgo, quebrados os degraus das escadas; mato impenetrável cobria o parque em volta da residência.

Em toda a fazenda não havia outras construções além da formosa mansão, um tanto decrépita, com sua cavalariça e um pequeno pavilhão em forma de templo antigo, situado no meio do parque, cuja porta estava dissimulada por uma esquina que a furtava à visão e em cujas paredes, outrora atapetadas de seda azul, cresciam o musgo e o mofo em profusão.

Imediatamente após a compra, o novo proprietário ordenou a demolição do arruinado pavilhão, mas dele conservou os dez antigos degraus de mármore que o ligavam até à borda do amplo tanque. No lugar desse agradável pavilhão, Veraguth fez construir seu estúdio de pintor, onde trabalhou ininterruptamente durante sete largos anos e onde passava a maior parte dos dias. Embora frequentasse, naturalmente, a casa principal, as crescentes desavenças no seio da família levaram-no a afastar seu primogênito, enviando-o a um colégio distante; resolveu permitir que só a sua mulher e a criadagem ocupassem a mansão, enquanto ele mandava edificar dois quartos, anexos ao estúdio, nos quais passou a viver desde então como um homem solteiro. Desdenhou, pois, das comodidades da magnífica residência senhorial; a Sra. Veraguth e o pequeno Pierre, o filho menor do casal, um menino de sete anos, ocupavam apenas o andar superior. É verdade que recebiam

amiúde visitas e hóspedes, mas nunca se tratava de reuniões numerosas, de modo que, ano após ano, inúmeros quartos conservavam-se sempre desocupados.

O pequeno Pierre não só era o filho favorito dos pais como, além disso, constituía o único vínculo entre eles, uma espécie de agente de ligação e mensageiro entre a residência e o estúdio do pintor. Por isso, Pierre era, na verdade, o único amo e senhor de Rosshalde. O pintor habitava exclusivamente o ateliê e frequentava apenas as paragens que orlavam o lago do bosque, assim como as partes mais abandonadas e selváticas do parque; em compensação, a esposa reinava na mansão, pertenciam-lhe os bem cuidados gramados e os jardins acolhedores, sombreados por frondosas tílias e castanheiros. Nenhum deles invadia os domínios do outro. Isto só acontecia raramente e em atenção a um convite para tratar de algum assunto de interesse familiar ou receber alguma visita, à parte o caso das refeições, que o artista fazia, a maior parte das vezes, na sala de jantar da residência. Pierre era a única criatura que não reconhecia a existência dessas fronteiras na vida de seus pais e essa autonomia dos respectivos domínios. Mais do que isso: a criança mal tinha consciência desse status quo. Corria livremente tanto pela antiga mansão como pelo edifício recém-construído; sentia-se à vontade tanto na biblioteca do pai quanto na grande galeria, no salão ou nos aposentos em que sua mãe reinava. A ele pertenciam os medronhos e amoras dos pomares cobertos de castanheiros, as flores do jardim orlado de tílias, os peixes do lago do bosque, a barraca dos banhos, o barco. Sentia-se, ao mesmo tempo, o amo e o protegido das criadas de sua mãe e de Robert, o criado particular do artista; era o filho da dona da casa para as amigas e hóspedes da mãe, e o filho do pintor para os cavalheiros que, em algumas ocasiões, visitavam o estúdio do pai e falavam em francês. Tanto do dormitório do pai como do toucador da mãe, com suas paredes revestidas de papel em cores claras e alegres, pendiam retratos do menino, pinturas e fotografias.

Assim, Pierre sentia-se feliz; em certo sentido, estava até em melhor situação que outros meninos cujos pais vivem em bom entendimento recíproco. Ainda não fora estabelecido plano algum sobre sua educação, de modo que, quando sentia que o chão lhe queimava os pés, nos domínios maternos, tinha a certeza de que a região vizinha ao lago do bosque lhe ofereceria acolhedor asilo. Em outras palavras, sempre que se via em apuros em uma das partes, podia estar certo de encontrar um aliado na outra, o que não deixava de ser uma vantagem de peso.

Pierre já havia se deitado fazia muito tempo, e na residência, às onze da noite, apagara-se a luz na última janela iluminada. À meia-noite, Veraguth, que fizera uma noitada num restaurante da cidade, na companhia de alguns amigos, regressava sozinho e a pé. Durante o trajeto, nessa tépida e nublada noite de verão, uma das primeiras da estação, foi se dissipando em sua mente a pesada atmosfera de vinho e fumaça de charuto, de gargalhadas e anedotas picantes. Veraguth aspirou fundo o ar suave, cálido e úmido da noite, e caminhou, em passo decidido, pela rua que corria entre os escuros trigais —já quase maduros para a ceifa — de Rosshalde, cujas formas imponentes se erguiam, maciças e silenciosas, contra o pálido céu noturno.

Passou defronte da entrada principal da mansão e, por breves instantes, dirigiu o olhar para a fachada da casa senhorial, cujas linhas nobres e elegantes se destacavam contra a moldura negra das silhuetas das árvores. Deteve-se para contemplar o belo quadro que se lhe oferecia, com o deleite e a sensação de novidade que teria experimentado um caminhante qualquer que ali tivesse chegado pela primeira vez em sua vida. Depois seguiu seu caminho, passando ao largo das altas sebes, uns duzentos passos mais adiante, até atingir um lugar de onde partia uma vereda — que ele próprio mandara abrir — a qual atravessava o bosque e conduzia diretamente ao seu estúdio de pintor. Agora com todos os sentidos despertos, a vigorosa ainda que pequena figura de Veraguth

caminhou através do parque sombrio, frondoso e selvático, rumo à sua residência e estúdio, que logo surgiu diante dele, assim que as copas das árvores, refletindo-se nas águas, deixaram ver a vasta abóbada do céu cinzento e pálido.

O lago estava quase negro, em sua perfeita calma; qual capa infinitamente tênue ou fina poeira impalpável, a luz noturna refletia-se em suas águas. Veraguth olhou o relógio: faltava pouco para a uma da madrugada. Abriu uma porta lateral do pequeno pavilhão que se comunicava com seu quarto de dormir. Acendeu uma vela, despiu-se rapidamente, saiu de novo para o ar puro, completamente nu, e, com lentidão, começou a descer os largos degraus de pedra lisa até chegar à água, que brilhou em volta de seus joelhos, numa suave e fugaz marola de pequenas ondas concêntricas. Mergulhou decididamente na água e nadou por alguns minutos até ao centro do lago, mas logo sentiu a fadiga própria de uma noite passada de um modo que não lhe era habitual e voltou para casa. Envolveu-se no felpudo roupão de banho e, descalço, subiu os degraus que o separavam do estúdio, um imenso quarto quase vazio, onde, com movimentos impacientes, acendeu todas as luzes elétricas.

Dirigiu-se apressadamente a um cavalete que sustinha uma tela de reduzidas proporções: representava seu trabalho dos últimos dias. Apoiando as mãos nos joelhos, Veraguth inclinou-se para o quadro e, de olhos atentos, contemplou a superfície da tela, cujas cores álacres irradiavam uma luz viva. Permaneceu nessa posição de mudo e minucioso exame uns dois ou três minutos, até que a menor pincelada de sua obra voltou a adquirir plena e significativa animação a seus olhos. Veraguth adquirira havia muitos anos o costume de desfazer, nas noites que precediam uma jornada de trabalho, todas as imagens ou recordações que não dissessem respeito ao quadro que estivesse pintando, de modo que, nessas ocasiões, deitava-se é adormecia sempre pensando unicamente nele. Apagou as luzes elétricas, apanhou a vela e foi para seu quarto, de cuja porta pendia um pequeno quadro-negro e um

pedaço de giz. “Acorde-me às sete. Café às nove’’, escreveu ele em letras vigorosas. Fechou a porta atrás de si e meteu-se na cama. Conservando os olhos abertos, permaneceu ainda imóvel alguns instantes, procurando reconstituir todos os pormenores do quadro e reter essa imagem no espírito. Quando seus claros olhos cinzentos se fartaram dessa visão, fechou-os, soltou um breve suspiro e adormeceu em seguida.

Pela manhã, Robert despertou-o na hora indicada. Veraguth levantou-se prontamente, lavou-se com água fria num pequeno banheiro contíguo ao dormitório, vestiu um terno de linho grosseiro, de cor cinza indefinida, e dirigiu-se ao estúdio, cujas espessas cortinas o criado já abrira de par em par. Sobre uma mesa via-se um prato de frutas, uma jarra de água e alguns pães de centeio, que o pintor agarrou com semblante pensativo e começou a mordiscar, enquanto se postava diante do cavalete e contemplava o quadro.

Andando de um lado para o outro, comeu duas fatias de pão, apanhou um par de cerejas na bandeja de vidro, deu uma olhada nas cartas e jornais postos sobre a mesa, sem prestar-lhes grande atenção, e sentou-se, finalmente, numa poltrona de couro, em frente ao cavalete.

A tela, de formato retangular, representava um nascer do sol, tal como o pintor tivera ocasião de apreciar durante uma viagem e do qual fizera numerosos esboços. Como não tivesse encontrado os colegas que era seu intento visitar, Veraguth hospedara-se numa estalagem às margens do Alto Reno e não tivera outro remédio senão passar uma desagradável e chuvosa tarde entre as quatro paredes da sala da estalagem, cheia de fumaça, e uma péssima noite num pequeno quarto úmido, que cheirava a mofo e cal. Ainda antes do amanhecer já Veraguth despertara de seu sono pouco profundo, o corpo moído e o espírito mal-humorado. Encontrou fechada a porta da estalagem e teve de saltar por uma janela para ganhar o ar livre. Encontrou um bote na margem do Reno; desprendeu-o e, com um leve impulso, empurrou-o para a água

saltando logo dentro dele. Armou os remos e impeliu o bote para a suave corrente do rio, ainda envolto em névoas matinais. Precisamente quando se dispunha a voltar para terra, enxergou perto da outra margem um barqueiro que vinha remando na sua direção; a luz fria do amanhecer leitoso de mais um dia de chuva envolvia a silhueta imprecisa do barco do pescador, fazendo-o parecer excessivamente volumoso. Diante desse espetáculo, subitamente impressionado pelos efeitos peculiares dessa luz difusa, Veraguth sentiu vibrar sua alma de artista e deteve-se; parou de remar e esperou que o homem se aproximasse mais. O pescador retirava nesse instante uma rede da água fresca, e, na suave luz, surgiram dois grandes peixes de cor prateada, cujo corpo molhado reluziu de súbito sobre a superfície pardacenta do rio, antes de cair no fundo da embarcação com um baque surdo. Veraguth pediu ao homem que esperasse uns minutos, apenas o tempo necessário para ir buscar seus utensílios de pintor, e, quando voltou, fez alguns rápidos esboços em guache; passou todo esse dia desenhando e pintando nesse lugar, e no dia seguinte, muito cedo, saiu de novo para pintar ao ar livre. Depois seguiu viagem, mas, desde aquele momento, não mais abandonou a ideia de pintar o quadro nem descansou enquanto este não começou a ganhar forma. Agora, no seu estúdio, estava prestes a dar por concluída a obra que o atormentara e absorvera durante vários dias.

Para Veraguth, que pintava habitualmente sob o pleno resplendor do sol ou a luz cálida do bosque e do parque, a frescura prateada de um alvorecer enevoado, que deveria inundar todo o quadro, criara-lhe árduos problemas técnicos. Mas, no dia anterior, ele encontrara uma solução feliz, e sentiu que a sua arte ganhava uma nova dimensão. Na verdade, admitia que sua obra representava algo excepcional mente bom e verdadeiro; não se sentira satisfeito apenas por ter fixado em sua magistral pintura uma imagem da vida; acreditava que, mais do que isso, conseguira captar aquele instante fugidio em que se quebra a vítrea superfície

sob a qual pulsam e se agitam o indiferente ser e o misterioso devir da natureza. Sim, ele vislumbrava em sua nova obra o palpitar violento da própria realidade que nenhum olhar humano seria capaz de pressentir, se lhe tivesse sido dado contemplar aquela mesma paisagem, naquela mesma hora.

Observou minuciosamente a tela e preparou na paleta as cores, que em nada se pareciam com as tonalidades por ele usualmente empregadas, pois quase todos os vermelhos e amarelos, a que tanto costumava recorrer, tinham desaparecido. As partes que representavam a água e a atmosfera estavam já concluídas. Perpassava na superfície da tela uma luz fria e pálida; na descolorida e úmida penumbra crepuscular vogavam as estacas e os juncos das margens; irreal, como que diluída em névoa, aparecia a barca rudimentar do pescador; também o rosto do homem refletia um semblante inexpressivo, acentuado pelo olhar indiferente, como que vazio; somente a mão tranquila e forte, estendida para colher os peixes, irradiava uma total e implacável realidade. Um dos peixes saltava, reluzente, por cima da borda da embarcação; o outro jazia quieto e achatado, a redonda boca aberta, os olhos imóveis e espantados, cheios da dor das criaturas ante o insondável mistério da morte. O conjunto era pungente e de uma melancolia quase feroz, mas sereno e irretocável, sem outro significado simbólico além daquele, sem o qual não pode existir uma obra de arte e que não só nos faz pressentir o caráter incompreensível da natureza, em toda a sua força telúrica, que nos confunde, nos humilha e torna pequenos, como nos obriga, além disso, a amá-la com um vago sentimento de assombro.

Quando o pintor já estava trabalhando havia mais de duas horas, bateu à porta o criado, que, depois de aguardar a distraída resposta do amo, entrou no estúdio com o desjejum.

Depositou a xícara, o bule, a leiteira, os pratos e a compoteira sobre a mesa, aproximou desta uma cadeira, esperou em silêncio

por alguns instantes e, depois, anunciou em voz cautelosa; — O café está servido, Sr. Veraguth.

— Já vou — disse o pintor, raspando com o polegar uma pincelada que acabara de dar na cauda do peixe que saltava no ar. — Há água quente?

Lavou as mãos e sentou-se à mesa para tomar o café.

— Traz-me um cachimbo, Robert — pediu Veraguth, alegremente. — Quero o pequeno, o que não tem tampa. Deve estar no quarto.

O criado grave saiu em busca do cachimbo pedido. Veraguth sorveu com gosto o café, sentindo que a vertigem e a depressão nervosa que por vezes o acometiam, depois do esforço mental realizado durante seu trabalho de criação, desapareciam com as névoas da manhã.

Recebeu o cachimbo das mãos do criado, que lhe acendeu o fósforo, e aspirou com avidez a fumaça, cujo aroma o gosto do café tornava mais intenso e refinado.

O pintor apontou para o quadro e disse: — Quando você era jovem, Robert, certamente se entreteve pescando muitas vezes, não foi?

— Claro, Sr. Veraguth.

— Observe bem este peixe. Não me refiro ao que está saltando no ar. O outro, aquele que aparece mais abaixo e está de boca aberta. Acha que a boca está bem?

— Está muito bem — respondeu Robert, temeroso. — Mas isso é uma coisa que o senhor sabe melhor do que eu — acrescentou com um certo ar de censura velada, como se tivesse pressentido uma intenção trocista na pergunta do patrão.

— Pois se engana, Robert. O homem só vive as coisas em toda a sua plenitude e frescor na primeira juventude, por volta dos treze ou quatorze anos, de modo que as experiências dessa idade são as que depois influem em toda a sua vida. Na minha juventude, nunca

me interessei pelos peixes, e foi por isso que lhe perguntei se a boca estava bem desenhada.

— Está perfeitamente bem — confirmou Robert, lisonjeado com a consulta. — Não lhe falta nada.

Veraguth, que se levantara de novo, examinava atentamente a paleta. Robert observou-o por instantes. Bem conhecia esse estado de concentração do rosto do pintor, que insuflava em seu olhar um aspecto vidrado, como duas lentes de cristal enfocadas num ponto determinado da tela. Robert sabia que ele próprio, o café, o breve diálogo recente e tudo quanto rodeava Veraguth estavam se desvanecendo rapidamente, de modo que se dali a alguns minutos dirigisse a palavra ao amo, este lhe responderia como se tivesse sido bruscamente despertado de um profundo sono. Era perigoso acordá-lo em tais condições.

Ao retirar a mesa Robert notou que a pilha de cartas trazidas pelo correio do dia não tinha sido tocada.

— Sr. Veraguth ... — disse ele a meia voz.

O pintor ainda era acessível por enquanto. Lançou para o criado um olhar hostil e interrogativo por cima do ombro, com a mesma expressão que teria alguém mortal mente exausto e prestes a conciliar o sono, e a quem uma palavra inesperada voltasse a despertar.

— Que é?

— Chegou a correspondência, Sr. Veraguth ..

Dito isto, Robert apressou-se a sair do estúdio. Veraguth esmagou nervosamente uma porção de azul de cobalto na paleta, atirou a bisnaga sobre a mesa coberta por uma chapa metálica onde se espalhava, em aparente confusão, pincéis, bisnagas, espátulas, caixas de aquarela, panos sujos, e começou a misturar as cores; mas, importunado pela advertência do criado, acabou pondo a paleta de lado e apanhou as cartas.

Eram os informes rotineiros sobre seus negócios, um convite para expor suas obras numa certa galeria, uma solicitação de dados

biográficos feita pelo redator de um jornal, uma fatura .. . mas, de súbito, vislumbrou uma caligrafia bem conhecida e sentiu um estremecimento na alma. Tomou a carta nas mãos e leu com prazer seu próprio nome e cada uma das palavras do endereço no envelope; deleitou-se no exame da letra vigorosa, desenhada em traços livres e cheios de caráter. Olhou para os selos. A carta vinha da Itália; só podia ser de Nápoles ou Gênova. Isso significava que o amigo já estava na Europa, muito próximo dele, e que poderia, dentro de poucos dias, chegar a Rosshalde.

Emocionado, Veraguth rasgou o envelope e contemplou, radiante, as linhas finas e bem ordenadas em filas rigorosamente paralelas. Pensou então que, nos últimos cinco ou seis anos, se bem se lembrava, essas raras cartas do amigo, que residia no estrangeiro, eram a única alegria pura que sentia fora do trabalho e das horas de felicidade que lhe eram dadas pela presença de Pierre. E então, como sempre lhe acontecia quando pensava nessas coisas, sentiu que, no meio da expectativa alvoroçada pelo que a carta lhe diria, nascia como que um sentimento de frustração e vergonha, por causa da miséria de sua vida, da sua desolação e falta de amor.

Leu atentamente a carta:

Nápoles, 2 de junho (à noite)

Querido Johann

Como de costume, também hoje os primeiros sinais da cultura europeia de que volto a aproximar-me foram uns tragos de Chianti, acompanhando uma farta macarronada e a vociferação de alguns camelôs que passam diante da cantina. Aqui em Nápoles nada mudou nos últimos cinco anos, pelo menos como em Cingapura ou Xangai, de modo

que me comprazo em interpretar essa circunstância como um indício de que nada terá tampouco mudado na velha pátria e encontrarei tudo na mesma ordem de sempre. Chegarei depois de amanhã a Gênova, onde meu sobrinho me espera; daí seguiremos viagem juntos. Irei visitar meus pais, de quem não posso esperar, desta vez, que me acolham com exuberantes manifestações de simpatia, pois nestes últimos quatro anos, para dizer a verdade, não cheguei a ganhar quatro taleres. Acho que para cumprir os primeiros compromissos de família terei de passar com eles uns quatro ou cinco dias; depois darei um pulo à Holanda por motivo de negócios, onde permanecerei talvez mais uns seis dias, de modo que, pelas minhas contas, poderei estar contigo por volta de 16. Telegrafarei, em todo caso, avisando a data certa da minha chegada. Penso ficar em tua casa, pelo menos, de dez a quatorze dias; assim, já ficas prevenido de que será esse o período em que terás teu trabalho perturbado. Estás convertido num personagem tremendamente famoso, de maneira que se fosse verdade apenas a metade do que costumavas dizer há vinte anos sobre o êxito e a celebridade, terias de estar agora, forçosamente, um sujeito bastante mumificado. Também quero comprar alguns quadros teus; já deves ter percebido, portanto, que a minha queixa anterior sobre os maus negócios e os poucos lucros significa uma insidiosa tentativa de influir em tua generosidade para conseguir um abatimento nos preços.

Estamos ficando velhos, Johann. Foi esta a minha duodécima travessia do Mar Vermelho, e pela primeira vez sofri verdadeiramente com o calor. Chegamos a ter uma temperatura de 46 graus!

Santo Deus, ainda faltam quatorze dias! Isto vai te custar uma dúzia de garrafas do bom Mosela. Já faz mais de quatro anos que o bebemos juntos pela última vez.

Em resumo, estarei em Antuérpia entre 9 e 14, e me hospedarei no Hotel de L'Europe. Se estiverem expondo quadros teus em qualquer das cidades por onde terei de passar, peço-te que me informes.

Teu dedicado

Veraguth releu, muito satisfeito, a breve carta, cuja letra e sinais de pontuação, vigorosamente traçados revelavam um caráter resoluto e um temperamento forte. Depois, tirou de uma gaveta da escrivaninha um calendário e, examinando-o, fez um gesto de assentimento e agrado com a cabeça. Sim, até meados do mês estariam expostos em Bruxelas vinte quadros seus, e isso constituía uma feliz coincidência. De fato, o amigo, cujo olhar arguto e penetrante assustava um pouco Veraguth, e a quem não poderia ocultar o relaxamento moral em que sua vida caíra nos últimos anos, teria assim, pelo menos, a oportunidade de uma primeira impressão do pintor e de sentir-se orgulhoso dele. Essa circunstância facilitava o próximo encontro. Imaginou a figura de Otto, com essa elegância desenvolta e um pouco, atrevida que é própria das pessoas que vivem em países distantes, e viu-o percorrendo a sala de exposição em Bruxelas, de catálogo na mão e apreciando seus quadros, seus melhores quadros; regozijou-se, sinceramente, por ter consentido em expor uma coleção de suas

obras, embora fosse apenas uma reduzida parte dos quadros postos à venda. Escreveu na mesma hora um bilhete a Otto.

"Lembra-se de tudo", pensou agradecido. "Não há dúvida de que a última vez que aqui esteve bebemos quase exclusivamente Mosela e, até recordo que, numa noite, esgotamos todo o estoque." Ao refletir sobre isso, deu-se conta de que certamente já não sobrava garrafa alguma de Mosela na adega, que ele raras vezes visitava, e decidiu encomendar imediatamente uma nova remessa desse vinho.

Voltou então a trabalhar, mas agora estava distraído e sentia uma agitação íntima que o impedia de concentrar-se verdadeiramente na obra. Acudiam-lhe ao espírito recordações relacionadas com o velho amigo. Enervou-se e, finalmente, largou o pincel dentro de um copo, meteu a carta de Otto no bolso e saiu para o ar livre, em passo lento e indeciso. O lago rebrilhava em vivos reflexos. Era uma manhã de verão, de céu límpido, e no parque, banhado pelos raios solares, gorjeavam inúmeros passarinhos.

Veraguth olhou para o relógio. Já deviam ter acabado as lições que Pierre recebia todas as manhãs. Começou então a vaguear pelo parque, contemplou distraidamente as veredas pardacentas que o cruzavam e nas quais se percebia, aqui e ali, uma clara mancha de sol que conseguira atravessar a densa folhagem do arvoredo, e tentou surpreender os ruídos que vinham da mansão. De ouvido atento aos movimentos no andar de cima, aproximou-se do lugar onde Pierre costumava brincar e onde havia um balanço e alguns montículos de areia. Por fim, acercou-se do jardim situado na vizinhança da cozinha e observou com certo interesse de artista as altas copas dos castanheiros-da-índia, onde já despontavam, entre a escura e densa folhagem, os botões alegres e claros. Enxames de abelhas voavam com obstinado zumbido em redor dos botões entreabertos das roseiras que formavam as sebes do jardim. Através da ramagem das árvores soaram as lentas badaladas do

relógio da torre da mansão; soaram fora de tempo, e Veraguth pensou que Pierre, que era todo o seu orgulho e o alvo dos seus mais caros e extremosos sentimentos, certamente ordenaria, quando fosse mais crescido, que consertassem aquele velho mecanismo de relojoaria.

Ouviu, de súbito, vozes e passos que vinham do outro lado da sebe, sons que, misturados ao zumbido das abelhas e aos trinados dos pássaros, ao aroma das roseiras e das ervilhas-de-cheiro, soaram doces e suaves na translúcida manhã. Eram sua mulher e Pierre. Veraguth ficou imóvel atrás da sebe, ouvindo atento as vozes.

— Ainda não estão maduras. Terás de esperar ainda alguns dias — ouviu a mãe dizer a Pierre.

A voz do menino, ao responder, soou como alegre gorjeio aos ouvidos de Veraguth; por um breve instante, pareceu-lhe que a verde e aprazível atmosfera do jardim e a alvoroçadamente alegre voz infantil que ecoava com delicadeza na calma tensa dessa manhã estival, provinham de um outro e distante jardim onde transcorrera sua própria infância. Acercou-se mais da sebe e, entre os troncos entrelaçados do roseiral, pôs-se a esquadrinhar com a vista o outro lado do jardim, onde divisou em breve sua mulher, que, trajando um alegre vestido matinal, estava de pé no meio de uma alameda inundada de sol e segurava uma tesoura de jardineiro para cortar flores; enfiada no braço, tinha uma cesta de cor acastanhada. Não estaria a mais de vinte passos da sebe.

O pintor contemplou-a por instantes. Ela era uma figura alta e de porte nobre, revelando no rosto uma expressão grave e desencantada. Inclinando-se para um canteiro florido, as abas de seu amplo chapéu de palha deixaram-lhe o rosto inteiramente na sombra.

— Como se chamam essas flores? — perguntou Pierre.

A luz brincava em seus cabelos castanhos; as pernas nuas do rapaz destacavam-se da claridade do dia, delgadas e morenas de

sol. Quando se debruçou, por sua vez, sobre o canteiro, mostrou pela ampla abertura da camisa, debaixo do pescoço bronzeado, a pele resplendentemente branca do ombro.

— São cravos — disse a mãe.

— Sim, isso eu já sei — respondeu Pierre. — Mas o que eu quero saber é como as abelhas lhe chamam. Na linguagem das abelhas, os cravos também devem ter um nome.

— É claro, mas ninguém pode sabê-lo. Só as abelhas conhecem esse nome, e ainda não o revelaram a nenhum ser humano. Talvez chamem aos cravos flores de mel...

Pierre ficou pensativo por breves instantes.

— Isso não pode ser — decidiu ele, por fim. — Na flor da luzerna as abelhas também encontram mel, e até nas margaridas. É impossível que tenham um único nome para todas as flores.

— Sim, acho que tens razão — disse a mãe, sorridente.

Pierre observou atentamente uma abelha que revoluteava em redor da corola de um cravo; o inseto, agitando velozmente as asas, manteve-se por instantes imóvel no ar e, depois, penetrou rápida e avidamente na rosada concavidade da flor.

“Flores de mel...” pensou Pierre, desdenhoso, conservando-se calado. Já se apercebera desde algum tempo que era impossível saber alguma coisa sobre aquilo que, em sua opinião, era justamente o que havia de mais bonito e interessante à sua volta.

Atrás da sebe, Veraguth continuava a escutar; contemplava o tranquilo rosto de sua mulher e as formosas e delicadas feições do filho predileto; ao pensar em outros verões, quando também o seu primeiro filho tinha sido um menino como aquele, sentiu que o coração se lhe petrificava. A esse já ele perdera... e a mãe também.

O pequeno Pierre, porém, não estava ele disposto a perder; conservá-lo-ia a todo custo. Como um ladrão, espiava agora os movimentos do filho do outro lado da sebe, queria atraí-lo a si e retê-lo para sempre a seu lado; e se, apesar de todos os seus

esforços, o menino acabasse por afastar-se dele, Veraguth não saberia mais o que fazer de sua vida.

Caminhando silenciosamente por um dos caminhos do gramado, o pintor internou-se entre as árvores, na direção do estúdio.

"Nada lucrei com este passeio", refletiu amargamente. Voltou então ao seu trabalho, com redobrada energia. Tendo superado a momentânea inquietação que pouco antes o forçara a abandonar o quadro, e ajudado pela férrea disciplina que se impusera havia muitos anos, Veraguth voltou a encontrar a disposição de ânimo propícia ao trabalho, que não lhe permitia desviar suas forças espirituais para outras esferas e, pelo contrário, concentrava-as todas num ponto desejado.

Como era esperado na residência para o almoço, o pintor abandonou, por volta do meio-dia, suas tintas e pincéis, e começou a se vestir com esmero. Fez a barba, escovou o cabelo e, metido num terno azul de verão, parecia, não mais jovem, é claro, mas, sem dúvida, mais flexível e sadio do que com as desleixadas e sujas roupas com que costumava pintar. Veraguth já apanhara seu chapéu de palha e dispunha-se a abrir a porta do estúdio para sair, quando Pierre lhe apareceu.

Veraguth inclinou-se sobre a cabeça do menino e beijou-o na testa.

— Como estás, Pierre? O professor foi hoje muito severo contigo?

— Oh, nem me fales nisso! Se soubesses como ele é cacete! Quando conta uma história, por exemplo, não penses que é para me distrair um pouco das lições. Nada disso, acaba também por ser uma lição. Arranja sempre as coisas de maneira a tirar uma conclusão: que os meninos bons têm de portar-se assim e assado. E pintaste alguma coisa, papai ?

— Sim, hoje acabei os peixes. Já falta pouco para concluir o quadro. Amanhã poderás vê-lo pronto.

Tornou então o filho pela mão e conduziu-o para fora do ateliê. Nada lhe dava maior prazer, maior sensação de uma felicidade tranquila, nem havia coisa que mais profundamente o comovesse do que sentir que caminhava junto de seu pequeno Pierre. que regulava suas próprias passadas pelo passo miúdo do rapaz, que sentia na sua a mão fina e delicada do filho.

Quando ultrapassaram o parque e se encontraram sob as ramagens pendentes e franjeadas das bétulas do prado, o garoto, olhando à sua volta, indagou: — Papai, as borboletas têm medo de ti?

— Por quê ? Creio que não. Ainda não há muito uma esteve por longo tempo pousada na minha mão.

— Mas agora não vejo nenhuma por aqui. Quando vou sozinho para o teu estúdio e passo por aqui, encontro sempre muitas, muitas borboletas pelo caminho. Chamam-lhes mariposas azuis, eu sei, e elas me conhecem e gostam de mim. Pode-se dar de comer às borboletas?

— Claro que sim. A próxima vez, tentaremos fazê-lo. Teremos uma gota de mel na palma da mão e, com cuidado, sem fazer barulho, conservaremos a mão no ar até que as borboletas se cheguem para beber.

— Boa ideia, papai! Temos de fazer isso! Pedirás então à mamãe que me dê um pouco de mel, não é? Assim ela ficará sabendo de que modo vamos usá-lo, e que não é para qualquer bobagem.

— A mamãe sabe que não fazes bobagens, Pierre.

— Bom ... mas é melhor tu pedires.

— De acordo.

Pierre já se adiantara, correndo; cruzou o portão aberto da casa e o vasto corredor em cuja penumbra fresca Veraguth, ofuscado pela luz forte de fora, procurava ainda às apalpadelas o cabide para pendurar o chapéu e a porta da sala de jantar, onde o filho já estava havia algum tempo importunando a mãe com seus pedidos.

O pintor entrou no amplo salão e estendeu a mão à esposa. Ela era um pouco mais alta do que Veraguth, tinha uma figura vigorosa, saudável mas carente de vivacidade. Era certo que deixara de amar o marido, mas ainda agora a perda de sua juventude e beleza lhe parecia uma calamidade incompreensível, uma desgraça imerecida.

— Podemos ir já para a mesa. O almoço está pronto. — disse ela, numa voz ligeiramente arrastada. — Pierre, vai lavaras mãos, depressa.

— Tenho aqui novidades — disse o pintor, estendendo para a mulher a carta recebida de seu amigo. — Otto chegará em breve, e espero que possa ficar aqui uma boa temporada.

Vê algum inconveniente?

— O Sr. Burkhardt poderá ocupar os dois quartos do térreo. Ali não será incomodado, e poderá entrar e sair a seu bel-prazer.

— Sim, acho que é uma boa ideia.

Hesitante, a Sra. Veraguth atreveu-se a acrescentar: — Pensei que ele viesse mais tarde.

— Iniciou a viagem muito cedo. Eu só soube disso hoje. Melhor assim.

— Quer dizer então que ele estará aqui precisamente quando Albert voltar das férias.

Ao ouvir o nome do filho mais velho, o rosto de Veraguth perdeu o tênue brilho de satisfação que nele se espelhava, e a voz ficou fria.

— Que há com Albert?—perguntou com impaciência. — Ele não pensava fazer uma excursão pelo Tirol com um amigo?

— Não julguei necessário dizer-lhe antes, mas aconteceu que esse amigo foi convidado por uns parentes a passar o verão na fazenda deles e desistiu da excursão com Albert que chegará aqui assim que comecem as férias.

— Sabe se ele pretende ficar aqui as férias todas?

— Creio que sim. Claro que eu própria poderia fazer uma viagem de duas ou três semanas com ele, mas talvez isso fosse

incômodo para você.

— Por quê? Eu me encarregaria perfeitamente de Pierre!

A Sra. Veraguth encolheu os ombros.

— Rogo-lhe que não reatemos essa discussão. Você bem sabe que não posso deixar Pierre sozinho aqui.

O pintor encolerizou-se.

— Sozinho! — exclamou. — Você acha que se Pierre ficar comigo estará sozinho?

— Não posso deixá-lo aqui — repetiu secamente a mulher. — E, além disso, não quero. É inútil voltarmos a discutir sobre isso.

— Ah, era preferível que tivesse dito simplesmente que não quer!

Como nesse momento regressasse Pierre, Veraguth calou-se e, em seguida, foram os três para a mesa. O garoto sentou-se entre os dois seres estranhos um ao outro, que o serviam cada um por seu lado, como era costume. O pai tratou de prolongar o almoço o mais que pôde, visto que, depois da refeição, Pierre ficaria junto da mãe e, sem dúvida, não voltaria a visitá-lo no estúdio nesse dia.

2.

ESTAVA ROBERT num pequeno quarto contíguo ao estúdio, ocupado em lavar um molho de pincéis e godés de porcelana, quando Pierre apareceu na porta e ficou de pé, observando curiosamente os movimentos do criado grave.

— É um trabalho muito sujo — disse o garoto, ao cabo de alguns instantes. — Claro que pintar é muito bonito, mas eu nunca serei pintor.

— Não sei, é um caso para pensar bem—aconselhou Robert. — Se você conseguisse ser um pintor tão famoso como o senhor seu pai...

— Não, nem mesmo assim — replicou Pierre, em tom decidido. — É um trabalho que não me agrada. Para pintar, uma pessoa tem de ficar o tempo todo sujo, e, além disso, o cheiro das tintas é tão forte e desagradável! Gosto desse cheiro, por exemplo, num quadro que foi acabado de pintar e pendurado na parede de um quarto. Aí, o aroma da pintura é mais suave, mas no estúdio é forte demais e me dá dor de cabeça.

O criado observou Pierre atentamente. Na verdade, gostaria de expressar a opinião que tinha a respeito desse menino mimado, pois teria muita coisa a censurar-lhe. Mas quando Pierre se encontrava na sua presença e o olhava nos olhos, não sabia mais o que dizer. O garoto era tão bonito, tão sério e vivo, que só de olhá-lo se ficava com a impressão de que tudo nele era perfeito e irretocável, de modo que o seu ar de aristocrática displicência ou sua precocidade constituíam traços que lhe assentavam perfeitamente, como se não pudesse ser de outra maneira.

— Então o que é que você gostaria de ser? — perguntou Robert. num tom algo sentencioso.

Pierre baixou os olhos para o chão. semicerrando-os, e ficou a meditar por instantes.

— Ah, eu não gostaria de ser uma coisa.certa, entendes? Por ora, já me conformaria com que tivesse acabado o período da escola. No verão gostaria de andar só com roupas

brancas e sapatos também brancos. E te garanto que não verias neles a menor mancha.

— Sim, isso é o que você diz agora—comentou Robert. Mas ainda não faz muito tempo sua mãe lhe comprou um terno branco, e logo no dia em que o estreou apareceu em casa todo cheio de manchas de cerejas e de verde do pasto. E, ainda por cima, perdeu o chapéu de palha, lembra-se?

Pierre assumiu uma atitude arrogante. Fechou os olhos, até formar com as pálpebras uma delgada linha, e, através das pestanas, encarou friamente o criado.

— Na devida oportunidade, mamãe me repreendeu — disse ele, lentamente. — De maneira que não creio que te tenha encarregado de relembrar o caso e mortificar-me com isso.

Robert mudou prontamente de atitude e perguntou: — Então, gostaria de andar sempre de roupa branca? E nunca a mancharia, é isso?

— Isso mesmo. Mas tu não me entendes. Claro que eu não ia deixar de rolar pelo gramado ou de me deitar nos campos de luzernas. Nem de saltar nos charcos ou trepar nas árvores. Só que, quando me portasse como um garoto travesso, ninguém me repreenderia. Simplesmente, eu iria sorrateiro para meu quarto, tiraria a roupa suja e poria um terno limpo e branco, e ficaria outra vez bem vestido. É assim que papai faz quando acaba de pintar e vai almoçar conosco.

Fez uma ligeira pausa e continuou, num tom de meditação: — Sabes de uma coisa, Robert? Eu acho que as repreensões não

adiantam.

— Essa é uma ideia que lhe convém, não? E por que é que não adiantam, quer me explicar?

— Ah, Robert, como você tem a visão curta! Escuta: quando uma pessoa fez alguma coisa errada, quando não se portou bem, ela mesma se dá conta disso e fica envergonhada.

Depois, quando ralham comigo, te garanto que sinto muito menos vergonha do que quando fiz uma coisa que eu sei que não devia fazer, entendes? E também acontece às vezes que me repreendem sem que eu tenha feito nada de errado, só porque não apareci logo que me chamaram ou simplesmente porque mamãe está de mau humor.

— Nesse caso, você tem de calcular quando é que poderá fazer uma maldade com a certeza de que ninguém se dará conta disso. Então ninguém poderá repreendê-lo — disse Robert, rindo.

Pierre não respondeu. Acontecia sempre a mesma coisa. Quando sentia vontade de conversar com uma pessoa adulta sobre o que realmente pensava, o assunto terminava infalivelmente com uma decepção ou humilhação.

— Quero ver o quadro — disse Pierre, num tom que manifestou prontamente a distância que havia entre ele e o criado, de modo que Robert não pôde deduzir se se tratava de uma ordem do pequeno patrão ou de uma súplica. — Vamos, abre a porta do estúdio.

Robert obedeceu. Abriu a porta e deixou Pierre passar, entrando imediatamente atrás do garoto, pois estava rigorosamente proibido de deixar alguém entrar sozinho no estúdio.

No cavalete que ocupava o canto da espaçosa sala e colocado, provisoriamente, numa moldura dourada, via-se o novo quadro de Veraguth. Pierre postou-se diante dele e Robert permaneceu calado e imóvel atrás do garoto.

— Gostas, Robert?

— Claro que gosto. Seria um imbecil se não gostasse de uma coisa tão bonita!

Pierre examinou atentamente a tela.

— Creio — disse pensativamente, a meia voz — que se me apresentassem muitos quadros ao mesmo tempo, de diferentes pintores, eu reconheceria imediatamente os que são feitos pelo papai. Gosto de olhar para os quadros, sobretudo quando são pintados por ele. Mas, para dizer a verdade, as suas obras não me agradam em cheio... Não sei bem o que é, mas ...

— Não diga bobagens! — exclamou Robert, inteiramente escandalizado e olhando com uma expressão de profunda censura para o garoto, que continuava imóvel diante da tela, sem deixar de observá-la.

— Eu não estou dizendo bobagens — replicou Pierre. — Em casa há alguns quadros antigos de que gosto muito mais que deste.

Espero que algum dia os ponham no meu quarto. Por exemplo, de uma paisagem de montanha no momento em que o sol se põe. Tudo está tingido de vermelho, muitas tonalidades de vermelho e ouro, e há umas crianças bonitas e alegres brincando entre flores. Não te parece que esse espetáculo é mais belo do que esse velho pescador, que ainda por cima tem cara de poucos amigos, e essa barca escura e feia?

Robert, que compartilhava intimamente da opinião de Pierre, ficou maravilhado com a argúcia e a franqueza do pequeno, e sentiu grande alegria com isso. Mas não se atreveu a exteriorizar sua concordância nem a secundar abertamente a opinião de Pierre.

— O que acontece — disse ele, atabalhoadamente, para ocultar o embaraço — é que você ainda não entende bem. Vamos agora, tenho de fechar a porta.

Nesse instante, ouviu-se um ruido surdo e trepidante, vindo dos arredores da casa.

— Um automóvel! — exclamou alegremente o garoto, saindo do estúdio. Disparou numa correria pela vereda à sombra dos castanheiros, tomou por um atalho que cortava mais além o espaço aberto dos gramados e saltou por cima dos canteiros de flores.

Ofegante, chegou por fim à pequena praça empedrada que havia defronte da entrada principal da mansão, no momento preciso em que desciam do automóvel seu pai e um senhor desconhecido.

— Olá, Pierre! exclamou Veraguth, tomando-o entre os braços. — Aqui tens um tio que acaba de chegar e ainda não conhecias. Dá-lhe um aperto de mão e pergunta-lhe de onde vem.

Pierre olhou diretamente nos olhos o forasteiro. Estendeu a mão ao homem e, sem deixar de fixar o olhar no rosto bronzeado e nos olhos claros e sorridentes, perguntou obediente:

— De onde veio, tio?

O desconhecido tomou-o nos braços.

— Sabes que me é muito difícil responder direito, Pierre? — disse por fim o homem, pondo-o no chão. — De onde venho? De Gênova, e antes do Suez, e antes de Áden, e antes de ...

— Ah, já sei, da índia! Então é o tio Otto Burkhardt?! Não me trouxe um tigre nem alguns cocos?

— O tigre, ficas sabendo, escapou-me quando eu já o tinha caçado! Mas quanto aos cocos, sim, trouxe alguns, e conchas e livros chineses com estampas.

Atravessaram juntos o vasto portão nobre, e Veraguth conduziu o amigo pela escadaria, apoiando levemente a mão no ombro de Otto, que era um pouco mais alto do que ele.

Quando chegaram ao corredor, veio-lhes ao encontro a dona da casa, que saudou o hóspede com uma cordialidade comedida mas sincera. O rosto jovial e ressumando saúde por todos os poros recordava-lhe os felizes tempos idos. Otto Burkhardt reteve por instantes as mãos dela entre as suas, enquanto a olhava no rosto.

— Os anos não a atingiram, Sra. Veraguth — disse ele, cortesmente. — Conservaram-na muito melhor que a Johann.

— E você é verdadeiramente imutável, Otto — replicou ela, num tom amistoso. — A idade nada quer com você.

O recém-chegado riu.

— Oh, talvez a fachada continue florescente, mas a verdade é que, pouco a pouco, o tempo também vai minando os alicerces. Além disso, continuo solteiro.

— Espero que, desta vez, venha decidido a encontrar esposa.

— Nada disso, senhora. Aí está uma coisa que não farei, pois acho que a minha época já passou. Por outro lado, sou demasiado egoísta para renunciar às minhas viagens a esta bela e sempre sedutora Europa. Certamente sabe que tenho pais e parentes ricos, e que graças a eles posso mexer-me à vontade por esse mundo. Com uma mulher às costas seria difícil viver como agora, e já não me habituaria a uma brusca mudança de meus hábitos e vícios.

— Sobretudo os vícios, não? — disse Veraguth, rindo.

Tinham servido o café no salão particular da Sra. Veraguth.

Beberam café e licor e conversaram uma hora sobre a viagem de Otto, as plantações de borracha e as porcelanas chinesas. No princípio, o pintor mostrou-se algo coibido e silencioso,

pois havia muitos meses que não entrava nos aposentos da esposa. Mas depois animou-se; a mera presença de Otto parecia ter inundado a casa de uma atmosfera jovial, quase infantil.

— Creio que minha mulher gostaria agora de repousar um pouco—disse Veraguth, por fim. — Eu te levarei aos teus aposentos, Otto.

Despediram-se da dona da casa e dirigiram-se então aos quartos reservados ao hóspede. Veraguth tinha dirigido pessoalmente a arrumação dos aposentos do amigo, ocupara-se na disposição dos móveis e na escolha dos livros que deveriam ser postos na estante. Sobre a cabeceira da cama estava pendurada uma fotografia antiga e já um tanto desbotada: era um grupo colegial em que os dois amigos figuravam como colegas. O hóspede, que ao entrar dera logo com ela, aproximou-se da fotografia para observá-la.

— Mas . . . aqui estamos todos os do nosso tempo! Que idade tínhamos então? Quinze, dezesseis anos? — perguntou,

gratamente surpreendido.

— Dezesseis anos, Otto. Não te Lembras?

— É verdade, sim! É isso mesmo! Há uns vinte anos, pelo menos, que não via essa foto! É comovedor, meu caro!

Veraguth sorriu.

— Sim, pensei que gostarias de vê-la. Espero que encontres tudo de que precisas. Queres desmanchar já as malas?

Burkhardt sentou-se, num imenso baú de viagem, com os cantos de metal amarelo, e olhou à sua volta, com um ar satisfeito.

— Está tudo muito bem. Não se poderia exigir mais conforto. E tu, onde vives? Aqui ao lado ou lá em cima?

O pintor pôs-se a mexer no pegador de uma das malas.

— Não — disse em voz baixa e lenta. — Agora vivo lá embaixo, no estúdio. Mandei construir uma casa...

— Depois irei vê-la, claro. Mas... e também dormes lá?

Veraguth abandonou a mala e foi até à janela.

— Sim, também durmo lá.

O amigo, sem dizer nada, ficou pensativo. Depois tirou de um bolso um grosso molho de chaves, que chocalhou ruidosamente.

— Vamos desmanchar as malas, queres? Chama o pequeno, pois tenho a certeza de que ele vai gostar de ver o que sacarmos destes cofres do tesouro do pirata!

Veraguth saiu rapidamente do quarto e voltou pouco depois com Pierre.

— Que belas malas, tio Otto! Já estive observando-as há pouco, quando entravam. E quantos rótulos têm! Um deles tem escrito “Penang”. O que é que isso quer dizer... Penang?

— É o nome de uma cidade da Indochina que já tive de visitar várias vezes. Agora presta atenção e ajuda-me a abrir isto.

Burkhardt deu ao garoto uma chave de quatro dentes e disse-lhe que a metesse na fechadura do baú grande. Os dois levantaram a tampa, e a primeira coisa que se viu foi um cesto de boca para baixo, de finíssimo artesanato malaio. Depois que se viram livres

dos papéis que lhe tampavam a boca, puderam ver dentro, entre trapos e papéis amarrotados, as mais belas e fantásticas conchas do mundo, como só é possível adquirir nos portos exóticos do Oriente.

Pierre recebeu o presente comovido e feliz, a tal ponto que não encontrou palavras que dizer. As conchas seguiram-se um elefante talhado em madeira e um jogo chinês com figuras móveis e grotescas; por último, um rolo de pergaminho de cores gritantes, coberto de estampas chinesas de deuses, demônios, mandarins, guerreiros e dragões.

Enquanto Veraguth ajudava o filho a carregar todas essas coisas, Burkhardt abriu uma das suas malas e começou a distribuir pelo quarto robes de seda, pantufas, roupas brancas, escovas e uma infinidade de utensílios de uso pessoal. Depois, voltando-se para o anfitrião, exclamou animadamente: — Por hoje chega de trabalho. Que venha agora o descanso e o prazer. Que tal se formos agora ao teu estúdio?

Pierre observava atentamente os dois homens e assombrava-se com a expressão alegre e rejuvenescida de seu pai.

— Que contente estás hoje, papai!

— Claro que estou — anuiu Veraguth.

Mas o amigo perguntou: — Isso quer dizer que nem sempre o vês tão alegre, então?

O olhar de Pierre ia, perplexo, de um para o outro.

— Não sei — disse o rapaz, vacilante. Depois começou a rir e declarou, em tom decidido: — Não, nunca vi papai tão contente como hoje.

Pierre saiu do quarto levando a cesta com as conchas orientais. Otto Burkhardt, tomando o amigo por um braço, saiu com ele para o ar livre. Percorreram o parque e chegaram, finalmente, ao estúdio.

— Estou vendo que fizeste edificar uma bonita casa — comentou Otto, assim que divisou a nova construção. — Quando mandaste construí-la, Johann?

— Há uns três anos. O estúdio também ficou mais amplo.

Burkhardt examinava tudo que o rodeava.

— O lago é indescritível! Poderíamos nadar um pouco à tarde, que te parece? Tudo isto é uma beleza! Vamos ver o estúdio. Tens muitos quadros novos?

— Não muitos. Mas terminei um anteontem. Creio que é bom.

Veraguth abriu a porta da espaçosa vivenda. A sala de trabalho estava impecavelmente limpa, o assoalho reluzia e tudo se encontrava em perfeita ordem. No centro do ateliê erguia-se, solitário o quadro recém-terminado. Veraguth e Otto Burkhardt postaram-se, silenciosos, diante dele. A densa atmosfera, fria e úmida, daquele amanhecer chuvoso contrastava violenta mente com a forte luminosidade e o ar cálido, impregnado de sol, que invadia a sala através das grandes janelas abertas.

— Foi o último que pintaste?

— Sim. Terei de mudar-lhe a moldura. Fora disso, creio que nada mais tenho a fazer nele. Gostas?

Os amigos entreolharam-se por instantes, sem trocar palavra, como se estivessem sondando seus pensamentos mútuos. Burkhardt, alto e vigoroso, rosto saudável e olhos quentes e repletos de alegria de viver, estava como um menino grande em frente ao pintor cujo olhar frio e fisionomia austera, angulosa, se destacavam dramaticamente da cabeleira encanecida antes de tempo.

— Acho que é o teu melhor quadro — disse pausadamente o hóspede. — Vi quadros teus em Bruxelas e dois em Paris. Não imaginei que pudesses ter avançado tanto nestes anos.

É impressionante o progresso que fizeste!

— Alegra-me que assim penses. Eu também creio que progredi. Estive bastante ativo e apliquei-me teimosamente ao trabalho. Muitas vezes, penso que antes não passava de um diletante. Só mais tarde aprendi realmente a trabalhar. Agora, creio estar na posse de todos os segredos, e não poderei ir muito mais longe, quer dizer,, fazer melhor do que já fiz.

— Compreendo. Mas o caso é que te converteste numa personalidade célebre. Ouvi falar de ti até nos nossos velhos e ronceiros vapores que chegam ao Extremo Oriente.

E confesso que me senti muito vaidoso de ser teu amigo. O que é que se sente com a celebridade? Uma sensação de contentamento íntimo?

— Não direi contentamento. Simplesmente, acho que mereço o prestígio que conquistei e isso dá-me, como dizer?, dá-me um certo alento, como se uma voz íntima me dissesse:

"Johann, o teu amor-próprio pode agora dormir tranquilo." Vivem hoje três, digamos, quatro pintores que talvez valham mais do que eu e possam criar algo superior ao que eu fiz. Nunca me considerei entre os verdadeiramente grandes. É claro, o que os literatos dizem a meu respeito são apenas disparates que não contam. Tenho direito a que me tomem a sério, e o fato de minha obra ser considerada com respeito me basta. É tudo o que realmente ambiciono. Tudo o mais é fama supérflua, é estar na moda ou uma simples questão de dinheiro.

— Sim, tens razão. Mas, que entendes tu por pintores verdadeiramente grandes?

— São ... bom, são aqueles que, na pintura, eu comparo aos reis e príncipes. Eu seria um ministro ou general. Entendes? Aos artistas como eu não resta outro recurso senão aplicar-se com afinco ao trabalho e tratar de apreender a natureza do modo mais sério e profundo possível. Os reis, entretanto, são os irmãos da própria natureza, seus companheiros diletos, de maneira que podem jogar com ela, tratá-la por tu e até criá-la, ao passo que nós só podemos imitá-la. Mas, é claro, os reis aparecem raras vezes. Apenas dois ou três em cada século.

Veraguth e Otto caminhavam no estúdio de um lado para o outro. O pintor, procurando as palavras, mantinha os olhos baixos; o amigo, que o acompanhava na caminhada, tentava ler no rosto

magro e moreno de Johann, onde as maçãs se salientavam fortemente.

Uma das vezes em que passavam diante da porta do quarto contíguo, Otto deteve-se.

— Abre a porta — pediu ele ao amigo. — Quero ver onde é que dormes. Dás-me um cigarro?

Veraguth abriu a porta e os dois, transpondo-a, penetraram nos aposentos do pintor, divididos em dois quartos relativamente pequenos. Burkhardt acendeu um cigarro, observou a cama simples do amigo e percorreu, com uma olhada, os enfeites do quarto, onde predominavam, espalhados, os utensílios de pintura, os cachimbos e os cinzeiros. O conjunto impressionava pela modéstia, típico de quem leva uma vida de trabalho e ascetismo. Podia ser muito bem a residência de um jovem estudante solteiro, pobre e trabalhador.

— Quer dizer que te instalaste aqui? — disse Burkhardt, secamente.

Mas sua perspicácia bem lhe dizia e fazia pressentir tudo o que acontecera no interior desse quarto, nos últimos anos. Viu com satisfação os objetos que lhe falavam de esportes, de ginástica e de equitação, e notou, preocupado, a falta de todos os indícios materiais de comodidade e bem-estar, de momentos de agradável ócio.

Depois, os dois amigos voltaram ao estúdio. Era ali que nasciam os quadros que iam ocupar lugares de honra nas exposições e galerias de arte de toda a Europa, e que os colecionadores compravam por elevados preços; nasciam ali, naquele recinto que só conhecia trabalho e renúncia, onde não havia um único indício festivo, nada que fosse supérfluo, nenhum adorno, nenhum aroma de vinho ou flores, nenhuma recordação de mulher.

Sobre a cabeceira da cama estavam pregadas na parede, sem moldura, duas fotografias: uma do pequeno Pierre e a outra de Otto Burkhardt. Este, ao vê-la, sentiu-se orgulhoso.

Era uma foto ruim, que o mostrava com seu capacete colonial, defronte da varanda de sua casa na índia; da cintura para baixo, a imagem interrompia-se bruscamente, toldada por listras brancas da luz que velara o negativo.

— Pobre Charlie — disse Otto, apontando com o queixo para a foto. — Era um amador fotográfico desastrado...

— Por que dizes "era”? O teu amigo já morreu?

— Já. O ano passado. Num acidente de caça, segundo dizem. Eu não estava com ele. — Burkhardt sacudiu os ombros. — Mas falemos de coisas alegres, de férias, de ti! Teu estúdio converteu-se num magnífico local de trabalho, Johann. Como tens produzido estes últimos anos! Dá-me a tua mão: quanto me alegra voltar a ver-te!

Chegaram-se a uma das janelas e Burkhardt respirou fundo.

— Acho que vou repousar agora um pouco. Importa-se que eu desapareça por uma hora? Depois, encontramo-nos para nadar um pouco ou fazer um passeio pelo parque, está bem?

— Precisas de alguma coisa?

— Não, nada, obrigado. Ainda os resultados da longa viagem. Daqui a uma hora estarei pronto. Até logo.

Internou-se então entre as árvores, com movimentos decididos, e Veraguth pôde comprovar até que ponto a figura do amigo, seu passo firme e viril, e até a menor prega de seu terno expressavam segurança e tranquila alegria de viver.

Otto Burkhardt chegou depressa à mansão, mas em vez de se dirigir aos seus aposentos, subiu a escada e bateu à porta do salão da Sra. Veraguth.

— Incomodo? Ou poderíamos conversar um pouco?

A dona da casa sorriu; esse breve e desajeitado sorriso pareceu a Otto singularmente deslocado no rosto grave da mulher.

— Rosshalde é um lugar esplêndido, senhora. Já estive percorrendo o parque e vi o lago. E como Pierre está desenvolvido!

É um garoto tão bonito e esperto que quase me arrependo de ser solteiro!

— Está com muito bom aspecto, não é verdade? Acha-o parecido com o meu marido?

— Hum... um pouco sim. Melhor dito, mais do que um pouco. Não cheguei a conhecer Johann na idade de Pierre, mas imagino perfeitamente o aspecto que ele teria aos dez ou onze anos. Quanto ao mais, pareceu-me agora um tanto cansado. Como? Não, estou falando de Johann, claro. A senhora não concorda que, nos últimos tempos, ele tem trabalhado excessivamente?

— Creio que sim — disse ela, com calma. — Johann fala muito pouco de seu trabalho...

— O que é que ele pinta agora? Paisagem?

— Trabalha frequentemente no parque, outras vezes com modelos. Tem visto ultimamente quadros dele?

— Sim, os de Bruxelas.

— Ah, então expôs em Bruxelas?

— A senhora não sabia? — Mas arrependeu-se imediatamente da pergunta e acrescentou, apressadamente: — Johann expôs uma quantidade apreciável de quadros. Trouxe comigo o catálogo da exposição. A verdade é que quero adquirir um deles e desejava muito conhecer a sua opinião.

Otto Burkhardt tirou do bolso um espesso folheto e estendeu-o à Sra. Veraguth, indicando-lhe a pequena reprodução de um quadro. Ela contemplou a figura atentamente, folheou as páginas do catálogo e devolveu-o ao homem.

— Lamento muito, Sr. Burkhardt, mas neste assunto não posso ajudá-lo muito — disse Adele Veraguth. — Terá de decidir por si mesmo, pois não conheço esse quadro. Creio que Johann pintou-o o ano passado nos Pirineus. Por aqui nunca o vi.

Fez uma pausa e, mudando de tema, continuou: — Que belos presentes o senhor trouxe para Pierre! Agradeço imenso a sua gentileza.

— Oh, umas coisas insignificantes ... Espero que me permita oferecer-lhe também alguma lembrança da velha Ásia. Trouxe umas fazendas que muito gostaria de mostrar-lhe.

A senhora mesma escolherá aquela de que mais goste.

Graças aos seus modos joviais e desenvoltos e às suas palavras corteses, ele conseguira arrancar Adele Veraguth de sua atenciosa circunspeção e animá-la um pouco.

Burkhardt saiu e voltou pouco depois carregando nos braços uma grande quantidade de peças de fazenda indiana, de uma leveza e delicadeza extraordinárias, e outras malaias, tecidas e pintadas à mão. Desdobrou sedas e rendas sobre as poltronas e cadeiras; falando com vivacidade, contou como descobrira esta peça num bazar, e como comprara baratíssimo aquela. Explicou como as fabricavam e convidou a mulher do amigo a que ela própria desdobrasse as peças mais bonitas, as examinasse bem, as apalpasse e apreciasse a sua finura. E rogou-lhe, finalmente, que ficasse com elas.

— Que é isso! — exclamou a Sra. Adele, rindo. — Vou deixá-lo na miséria. Não posso aceitar tudo isto.

— Não se preocupe — disse Otto, rindo também. — Acabo de plantar seis mil árvores de borracha na Malásia, de modo que não tardará muito que me vejam convertido num autêntico nababo!

Quando Veraguth chegou para vir buscar o amigo, encontrou-o, para grande surpresa sua, conversando com a dona da casa, num ambiente de cordialidade e franca alegria.

Encantado, notou que ele próprio também estava loquaz e tentou intervir na conversa. Mas o fez desajeitadamente, ao dar uma opinião sobre os presentes, que, na verdade, lhe causaram admiração.

— Ora, não falemos nisso. Quem entende dessas coisas são as mulheres — disse Burkhardt. — Que tal se fôssemos agora ao banho?

Ambos saíram para o parque.

— Verdadeiramente, mal se notam os anos passados em tua mulher. Está quase como a vi da última vez — começou a dizer Otto, enquanto caminhavam. — Parece-me que ficou satisfeita com os presentes. Em resumo, tudo está em perfeita ordem na tua casa. Falta apenas teu filho mais velho. Que é feito dele?

O pintor encolheu os ombros e franziu o cenho.

— Vais vê-lo em alguns dias. Está para chegar de férias, como te disse na minha carta.

Estacou bruscamente, inclinou-se para o amigo, colocando-lhe uma mão no ombro e fixando seus olhos nos dele.

— Já verás tudo, Otto, tudo. Não será preciso que eu te fale de certas coisas. Já verás. Quero que estejamos todos alegres enquanto durar a tua permanência aqui. Agora vamos para o lago. Quero disputar contigo uma corrida de natação, como nos bons tempos.

— Vamos! — concordou Burkhardt, que parecia não se dar conta do nervosismo do amigo. — E é claro que me ganharás, meu caro, uma coisa que nem sempre acontecia antes.

É uma desgraça, mas a verdade é que a barriga me cresceu escandalosamente.

A tarde começara a cair. O lago estava envolto em sombras.

Nas copas das árvores brincava uma tênue brisa e, suspensas da estreita faixa de céu azul que o espaço de água do lago deixava livre de arvoredo, vogavam pequenas nuvens de tonalidades violáceas, dispostas em filas apertadas e longilíneas, todas idênticas, a que o povo costuma chamar carneirinhos. Os dois homens chegaram à barraca de banho, meio escondida entre a vegetação alta e cujo ferrolho não conseguiram abrir.

— Não tem importância — disse Veraguth. — Está enferrujado e dá uma trabalheira para abrir. A verdade é que nunca nos servimos da barraca.

Começou logo a despir-se e Burkhardt imitou-o. Quando, já prontos para se jogarem na água, aproximaram-se da beira do lago

e introduziram a ponta do pé na água tranquila, para experimentar a temperatura, sentiram-se ambos invadidos, ao mesmo tempo, de um feliz e doce alento que os transportava aos distantes e despreocupados dias da juventude.

Assim permaneceram alguns instantes, sentindo com prazer o calafrio que lhes percorreu o corpo, aquele delicioso tremor que precede o mergulho enquanto sentiam a alma se abrir, lentamente, ao caudal verde e claro dos tempos estivais da mocidade. Calados e entregues a essa branda emoção incomum, meteram os pés na água e, levemente perturbados, contemplaram os círculos que se formavam e extinguiam rapidamente no espelho verde-escuro do lago.

De súbito, Burkhardt mergulhou, num movimento rápido e decidido.

— Ah, está uma delícia! — exclamou ele, suspirando satisfeito. — Além disso, parece-me que ainda estamos numa forma bastante apresentável e, excluindo minha barriga somos dois jovens em condições físicas muito decentes.

Veraguth riu.

— Prosápia, pelo menos, não te falta, meu caro!

Otto nadou em fortes braçadas, agitando rapidamente os braços fora da água, e, por último, submergiu completamente no lago.

— Tu próprio não sabes o bem que possuis! — exclamou Otto, quando voltou à superfície, resfolegando. — Através das minhas plantações na índia corre o mais belo dos rios que meus olhos já viram. Só que, se meteres nele um pé nunca mais o verás. Está infestado dos malditos crocodilos. Vamos nadar até àquela escada, queres? E voltar aqui. De acordo? Um ... dois ... três!

Lançaram-se ruidosamente na corrida, risonhos, mantendo um ritmo compassado e vigoroso de braçada. Contudo, soprava sobre eles um hálito dos jardins de sua juventude, e não tardou que começassem a competir seriamente. As fisionomias ficaram tensas.

os olhos brilhantes e os braços intensificaram o ritmo, em movimentos precisos e largos. Chegaram a par à base da escada, deram a volta juntos e iniciaram o caminho de regresso. Num instante, o pintor adiantou-se, com vigoroso ímpeto, conservou a vantagem e chegou um pouco antes do amigo ao ponto de onde haviam saído.

Ofegantes, o corpo reluzente e esfregando os olhos, deixaram-se ainda ficar quietos na água, rindo um para o outro, silenciosos e felizes. E pareceu-lhes que só nesse momento voltavam a ser os velhos camaradas de outrora e começava a dissipar-se aquele pequeno mas inevitável abismo que se cria com o tempo e a distância entre dois seres que, por não se verem assiduamente, acabam se considerando algo estranhos.

Já vestidos, rosto fresco onde se espelhava uma sensação de serena alegria, sentaram-se os dois amigos nos degraus lisos da escada que descia até à água. Contemplaram por longo tempo o espelho da água, que se ofuscava lentamente na luz do crepúsculo e ia ficando escuro e impenetrável, como se tivessem lançado uma cortina sobre os reflexos das árvores e nuvens para conservá-los no seio frio do lago até um novo amanhecer. Do lado da pequena baía ovalada, circundada de abetos e chorões, o céu já estava quase negro.

Comeram avidamente as gordas e vermelhas cerejas arrebatadas das mãos do criado, que as trouxera numa bandeja, e de coração leve ficaram aguardando o cair da noite, até que o sol, mergulhando profundamente no horizonte, acendeu labaredas rubras e douradas entre as ramarias e nas asas cristalinas das libélulas. Passaram mais de uma hora conversando sem pausa e sem dar pelo correr do tempo sobre a época em que ambos eram colegiais: recordaram colegas, professores e o que seria de cada um deles.

— Santo Deus — disse Otto, com sua voz tranquila. — Há quanto tempo foi tudo isso! Sabes o que é feito de Meta Heilemann?

— Ah, a Meta Heilemann! — exclamou Veraguth. — Que bonita garota! Todos os meus cadernos escolares estavam cheios de retratos dela, que eu desenhava às escondidas. Nunca cheguei a desenhar bem os seus cabelos. Tinha uma cabeleira maravilhosa, lembras-te? Usava duas tranças grossas enroladas dos lados do rosto.

— E não tiveste mais notícias dela?

— Nunca mais. Quando voltei da primeira vez de Paris, ela estava para casar com um advogado. Encontrei-a na rua com um irmão, e só eu sei até que ponto fiquei furioso comigo mesmo. Imagina que, mal a vi, pus-me vermelho como um pimentão e, apesar dos meus bigodes e desenvoltura parisiense, comportei-me como se fosse de novo um pequeno colegial encabulado! E só porque se chamava Meta, calcula! Não pude resistir ao fascínio daquele nome!

Burkhardt meneou sonhadoramente sua cabeça redonda.

— Nunca estiveste verdadeiramente enamorado dela, Johann. Era mais uma emoção estética do que outra coisa. Para mim, contudo, Meta era uma criatura magnífica. Que se chamasse Meta ou Eulália, era um pormenor que não tinha importância alguma. Por um olhar dela, eu bem me atiraria sem vacilar ao fogo.

— Oh, eu acho que também estava enamorado. Uma vez, ao sair da escola atrasei-me propositadamente para ver Meta sair também. Eu estava sozinho e não pensava senão na moça, no que poderia dizer-lhe quando ela aparecesse, de modo que pouco estava ligando se chegasse tarde a casa e fosse castigado por isso. De repente, vejo Meta caminhando na minha direção, junto à parede do colégio. Vinha de braço dado com uma amiga. Imediatamente imaginei como seria magnífico se eu estivesse ali, no lugar da amiga, tomando-a pelo braço e tão pertinho dela. Mas tu sabes como eu sempre fui um tanto encabulado. Nesse instante, senti uma tão grande perturbação que não fui capaz de proferir palavra e fiquei sei lá quanto tempo encostado à parede, imóvel como uma estátua.

Quando cheguei a casa, o portão já estava fechado, tive de tocar a campainha e aplicaram-me uma hora de castigo.

Burkhardt sorria e pensava que já muitas vezes, em seus raros encontros, ele e Veraguth tinham recordado em comum aquela Meta Heilemann de seus primeiros amores. Antes, na juventude, cada qual ocultara com todo o cuidado e astúcia seu amor pela garota. Sabiam-se rivais, mas tratavam de escondê-lo com a maior diplomacia, temerosos de que isso pudesse ser o pomo de discórdia numa amizade que prezavam acima de todas as coisas. Só muitos anos depois, já homens feitos, tinham desvendado mutuamente seus segredos e sentimentos respectivos. Contudo, ainda agora havia alguns pormenores mantidos em sigilo. Otto Burkhardt recordou que, naquele tempo, tinha guardado e reverenciado durante meses uma luva de Meta que ele encontrara ou, melhor, havia roubado à moça, sem que tivesse contado coisa alguma sobre isso ao seu amigo e confidente. Por um instante, pensou se não seria agora o momento oportuno de revelar a Veraguth toda a história em torno dessa luva, mas acabou por sorrir maliciosamente e nada dizer, pois pareceu-lhe encantador guardar para si, ainda por algum tempo, o segredo que envolvia aquela recordação da luva, o último que ainda ficava por compartilhar.

3.

BURKHARDT ESTAVA comodamente instalado num cadeirão de vime, um panamá jogado um pouco para trás protegendo-lhe a cabeça do sol forte; segurava nas mãos uma revista que lia enquanto fumava, banhado pela luz crua que penetrava no acolhedor pátio ajardinado do lado oeste do estúdio. Perto de Burkhardt, sentado num banco desmontável e muito baixo, encontrava-se Veraguth, diante do cavalete. Na tela já se via, perfeitamente delineada, a figura do leitor; as grandes manchas de cor destacavam-se nítidas, e todo o quadro estava impregnado de uma atmosfera prazenteira, efusiva, repleta de cores claras, suaves e de uma luminosidade magistralmente medida. Veraguth pintava, nesse momento, o rosto do amigo. Recendiam no pequeno pátio um cheiro forte de pintura a óleo e o perfume aromático do charuto havana. Por entre a folhagem, os pássaros soltavam breves trinados do meio-dia e cantavam, vez por outra, um tanto preguiçosos e sonhadores. Pierre, de cócoras e tendo à sua frente um imenso mapa-múndi, percorria com o fino indicador a superfície de papel.

— Não adormeças agora! — gritou o pintor para o amigo.

Burkhadt olhou para ele, sorridente, e sacudiu a cabeça.

— Ainda não estou dormindo. — Depois, dirigindo-se ao garoto. — Onde estás agora, Pierre?

— Espera, tenho de ler — respondeu Pierre, começando a soletrar um nome escrito no mapa. —- Estou em lu ... em Lucer... Lucerna. Há um grande lago ou um mar, não sei. Será maior que o nosso lago, tio?

— Oh, sim, muito maior! Será umas vinte ou trinta vezes maior. Tens de ir vê-lo.

— Claro que sim. Quando eu tiver automóvel, irei a Viena e Lucerna, e ao Mar do Norte, e também à índia, onde o tio tem a sua casa. Estará em casa quando eu for visitá-lo?

— Evidentemente, Pierre. Sempre estou em casa quando chegam os meus hóspedes. Verás o meu macaquinho. Chama-se Pendenk, e não tem rabo. Em compensação, tem barbichas brancas como a neve e listras vermelhas no focinho. Depois, embarcaremos na minha lancha, levaremos um funil e, passeando pelo rio, caçaremos um ou dois jacarés. Que te parece a ideia?

Pierre, fascinado, agitava alegremente o corpo esbelto e delicado. Burkhardt continuou a falar de suas andanças pelas selvas da Malásia, e falava tanto e tão bem que o pequeno acabou por cansar-se e não foi capaz de continuar acompanhando as descrições do homem. Voltou a examinar distraidamente o mapa: seu pai, contudo, escutava com a maior atenção as animadas imagens do amigo, que descrevia tudo com vivas cores, numa voz dolente e cheia, as caçadas, as cavalgadas, as excursões em lancha, as pequenas aldeias de cules, cujas casas eram construídas de grossas hastes de bambu, as garças reais e os macacos, as águias e as borboletas enormes, e a vida serena que levava, afastado do mundo civilizado, em plena selva tropical. E descreveu tudo isso de um modo tão sedutor que Veraguth imaginava um exuberante país paradisíaco, bem-aventurado, ébrio de luz e cores fantasticamente vivas. E Otto Burkhardt falou dos enormes rios silenciosos que deslizavam pela selva virgem e insondável, dos bosques de samambaias altas como árvores, das vastas e ondulantes campinas cobertas de pastos da altura de um homem; falou dos poentes, verdadeiras apoteoses de cor à beira-mar, das ilhas de coral, dos vulcões azuis, das chuvas brutais, furiosos dilúvios que arrasam tudo na sua passagem, e das flamejantes tempestades elétricas que surgem, repentinamente, no mais puro e

azul céu estival; do letargo contemplativo dos homens nos ardentes dias de verão, passados nas varandas sombreadas das casas das plantações; falou do formigar incessante das multidões nas ruas das cidades chinesas e das horas de paz e silêncio que os malaios passam nos austeros e lisos pátios de pedra de suas mesquitas.

A imaginação de Veraguth voltou a deleitar-se, como já tantas vezes lhe acontecera, nas imagens da terra distante em que vivia seu amigo dileto, sem saber até que ponto essa sua nostalgia silenciosa, esse difuso sentimento de avidez pelas suas belezas respondiam às intenções secretas de Burkhardt. O que provocava na alma do pintor essa ânsia confusa e mal definida não eram apenas as imagens cativantes dessas regiões e ilhas encantadas, nem o fulgor iridescente dos mares tropicais, a exuberância das selvas e seus impetuosos caudais de água ou o pitoresco policromo de suas gentes. O que sobretudo o atraía, e embelezava em maior grau essas paragens, era a distância, a paz de espírito de um mundo em que suas mágoas e sofrimentos atuais, suas infelicidades e lutas íntimas de todos os dias certamente teriam de empalidecer, de manter-se longe dele, por assim dizer, graças àquele alheamento que só a distância é capaz de gerar — um mundo em que as centenas de contrariedades e frustrações cotidianas que lhe afogavam o coração teriam de se desvanecer assim que ele penetrasse em uma nova atmosfera, pura, inocente, sem as dores e constrangimentos tão seus conhecidos.

Assim transcorreu a tarde. As sombras avançaram lentamente. Pierre já fora embora havia algum tempo. Burkhardt, pouco a pouco, acabara emudecendo e cochilava tranquilamente. Veraguth fechou, por instantes, os olhos fatigados, deixou pender as mãos e abriu generosamente sua alma, com um sentimento quase dolorido, à profunda serenidade daquela hora, à vizinhança do amigo querido, à sensação de fadiga que o invadia com uma espécie de torpor ou embriaguez, após um dia de trabalho em que seus nervos tinham estado tensos durante horas a fio. Esse estado, essa embriaguez

que o trabalho lhe insuflava e a que se entregava incondicionalmente, de corpo e alma, constituía desde vários anos o seu mais profundo gozo, o único consolo verdadeiro de sua vida. E esses momentos de distensão e abandono, quando fechava os olhos e largava os pincéis, assemelhavam-se ao estado quase vegetativo que sobrevêm entre a vigília e o sono.

Veraguth levantou-se cautelosamente, para não despertar Burkhardt, e levou a tela, com precaução, para dentro do estúdio. Despiu o blusão de trabalho, lavou as mãos e refrescou os olhos cansados com água fria. Um quarto de hora depois estava novamente lá fora, junto a seu adormecido hóspede. Observou-o por instantes e despertou-o com o antigo assovio de vinte e cinco anos atrás que os dois empregavam como sinal e aviso secreto.

Burkhardt levantou a cabeça, sobressaltado.

— Bom, já que tiraste um bom cochilo — disse Veraguth, alegremente — poderias agora contar-me um pouco mais das terras onde vives, pois, enquanto pintava, não pude ouvir-te com toda atenção. Não disseste que tinhas trazido contigo algumas fotos? Que tal se as mostrasses agora?

O empenho de Veraguth começava a intrigar deveras o amigo, que se enchia de alegres pressentimentos.

— Claro, claro. Se assim queres. Vamos.

Otto Burkhardt aguardara pacientemente esse momento. Havia muitos anos que o seu mais veemente desejo era fazer com que Veraguth viajasse para o Extremo Oriente e passasse uma longa temporada em sua casa. Pensando que essa estada em Rosshalde talvez fosse a oportunidade decisiva de satisfazer tal intento, Otto realizara alguns preparativos destinados a demover as últimas resistências do amigo. Quando os dois homens se sentaram lado a lado, num sofá do quarto de Burkhardt, e começaram a falar sobre a índia, o hóspede tirou álbuns e cadernos repletos de fotografias de um malote que parecia inesgotável. O pintor estava maravilhado com a profusão e a beleza de panoramas. Burkhardt permanecia

calado, fingindo não dar grande importância às fotos, mas sem tirar os olhos do rosto do amigo e procurando ler na sua expressão as reações que elas provocavam.

— Mas que beleza de vistas! — exclamou o pintor, fascinado. — Foste tu que tiraste as fotos?

— Algumas, sim. Mas a maior parte foi batida por amigos meus. — E acrescentou, num ar displicente: — Bem, eu só queria dar-te uma impressão muito geral do aspecto aproximado do mundo em que vivo...

E enquanto falava foi reunindo as fotos, com gestos negligentes. Não podia Veraguth imaginar quanto trabalho e esforço custara ao amigo reunir uma tão completa e opulenta coleção fotográfica. Durante algumas semanas, contratara um jovem fotógrafo inglês de Cingapura e, mais tarde, um japonês de Bangcoc, tendo alojado ambos em sua casa, onde fizeram seu quartel-general. Daí partiam os dois profissionais, na companhia de Burkhardt, em extensas viagens e excursões que o levaram desde o litoral de Coromandel às florestas virgens de Uttar Pradesh, para recolherem em suas máquinas tudo o que podia ser considerado belo e digno de admiração. Os negativos tinham sido embalados com as maiores precauções e enviados para a cidade onde, por fim, Burkhardt encomendou a revelação e as cópias ampliadas que estava agora exibindo para o amigo. Essas fotografias constituíam a isca do anzol de Burkhardt, que, emocionada, via como Veraguth, embora mantendo sua expressão fechada, onde não deixava transparecer emoções, estava engolindo o engodo. Mostrou-lhe vistas de casas, ruas e aldeias asiáticas, os templos de Tiruvanamali em Lingaraja, as margens do Ganges em Benares, fotos das fabulosas cavernas de Balu, em Kuala Lumpur, das gigantescas e formosas canteiras de mármore na região de Ipoh. E quando Veraguth lhe perguntou se não teria também fotografias dos nativos de cada uma dessas regiões, Otto mostrou-lhe retratos de malaios, chineses, árabes, javaneses, atléticos e seminus cules dos portos,

velhos e ressequidos pescadores, bonzos de cabeça raspada, caçadores, agricultores do delta do Mekong, tecelões de juta do Malabar e de seda e algodão de Madras, mercadores turcomanos, belas mulheres de corpo coberto por saris e joias de ouro e pedrarias, grupos de crianças nuas e bronzeadas, pescadores e suas redes, tocadores de flauta com grandes argolas nas orelhas, bailarinas javanesas com deslumbrantes corpetes engastados de prata. Também havia fotos de todas as espécies de palmeiras, bananeiras de largas folhas exuberantes, de recônditos lugares das selvas em que se via uma vegetação enroscada e inextricável, templos sagrados surgindo no meio de bosques, lagos e viveiros de tartarugas, hipopótamos em úmidos arrozais, elefantes domesticados em pleno trabalho e elefantes selvagens banhando-se nos rios e jogando água para o céu com suas trombas ruidosas.

Veraguth examinou, uma por uma, todas as fotografias. Colocou de lado muitas delas, após uma breve observação; pôs outras à parte, comparando-as entre si e considerando, com olhar atento, o rosto e a figura das gentes que desfilavam ante seus olhos. Pediu pormenores a Burkhardt sobre algumas, perguntou a que horas tinham sido feitas, calculou o comprimento das sombras, à medida que ia caindo numa contemplação cada vez mais profunda.

— Eu poderia pintar tudo isso—murmurou ele, entre dentes, como se falasse consigo próprio.

— Bom, por ora chega de fotografias — disse Otto, como se aquilo o entediasse.

Veraguth suspirou fundo.

— Sim, mas ainda terás de me contar muita coisa. Sabes que é esplêndido ter-te aqui comigo? Vem, vamos passear um pouco. Quero mostrar-te um panorama encantador.

Com um ar animado e sentindo que se haviam dissipado os últimos vestígios de cansaço, Veraguth começou a andar com Burkhardt na direção do prado, pela estrada em que vinha, em

sentido contrário, uma pesada carroça carregada de feno. Veraguth aspirou fundo, com delícia, o intenso e cálido aroma do feno, que imediatamente despertou nele uma recordação.

— Lembras-te, Otto — perguntou sorridente — daquele verão que passamos juntos no campo, depois do meu primeiro semestre de estudos na Academia de Belas-Artes? Nessa época, eu só pintava feno, nada mais que feno, lembras-te? Durante duas semanas, esforcei-me por pintar umas medas de feno, mas em vão: não acertava com as cores precisas. Ah, quanto trabalho me deu esse cinzento opaco e descolorido do feno! Quando, afinal, consegui, não era ainda a tonalidade certa e bastante delicada, mas já sabia que o caminho para lá chegar estava na mistura do vermelho com o verde. Fiquei tão alvoroçado com essa descoberta que não via mais nada digno de ser pintado senão feno e mais feno. Ah, são na verdade inexprimíveis esses momentos em que, pela primeira vez, experimentamos, erramos, voltamos a experimentar, esforçamo-nos por encontrar a solução e, de repente, conhecemos o êxito! Sente-se vontade de gritar e chorar!

— Creio que uma pessoa nunca para de aprender — opinou Burkhardt.

— Claro que não. Mas as coisas que agora pretendo realizar e exprimir não têm relação alguma com o saber técnico. De uns dois anos para cá costuma acontecer-me, cada vez mais frequentemente, que, diante do aspecto das coisas, ponho-me de súbito a sonhar e a evocar os tempos da minha infância. Nessa época, eu via o mundo de um modo diferente de agora. O meu mais ardente desejo, hoje em dia, é pintar algo segundo a minha visão desses dias passados. Por vezes, acontece-me, durante um par de minutos, vislumbrar subitamente nas coisas aquela simplicidade e plenitude de outrora, mas a minha visão é fugaz, demasiado fugaz, e isso não é bastante para pintar. Há, atualmente, muito bons pintores, temperamentos inteligentes e sutis, velhos senhores que reproduzem o espetáculo do mundo tal como o veem, até às

maiores minúcias. Mas não há um só que pinte o que vê com os olhos frescos, apaixonados, de um menino; os que tentam fazê-lo apenas conseguem revelar, a maior parte das vezes, sua condição de maus artesãos.

Perdido em seus pensamentos, arrancou uma perpétua da borda do caminho e ficou a contemplar demoradamente suas tonalidades azuis e rosadas.

— Estou te aborrecendo, não? — perguntou bruscamente, olhando com ar desconfiado para o amigo, como se despertasse de um sonho.

O outro sorriu, sem dizer palavra.

— Escuta! — prosseguiu então o pintor. — Um dos quadros que eu gostaria de pintar seria um ramo de flores campestres. Minha mãe sabia fazer com essas flores ramos tão primorosos como nunca mais vi iguais. Por isso, possuía ela um temperamento todo especial. Minha mãe era como uma criança, estava quase sempre cantando, seu andar era ligeiro e esbelto, e quando passeávamos pelos campos ela cobria-se com um enorme chapéu de palha castanho. Nos meus sonhos, é sempre assim que a vejo, nunca de outro modo. O que eu gostaria de pintar agora era um desses ramos que ela fazia com tanto gosto: perpétuas e milfuradas, combinadas com margaridas, minúsculas campainhas rosadas, e verdes espigas de aveia. Compus centenas de ramos com essas flores silvestres, levei-os para casa, com a ideia de pintá-los, mas nenhum deles era o que eu queria realmente reproduzir. Como explicar-te? Faltava-lhes a singela fragrância dos ramalhetes que minha mãe preparava. Por exemplo, ela não gostava das aquilégias brancas. Só escolhia aquelas, muito finas e raras, que tinham uma leve tonalidade lilás. Era capaz de ficar uma tarde inteira escolhendo entre milhares de aquilégias, antes de decidir quais fariam parte do conjunto.

Ah, não sei realmente como te explicar! Não poderás compreender...

— Sim, entendo muito bem — disse Burkhardt.

— Se soubesses! Às vezes passo dias pensando nessas flores. Sei perfeitamente como tem de ser o quadro. De modo nenhum será uma dessas tão vulgares naturezas-mortas vistas pelo olho experiente, quase mecânico, de um bom observador e simplificadas pela arte perspicaz de um bom pintor. Tampouco será uma dessas peças sentimentais para colocar no toucador de uma donzela, feitas frequentemente por esses artistas a que costumam chamar de intimistas. Meu quadro terá de ser totalmente ingênuo, terá de ser a visão de um menino bem-dotado, nada estilizado mas repleto de simplicidade. O quadro da manhã enevoada e dos peixes, que viste no estúdio, representa, certamente, o oposto daquilo que me proponho agora criar, mas... acaso serão duas coisas irreconciliáveis? Por acaso se excluem? Ah, ainda quero pintar muito, muito.

Veraguth, guiando o amigo, tomou por um estreito atalho cuja inclinação suave levava ao cimo de uma colina aprazível e de contornos arredondados.

— Presta agora atenção — avisou ele, numa voz excitada, enquanto farejava o ar à sua frente, como um caçador prestes a levantar sua caça. — Presta atenção antes de chegarmos ao alto. É o que eu quero pintar no próximo outono.

Chegaram ao alto da colina. Diante deles, oferecia-se à vista um bosque atravessado pelos raios oblíquos do sol da tarde, no meio do claro espaço livre da pradaria. Sob as altas faias desembocava uma vereda no ponto onde se via um banco de pedra coberto de musgo; seguindo por esse caminho, o olhar encontrava uma ampla perspectiva; por cima do banco e através do túnel obscuro formado pelas copas das árvores, abria-se um fundo e luminoso panorama na distância, um vale coberto de pastos e matarias espessas, um rio sinuoso que brilhava com reflexos azul-esverdeados e, ainda mais além, as silhuetas esfumadas das serranias que pareciam desdobrar-se até ao infinito.

Veraguth estendeu o braço para a vista panorâmica.

— É o que eu vou pintar, assim que as faias comecem a ganhar alguma cor. Naquele banco, Pierre ficará sentado à sombra, de modo que, sobre sua cabeça, possa ser visto o vale do fundo, em toda a sua claridade.

Burkhardt escutava em silêncio o amigo, com o coração alagado de compaixão. “Como me mente!”, pensava, com um sorriso mal dissimulado. “Como fala de trabalhos e projetos!

Antes nunca fazia isso. Parece como se quisesse enumerar cuidadosamente tudo quanto poderia constituir para ele um motivo de alegria, tudo o que poderia ainda reconciliá-lo com a vida.”

Otto Burkhardt conhecia muito bem o amigo, de modo que não o contradisse. Sabia que essa atitude de Johann não poderia durar muito, que só persistiria até que lograsse desafogar toda a dor acumulada durante anos em seu coração, dor que acabara por tornar-se insuportável, por causa do seu silêncio forçado.

E, assim, Otto continuava a caminhar ao lado do velho amigo, assumindo um ar de abandono e sentindo-se tristemente perplexo diante do espetáculo de um homem tão superior por poder converter-se, graças a seu talento, numa criatura quase pueril, vítima da infelicidade, que percorria de olhos vendados e mãos atadas seu caminho cheio de espinhos.

Quando, no regresso a Rosshalde, perguntaram por Pierre, disseram-lhes que o menino tinha ido com a Sra. Veraguth à cidade, para esperar o trem em que chegava o jovem Albert.

4.

ALBERT VERAGUTH caminhava, em vivas passadas, de um extremo ao outro do salão de música de sua mãe. À primeira vista, parecia muito com Johann Veraguth, sobretudo porque tinha os mesmos olhos; mas um exame mais atento revelava maior semelhança com a mãe, que, em pé e apoiada no grande piano de cauda, acompanhava o vaivém do filho com olhos carinhosos. Num momento em que ele se aproximou, Adele Veraguth pousou ambas as mãos sobre os ombros do filho e reteve-o junto de si, fazendo-o voltar o rosto para ela. Sobre a testa ampla e pálida do jovem caía uma espessa mecha de cabelos louros; seus olhos chamejavam numa expressão de revolta; e a boca, bem delineada e carnuda, crispava-se num trejeito de furor.

— Não, mamãe! — exclamou Albert, nervosamente, enquanto se desprendia dos braços maternos. — Bem sabes que não me é possível ir vê-lo! Isso seria representar uma farsa indecente. Ele sabe que lhe tenho ódio, e, por sua vez, ele também me detesta. Diz o que quiseres, mas é inútil.

— Odiar! — disse a Sra. Veraguth, num tom severo de admoestação. — Que palavra repugnante, sobretudo na boca de um jovem! É com essas coisas intempestivas que destróis tudo, Albert! Não te esqueças que é teu pai, e que já houve um tempo em que te amou entranhadamente. Proíbo-te de voltares a falar como o fizeste agora.

Albert ficou imóvel diante da mãe, fulminando-a com o olhar.

— Claro que podes me proibir de falar, mas isso altera, por acaso, a situação real'* Poderei sentir-me grato pelo que ele fez por mim? A ti, arruinou a vida. A mim, o lar que eu julgava possuir.

Transformou nossa alegre e bela Rosshalde num lugar de mal-estar e decadência. Aqui se desenrolou a minha infância, mamãe. Aqui cresci. E quantas vezes, de noite, sonho com meus antigos aposentos, com os corredores da casa, os jardins, as cavalariças, o pombal! Não tenho outro lar a que possa amar, com que possa sonhar, pelo qual possa sentir nostalgia. E tenho de viver em lugares que me são estranhos, como um exilado, um proscrito. Nem posso sequer convidar um amigo durante as férias, para que não se aperceba da espécie de vida que levamos em Rosshalde! Cada pessoa que me conhece e ouve meu nome desfaz-se em elogios ao meu pai célebre, o artista, o gênio, o grande homem! Ah, mamãe, como eu teria preferido mil vezes não ter pai nenhum, nem Rosshalde, nem fama. .. que fôssemos pobres, que tu tivesses de dar lições ou costurar, e eu ajudar-te a ganhar dinheiro!

Adele Veraguth aproximou-se do filho, obrigou-o a sentar-se numa poltrona e, sentando-se ela própria nos joelhos de Albert, arrumou-lhe os cabelos que pendiam sobre a testa.

— Assim — disse a mãe, com sua voz tranquila e profunda, cujas inflexões infundiam em Albert uma sensação de lar e seguro asilo — disseste tudo o que tinhas a dizer, não é isso? Muitas vezes, é bom uma pessoa desafogar, exprimir tudo o que sente. Convém saber com exatidão as coisas que nós próprios temos de superar. Mas é perigoso exacerbar aqueles sentimentos que nos causam dano, meu filho. És quase um homem, e alegro-me por isso. És meu filho e sempre o serás, mas, escuta, vejo-me tão só, estou sempre cheia de tédio e desânimo! Preciso também de um amigo forte e digno da minha confiança, e é isso o que pretendo que chegues a ser para mim. Contigo quero tocar piano a quatro mãos, contigo quero passear pelos jardins. Quero que, juntos, velemos pelo futuro de Pierre. Que viajemos juntos e gozemos de belas férias. Mas é preciso que sejas mais sereno, que não tornes as coisas mais difíceis do que elas já são. Caso contrário, não terei outro remédio senão pensar que ainda és um adolescente, e serei obrigada a

esperar até encontrar um amigo autêntico e inteligente, de que tenho tanta necessidade.

— Sim, mamãe, por certo. Mas, para ser teu amigo, terei de silenciar sempre a respeito daquelas coisas que me fazem sentir infeliz?

— Sim, Albert, é o melhor. Bem sei que não é fácil e que, afinal, não se pode pedir tal coisa a uma criança. Mas, acredita, é o melhor que se pode fazer, nas circunstâncias.

— Tentarei, mamãe... — disse o rapaz, contrafeito.

— Tens namorada?—perguntou a Sra. Veraguth, de chofre.

— Não, mamãe. Ainda é cedo para pensar nisso. Não te preocupes, que ainda me terás a teu lado muito tempo.

— Bom, queres tocar agora alguma coisa comigo?

— Com muito gosto. Beethoven, a Segunda, queres?

Mal tinham começado a executar a peça ao piano quando a porta do salão se abriu devagarinho e Pierre deslizou sorrateiramente, indo sentar-se numa poltrona, onde ficou silencioso, escutando a música. Com ar pensativo, pôs-se a observar o irmão, sua nuca sobre o colarinho esportivo, o ágil movimento das mãos no teclado e a cabeça que balouçava ao ritmo da música. Nesse momento, em que não podia ver-lhe os olhos, o pequeno encontrava em seu irmão grande semelhança com a mãe.

— Gostas? — perguntou Albert, numa pausa que fizeram na execução.

Pierre acenou afirmativamente, mas em seguida voltou a sair do salão, da mesma maneira discreta como entrara. Na pergunta de Albert, ele percebera algo daquele tom com que, segundo a sua experiência, as pessoas crescidas costumam dirigir-se, às vezes, às crianças, um tom de cordialidade ilusória, de complacência e arrogância mal dissimulada, que Pierre não podia suportar. Para ele, a chegada do irmão mais velho era um acontecimento que o enchia de alvoroço; esperara-o até com ansiedade e saudara-o com muita

alegria na estação da estrada de ferro. Esse tom, porém, era algo com que não estava disposto a condescender.

Entrementes, Burkhardt e Veraguth aguardavam no ateliê o aparecimento de Albert; o primeiro, com uma curiosidade não dissimulada; o pai, nervoso e perturbado. A fugaz jovialidade que nele despertara a longa conversa com o amigo dissipara-se desde o momento em que se falou da chegada de Albert.

— Vocês não o esperavam hoje? — perguntou Otto.

— Não, creio que não. Eu apenas sabia que a sua chegada seria um dia destes.

Veraguth pôs-se a remexer numa velha caixa de papelão cheia de fotografias de outros tempos. Por fim, tirou uma de uma pilha e, segurando-a entre os dedos, colocou-a junto de uma fotografia recente de Pierre, para comparar as duas.

— Este é Albert. Assim era quando tinha exatamente a mesma idade que Pierre tem agora. Lembras-te dele?

— Oh, muitíssimo bem. A fotografia é muito fiel. Ele tem muito de tua mulher.

— Mais do que Pierre?

— Sim, muito mais. Pierre não tem o teu tipo nem o de tua mulher. Mas, ouve, parece-me que o rapaz está vindo para cá. Ou não será o Albert? Não, acho que não deve ser ele.

Os dois amigos ouviram o ruído de passos curtos e rápidos no empedrado diante da porta; perceberam que alguém punha a mão no puxador e que, após um breve instante de hesitação, o empurrava para baixo. Apareceu então Pierre, com uma expressão cordial e olhares interrogativos para os dois homens, para ver se a sua intromissão seria bem acolhida naquele momento.

— Onde está Albert? — perguntou Veraguth.

— No salão da mamãe. Estão tocando piano a quatro mãos.

— Ah, está tocando piano...

— Ficas aborrecido, papai?

— Não, Pierre. Estou muito contente por teres vindo. Conta-nos alguma coisa.

O garoto, vendo as fotos espalhadas sobre a mesa, tomou algumas em suas mãos.

— Ah, este sou eu! E este... este tem de ser o Albert!

— Sim, quando ele tinha a idade que tens agora.

— E nesse tempo eu nem tinha nascido! Agora ele está feito um homem, e o Robert até já chama ele de Sr. Albert!

— Também desejas muito ser homem?

— Ah, sim! Muito. Quando uma pessoa é grande pode ter cavalos e fazer viagens. Disso é que eu gostaria! Além disso, ninguém ia me chamar de “garotinho” nem me beliscar as bochechas. Não sei...

— O que é que não sabes, Pierre?

— Pensando bem... acho que não ia gostar de ser grande. A gente grande costuma ser muito desagradável. Albert está muito diferente do que era. E quando as pessoas envelhecem vão se aproximando da morte. Eu preferia ficar como sou agora, só que também gostaria, e muito, de poder voar junto dos pássaros, voar muito alto, em redor das árvores, chegar até às nuvens. Então, sim, poderia rir de todo mundo!

— De mim também, Pierre?

— Mas claro que sim. papai! As pessoas crescidas são todas tão cômicas! Bom, a mamãe não é tanto. Ela fica o tempo quase todo no jardim, sentada numa poltrona, e não faz outra coisa senão olhar para o gramado, com as mãos caídas dos lados do corpo. Fica assim quieta horas a fio, e parece uma estátua muito triste. Eu acho bonito uma pessoa poder ficar assim sem fazer nada...

— Mas, então, não te alegraria chegar a ser alguém? Arquiteto, por exemplo, ou talvez pintor? Ou mesmo jardineiro?

— Não, eu não gosto de nada disso. Jardineiro nós já temos em casa também. Pintor é o papai, e já chega de maus cheiros aqui em casa.

Veraguth e Burkhardt entre olharam-se, contendo o riso, mas sem deixar transparecer a alegre reação às palavras do esperto e decidido pequeno.

— Mas, afinal — perguntou o pai — o que é que gostarias de ser, de verdade?

— Ah, o que eu desejo é uma coisa muito diferente! Gostaria de saber o que dizem entre eles os pintarroxos, entender a linguagem deles. Gostaria de ver como é que as árvores fazem para beber água com as raízes e chegarem a ter aquele tamanho todo. Acho que ninguém conhece exatamente essas questões. Meu professor sabe uma porção de coisas . .. mas todas tão cacetes!

Pierre sentara-se nos joelhos de Otto Burkhardt e brincava com a fivela do cinto dele.

— O homem não pode saber todas as coisas—disse Otto, em tom cordial. — A respeito de muitas, tem de contentar-se apenas em contemplar e admirar a sua beleza. Quando fores à minha casa na índia, terás de viajar muitos dias num grande barco e poderás ver, num dado momento da viagem, uns pequenos peixes que, saltando fora da água, voam por um longo trecho com as minúsculas asas que parecem de vidro. Também verás, muitas vezes, como se aproximam do navio aves que, tendo partido de ilhas imensamente distantes, se cansam a meio do voo e pousam, então, nos mastros para descansar. E podes acreditar que também elas se admiram de encontrar gente estranha sulcando os mares, que gostariam de nos entender e perguntar como nos chamamos e de onde vimos. Mas, é claro, também elas não podem satisfazer esse desejo e, quando descansaram o bastante, voltam a abrir as asas e prosseguem seu voo sobre os oceanos, em busca de outras terras mais amenas.

— E ninguém sabe como se chamam esses pássaros?

— Claro que sabe. Mas o nomes com que são designados foram postos pelos próprios homens. Como é que se chamam entre eles, é coisa que ninguém sabe.

— Como o tio Burkhardt explica tudo tão bem, papai! Eu gostaria muito de ter um amigo como tu tens. O Albert já está muito grande. A maior parte das pessoas não entende direito o que a gente quer ou diz, mas o tio Otto me entendeu logo, não foi?

Nesse momento, chegou uma criada que vinha buscar Pierre. Como já era hora de comer, os dois homens também se encaminharam para a mansão. Veraguth estava silencioso e com um ar de contrariedade. Ao entrar na sala de jantar, Albert veio ao seu encontro e es tendeu-lhe a mão.

— Boa-tarde, pai.

— Boa-tarde, Albert! Fizeste boa viagem?

— Excelente, obrigado. Como está, Sr. Burkhardt?

O jovem conservava uma atitude extremamente fria e correta. Conduziu sua mãe até à mesa e ajudou-a a empurrar a cadeira. Sentaram-se todos para comer, e a conversa que se entabulou ficou quase que exclusivamente por conta de Burkhardt e da Sra. Veraguth. Falou-se de música.

— Permite-me que lhe pergunte — disse Burkhardt, dirigindo-se a Albert — que espécie de música é a sua preferida? É certo que já não tenho, há muito tempo, ocasião de ouvir boa música, de modo que apenas conheço de nome os músicos modernos.

O jovem encarou Burkhardt com expressão cortês.

— Eu também só conheço superficialmente os ultramodernos — disse Albert. — Não posso afirmar que tenha preferência especial por uma determinada corrente musical. Gosto de toda a música, em termos gerais, é claro, desde que seja boa. Sobretudo, Bach, Gluck e Beethoven.

— Ah, os clássicos! Em nosso tempo, só conhecíamos bem, na verdade, a obra de Beethoven. Sabíamos quase de cor. De Gluck, pode-se dizer que mal tínhamos notícia. Talvez saibas que todo o nosso entusiasmo, entretanto, ia para Wagner. Lembras-te, Johann, da primeira vez que fomos ouvir Tristão e Isolda? Que revolução!

Veraguth sorriu, contrafeito.

— Wagner pertence a uma tendência já passada de moda, suponho eu — disse bruscamente. — Wagner acabou, não é verdade, Albert?

— Pois engana-se, pai. Muito pelo contrário. As obras de Wagner voltam hoje a ser encenadas em todos os teatros. Creio que até os políticos estão interessados nesse renascimento.

Infelizmente, não posso opinar sobre o valor que elas tenham.

— Não lhe agrada Wagner? — perguntou Burkhardt.

— Não é bem isso. O que acontece é que o conheço muito pouco. Vou raramente ao teatro. Interessa-me a música pura, não a ópera.

— Sim, claro. Mas... o Prelúdio dos Mestres Cantores] Você terá de reconhecer, Albert. . . Acha que nada vale como música?

Albert mordeu os lábios e ficou refletindo por um momento, antes de responder.

— Creia-me, Sr. Burkhardt, que realmente não posso formar juízo a esse respeito. A minha opinião certamente seria infundamentada, por falta de conhecimentos exatos. Trata-se de... como dizer-lhe... de música romântica, pela qual não sinto interesse algum.

Veraguth fez um gesto de desagrado.

— Bebes um pouco deste vinho da região? — perguntou ele, desviando o rumo da conversa.

— E tu, Albert? Um copo de tinto?

— Não, obrigado, pai. Prefiro não beber.

— O que, és agora abstêmio?

— Não, em absoluto. Mas notei que o vinho não me assentava bem e achei melhor cortá-lo.

— Está bem. Então brindemos nós, Otto. Saúde!

Veraguth bebeu quase todo o vinho do seu copo, num trago rápido.

Albert continuava a desempenhar o papel do jovem bem-educado, que, tendo opiniões próprias, guarda-as, contudo,

discretamente para si próprio, deixando com a palavra as pessoas mais velhas, não para aprender algo delas, mas simplesmente para que não perturbem a sua tranquilidade de espírito. Entretanto, o papel que resolvera desempenhar não combinava com sua personalidade irrequieta, de modo que, daí a pouco, começou a sentir-se deveras incomodado. Não queria dar a seu pai, a quem se habituara a ignorar, nenhum motivo de repulsa e separação.

Burkhardt, que estava atento a tudo o que se passava, emudecera; e ninguém demonstrava grande interesse em reatar a conversa glacial. Por isso. todos se apressaram em terminar a refeição o mais cedo possível; serviam-se cerimoniosamente, tamborilavam, um tanto nervosos e coibidos, com as colherinhas de sobremesa e esperavam, impacientes, o momento de se levantarem da mesa e ir cada um para seu lado.

Só então Burkhardt se apercebeu, em toda a sua amplitude, do isolamento e da irremediável frigidez do matrimônio e da vida do amigo, que se tinham convertido em algo rígido, petrificado, atrofiado. Olhou furtivamente para o rosto do pintor e viu sua expressão cansada, os olhos cravados no prato que tinha à sua frente e no qual mal tocara. E num breve instante em que seus olhares se cruzaram, o de Veraguth revelava um sentimento indescritível de súplica e vergonha de que o amigo descobrisse a situação miserável em que vivia.

Burkhardt contemplou, consternado, o lamentável aspecto que seu amigo oferecia, e de súbito pareceu-lhe que o silêncio egoísta e cruel que reinava, a chocante afetação da mesa carente de alegria e calor humano proclamavam estridentemente a humilhação e vergonha de Veraguth. E no mesmo instante Otto compreendeu que cada dia mais que permanecesse como hóspede naquela casa representaria apenas o prolongamento da angústia em que Johann se debatia, ao comprovar como o amigo estava gradualmente se apercebendo da sua ignominiosa situação, pois só com relutância conseguia manter as aparências quando lhe faltavam as forças e o

humor necessários para encobrir de um observador a triste realidade. Enfim, era melhor partir.

Assim que a Sra. Veraguth se levantou, o marido recuou a cadeira que ocupava e disse: — Estou tão fatigado que preferia recolher-me agora mesmo. Não se incomodem por minha causa. Boa-noite.

Ao sair, esqueceu-se de fechar a porta, de modo que Otto pôde ouvir o ruído dos lentos e pesados passos do seu amigo, que se afastava pelo corredor e descia a escadaria da frente da casa.

Burkhardt fechou a porta e acompanhou Adele Veraguth até ao salão de música, onde se viam o piano de cauda ainda aberto e as folhas das partituras levemente agitadas pela brisa da noite.

— Quisera rogar-lhe que tocasse algo — disse Burkhardt, um tanto constrangido — mas pareceu-me que Johann não se encontra muito bem. Esteve trabalhando ao sol desde o meio-dia até ao fim da tarde, e isso talvez o tenha indisposto. Se a senhora me permite, gostaria de acompanhar Johann mais uma hora.

A Sra. Veraguth anuiu com um gesto grave e tranquilo. Burkhardt despediu-se dela e saiu com Albert, que o acompanhou até à escadaria.

5.

QUANDO OTTO BURKHARDT se despediu de Albert ao pé da escadaria profusamente iluminada pela luz dos grandes candelabros, já anoitecera. Ele permaneceu alguns momentos sob os castanheiros, aspirou avidamente o ar suave da noite, perfumado pelo aroma do jasmim e da dama da noite, enxugou o suor que lhe perolava a testa.

Não se via luz alguma no estúdio de Veraguth, a quem Otto não encontrou no ateliê nem nos quartos contíguos. Abriu a porta que dava para o tanque e começou a procurar o pintor, em passos rápidos, à volta da casa. Encontrou-o, naquele cadeirão de vime em que ele próprio estivera sentado na tarde daquele mesmo dia, quando posara para seu amigo; tinha os cotovelos apoiados nos braços da cadeira e o rosto entre as mãos. Estava tão quieto que parecia adormecido.

— Johann... — chamou Otto em voz baixa, colocando suavemente a mão sobre a cabeça pendente.

O pintor não respondeu. Burkhardt deixou-se ficar em pé ao lado dele, em silêncio, conservando a mão sobre o cabelo curto e áspero do amigo, mergulhado em fadiga e dor.

Entre as árvores corria uma leve brisa, único movimento que perturbava a calma e o silêncio da noite. Assim decorreram alguns minutos. De súbito, chegou da residência, através da hora noturna, uma onda de acordes que invadiu tudo: eram acordes largos e seguros, numa cadência nobre. Estavam tocando o primeiro movimento de uma sonata para piano.

Veraguth ergueu então a cabeça, afastou brandamente a mão de Burkhardt e pôs-se de pé. Ofereceu à vista do amigo uma

expressão de profundo cansaço, com seus olhos fundos e secos. Tentou em vão sorrir, fazendo um esforço, mas. não conseguindo, sua fisionomia voltou a relaxar.

— Entremos — disse Johann, acenando para o estúdio, como se quisesse proteger-se da música que fluía da residência.

Encaminhou-se para o pavilhão e, diante da porta, deteve-se.

— Estou errado se pensar que já não te teremos aqui por muito tempo?

“Como pressente tudo!’’, pensou Burkhardt, comovido; e. dominando a emoção, disse: — Algum dia tinha de ser. Creio que partirei depois de amanhã.

Veraguth tateou o interruptor da luz. Com um clarão metálico que ofuscou os dois homens por um instante, resplandeceram todas as lâmpadas elétricas do estúdio.

— Bebamos agora juntos uma garrafa de bom vinho.

Chamou então Robert e ordenou-lhe que trouxesse o vinho.

No centro do ateliê destacava-se o retrato recém-pintado de Burkhardt. quase terminado. Enquanto Robert se atarefava arrumando a mesa, trazendo copos, cigarros, cinzeiros, as garrafas de vinho e o balde de gelo, os dois amigos contemplavam o quadro.

— Está bem, Robert. Já temos tudo o que é preciso. Pode retirar-se. Amanhã, não me acorde. Agora, deixe-nos sós. Boa-noite.

Sentaram-se. Veraguth agitou-se, inquieto, no assento, pôs-se outra vez de pé e, com um gesto nervoso, foi apagar metade das luzes que iluminavam o recinto. Depois, deixou-se cair de novo, pesadamente, em sua poltrona.

— O quadro ainda não está concluído — começou ele a dizer. — Mas já não me falta muito, e parece que vai ficar bom. Toma um charuto.

Escolheu também um, cortou-lhe a ponta num gesto pensativo, conservou-o por instantes entre os dedos nervosos e acabou por depositá-lo novamente na mesa.

— Sinto muito que, desta vez, não tenhas encontrado aqui as coisas numa situação agradável, meu caro Otto.

A voz faltou-lhe, de súbito, o rosto assumiu uma expressão de desesperado abatimento; apanhando as mãos de Burkhardt, apertou-as com força nas suas.

— Agora ... já sabes tudo — murmurou com voz fatigada, enquanto Otto sentia duas lágrimas caírem em suas mãos. Mas Veraguth não queria entregar-se a um momento de fraqueza e voltou a erguer-se. bruscamente, esforçando-se para que sua voz parecesse serena; por fim, pôde falar, ainda com um certo tremor: — Perdoa. Bebamos um bom trago. Então, não fumas?

Burkhardt apanhou um charuto. “Meu pobre amigo"’, pensou.

Puseram-se então a beber e fumar em silêncio, os olhos levantados para as luzes que brilhavam nas lâmpadas em forma de cálice e, com maior esplendor ainda, nas taças que continham o dourado vinho. Contemplavam as tênues espirais de fumaça azul que subiam dos charutos para o teto do amplo estúdio, formando caprichosas figuras em suas espirais, e por um breve momento entreolharam-se francamente, sem que fossem necessárias palavras para que se compreendessem mutuamente. Era como se nada mais restasse por dizer entre os dois velhos amigos.

Uma borboleta noturna que entrara na sala chocou-se violentamente, três ou quatro vezes, contra as paredes, com um farfalhar estonteado. Por fim, pousou no parapeito da janela aberta, formando um triângulo de cor cinza aveludada contra a escuridão de fora.

— Queres ir comigo à índia no próximo outono? — aventurou-se Burkhardt a perguntar, numa voz ainda um pouco vacilante.

Novo e prolongado silêncio. A borboleta começou a se deslocar lentamente. Pequena e cinzenta, arrastava-se para diante sobre as patas, como se tivesse esquecido que tinha asas.

— Talvez... — murmurou Veraguth. — Talvez... Ainda teremos de falar de algumas coisas ...

— Sim, Johann, não quero afligir-te mais agora. Mas preciso que me contes ainda alguma coisa. Para falar a verdade, nunca acreditei que voltasses a entender-te realmente com a tua mulher, mas...

— Desde o princípio nunca nos entendemos!

— Sim, eu sei. Mas nunca imaginei que pudessem chegar a uma situação destas, um afastamento tão grande. Isto não pode continuar assim. Acabarás irremediavelmente por fracassar.

Veraguth riu com aspereza.

— Não, não fracassarei, Em setembro próximo estarei expondo em Frankfurt doze novos quadros.

— Mas quanto tempo poderá ainda resistir teu ânimo, sem que a vontade quebre? É uma insensatez ... Diz-me, Johann, por que não te separaste de Adele?

— Oh, não é assim tão simples!... Vou te contar tudo. É preferível que saibas de tudo para poderes avaliar a situação em que me encontro.

Bebeu um trago de vinho e inclinou-se para diante na poltrona. Burkhardt afastou um pouco a sua poltrona da mesa.

— Já sabes que, desde o princípio, as minhas relações com Adele foram difíceis. Passaram dois anos a que não posso chamar maus, embora tampouco tenham sido um mar de rosas.

Talvez nessa época tivesse sido possível salvar tudo. Mas não pude esconder o meu desapontamento e, estupidamente, insisti em implorar a Adele, cada vez com maior empenho, que me desse aquilo que, precisamente, ela não podia nem sabia dar-me. Ela nunca foi uma mulher impulsiva, seu temperamento é frio e sério, terrivelmente sério. Eu bem poderia ter compreendido isso naqueles dias. Mas, pelo contrário, nunca fui homem de calar e dissimular quando as coisas não me agradam, nem sei fingir bom humor quando estou preocupado com um assunto sério. As minhas exigências ou meros caprichos, aos meus impulsos turbulentos e até às minhas expressões de desengano, ela apenas opunha

silêncio e paciência, uma paciência calada, tenaz, que muitas vezes me irritava e que, portanto, em nada favorecia a um nem a outro. Se eu me mostrava descontente e contrariado, Adele silenciava e sofria, sim, eu sei que ela também sofria, à sua maneira estoica.

— E nunca lhes ocorreu fazerem uma tentativa de aproximação franca? Uma explicação, enfim? — surpreendeu-se Otto.

— Espera... Ouve o resto — cortou Veraguth. — Não foi uma tentativa, foram muitas. Propus-lhe chegarmos a um melhor entendimento, cedermos um pouco de nossa maneira de ser em benefício da harmonia comum, roguei-lhe até que me perdoasse pelos meus arrebatamentos e, nos momentos de alegria, procurei a todo custo reconquistá-la, como se tudo estivesse esquecido. Mas nada disso deu resultado. Adele continuava metida em sua torre de marfim, fiel ao seu modo de ser lento, pesado e inflexível. Quando me encontrava junto dela, mantinha-se calada, tímida, de uma mansidão de animal doméstico. Acolhia tanto os meus rompantes de cólera como os meus transportes de alegria efusiva com a mesma impassibilidade. Quando a deixava sozinha, tocava piano e pensava nos dias em que era solteira. Desta maneira, acabei comportando-me cada vez mais rude e injustamente, dirigindo-me a ela com sarcasmo e desdém. Até que decidi não dar-lhe nem comunicar-lhe nada de mim próprio e considerá-la uma estranha em casa. Comecei a trabalhar com ardor, furiosamente, e aprendi a refugiar-me na minha obra como num castelo fortificado.

Veraguth fazia visíveis esforços para manter a serenidade. Pretendia relatar objetivamente, não fazer uma acusação, mas por detrás de suas palavras, percebia-se uma atitude íntima de inculpação; pelo menos, deixara transparecer em suas palavras uma queixa pela destruição de sua vida, pelo desencanto que as ilusões e esperanças de sua juventude tinham sofrido, pela condenação perpétua de sua natureza mais íntima a viver uma dupla existência, sem alegrias, sem calor, o que era totalmente avesso ao seu caráter.

— Naquela época, pensei muitas vezes no divórcio. Mas o problema não era tão simples quanto parecia. Eu me habituara a trabalhar no silêncio e na tranquilidade, de modo que cada vez me alarmava mais a ideia de advogados, audiências, jornalistas, enfim, ter de renunciar por sei lá quanto tempo a todas essas pequenas comodidades da vida cotidiana.

Se naquele momento tivesse conhecido um novo amor, se me apaixonasse verdadeiramente por alguém, claro que a decisão teria sido mais fácil. Mas então percebi que a minha natureza não era tão leviana quanto eu supunha. Enamorei-me de algumas bonitas moças, com um certo sentimento melancólico de inveja, mas nunca nenhuma delas me provocou uma emoção realmente profunda e duradoura. Compreendi então, cada vez mais nitidamente, que nenhum amor poderia mais exaltar-me tanto quanto a minha pintura. Todos os meus anseios de desafogo, de esquecimento de mim próprio, todos os meus desejos e necessidades orientaram-me para a pintura e nela se consubstanciaram. A verdade é que, nestes últimos anos, nenhum ser humano, nenhuma mulher, nenhum amigo penetrou em minha vida. Entendes? Era preciso que soubesses da minha vergonha.

— Vergonha? Não entendo! — exclamou Burkhardt, num tom de censura.

— Claro que é vergonha. Sempre o senti assim. Já naqueles dias amargurados me envergonhava, e de então para cá esse sentimento não mudou. Ser infeliz é uma vergonha! É uma vergonha não poder levar uma vida normal aos olhos de todo mundo. É uma vergonha encobrir o que se passa, viver nesta representação hipócrita de todos os dias! Bom, deixemos isso, pois quero contar-te tudo.

Cravou sombriamente os olhos no seu copo de vinho, jogou no cinzeiro o charuto que se apagara e prosseguiu: — Nessa ocasião, Albert completava dois anos. Tanto Adele como eu, naturalmente, queríamos muitíssimo ao garoto. Na verdade, a única coisa que

ainda nos ligava eram as conversas que tínhamos sobre nosso filho, os cuidados que era preciso ter com ele. Só quando Albert fez sete ou oito anos, comecei a sentir ciúmes e a lutar com Adele para conquistá-lo. Exatamente como faço agora com Pierre! De súbito, compreendi que o amor do menino me era absolutamente indispensável, mas, no decorrer dos anos, constatei, com crescente mágoa, como Albert ia ficando cada vez mais frio comigo e mais apegado à mãe. Num dado momento, Albert caiu gravemente doente, e por um tempo, quando tudo o mais perdeu importância, ante a saúde do nosso filho, eu e Adele vivemos um período de mútuo acordo como nunca havíamos tido. desde nosso casamento. Nessa época foi concebido Pierre.

Desde que Pierre veio ao mundo, ele possui tudo quanto eu possa dar de amor. Adele voltou a escorrer-me das mãos. Deixei que Albert, depois da convalescença, se ligasse cada vez mais à mãe, que se convertera já em sua melhor confidente, e, por último, o rapaz adotou uma atitude de tal hostilidade para comigo que me vi obrigado a afastá-lo de casa.

Eu renunciara a tudo, convertera-me num ser miserável em minha própria casa e sem exigências, uma espécie de hóspede tolerado e paciente. Para mim, nada mais queria senão o meu pequeno Pierre. Quando a nossa vida em comum e a situação especial que se criara em casa por causa de Albert tornaram-se insuportáveis, solicitei a Adele o divórcio.

Só o que lhe pedia era o direito de conservar Pierre comigo. Tudo o mais deixava para ela: Albert, Rosshalde, além de metade dos meus rendimentos. Estava mesmo disposto a dar-lhe mais, se o pedisse. Mas Adele não quis. Consentia no divórcio, sim, aceitava de mim o necessário para viver decentemente, no tocante ao dinheiro, mas não abdicava de conservar também Pierre. Não estava disposta a separar-se do menino. Foi a nossa última e áspera briga. Uma vez mais, contudo, tentei conquistar a paz e a felicidade: ofereci e prometi, humilhei-me,ameacei, implorei e, por

fim, enfureci-me, mas tudo foi em vão. Compreendi, então, que essa mulher aparentemente tão mansa e paciente era de uma firmeza e obstinação inquebrantáveis, que conhecia muito bem o seu poder e que estava numa posição superior à minha. Foi nessa altura que mandei construir esta vivenda; desde então vivo aqui, e as coisas seguem o rumo que já tiveste ocasião de observar.

Burkhardt escutara-o com expressão pensativa, sem interrompê-lo, nem mesmo naqueles momentos em que parecia ser isso o que Veraguth esperava ou até desejava.

— Dou graças por que tu próprio compreendeste claramente a situação — disse Otto, por fim, com prudência. — Foi mais ou menos o que eu imaginava. Como chegou a hora da franqueza completa entre nós, deixa que eu diga também algumas palavras. Desde que me hospedei na tua casa estive esperando, como tu próprio, este momento. Suponhamos que sofres de um abscesso muito desagradável, que te aflige e de que te envergonhas um pouco. Agora sei do que se trata, e isso já constitui um progresso, pois não precisas continuar a ocultá-lo de mim. Mas isso não basta. Impõe-se agora que estudemos a possibilidade de extirpar o abscesso e curá-lo.

O pintor encarou-o, sacudiu lentamente a cabeça e sorriu.

— Curar-me? Disto ninguém me pode curar. Mas corta e extirpa à tua vontade, vamos ...

Burkhardt não se fez de rogado. Estava disposto a cortar e não deixaria passar em vão essa oportunidade.

— De tudo o que me contaste, há um ponto que não entendi bem — disse Otto. — Disseste que não te separaste da tua mulher por causa do Pierre. Gostaria de saber por que não a obrigaste a deixar Pierre contigo. Quando comparecessem ao tribunal para formalizar o divórcio, um dos filhos seria legalmente confiado a ti. Não pensaste nisso?

— Não, não me ocorreu tal coisa. Além de nunca ter entendido muito bem essas sutilezas do direito, receei que um juiz, com toda a

sua experiência dos dramas da vida, não se dispusesse a confiar-me aquilo que eu próprio não soubera conservar. Se o meu poder pessoal não era bastante para fazer com que Adele renunciasse a Pierre, achei que a solução seria esperar que ele crescesse e tivesse suficiente razão para decidir por si mesmo com quem gostaria de ficar.

— De modo que se trata unicamente de Pierre, e se não fosse o pequeno, sem dúvida já estarias há muito tempo separado de Adele e terias encontrado um amor e uma felicidade neste mundo que te foram negados até agora. Ou, pelo menos, uma vida clara e livre que fosse um incentivo para a tua obra. Em vez disso, vegetas num caos de transigências, sacrifícios, frustrações e pequenos paliativos que nada resolvem. É lamentável que um homem como tu tenha de afogar-se lentamente em semelhante atmosfera!

Veraguth olhou inquieto para o amigo e bebeu, apressadamente, um trago de vinho.

— Dizes que me afogo e me afundo no inevitável fracasso. Creio que exageras um pouco. Bem vês que continuo vivo e trabalhando. O diabo me carregue se eu me render!

Otto não se perturbou com a súbita irritação de Veraguth e prosseguiu, em voz baixa mas firme: — Desculpa, mas o que estás dizendo não é convincente, de maneira alguma! Reconheço que és um homem com uma força de alma incomum. Outro qualquer não teria resistido tanto tempo a essa situação. Mas tu próprio te deste conta de como tudo isso te prejudicou e envelheceu. Não creio que, comigo, sintas o inútil orgulho de negá-lo. Dou mais crédito ao que os meus próprios olhos estão vendo do que às tuas palavras, e bem vejo qual é teu estado: deprimido e alquebrado. O trabalho mantém-te vivo, sim, mas trata-se mais de um aturdimento que de uma alegria verdadeira. Desperdiças metade de tua energia em pequenas resistências e contrariedades da vida cotidiana. Achas que isso não afeta tua capacidade de criação? Na melhor das hipóteses, o que podes esperar da tua situação não é, sem dúvida,

a felicidade, mas, em resumo, uma sombria e cada vez mais pesada resignação!

Acho que estás sendo demasiado complacente.

— Resignação... talvez. Com outros passa-se o mesmo. Aliás, quem se pode julgar completamente feliz?

— Feliz é aquele que tem esperança! — exclamou Burkhardt em tom enérgico. — E tu, que podes esperar? Não será o êxito mundano, as honras, o dinheiro? De tudo isso já tiveste o suficiente, sem que o teu ânimo melhorasse. Homem de Deus, estou aqui falando para quê? Sabes muito bem o que é a vida e a alegria. Contentas-te com o que tens agora porque não podes esperar nada! Compreendo-te, até certo ponto, Johann, mas é uma situação monstruosa a tua. Tens um abscesso que precisas extirpar. Ninguém convive com um abscesso.

Ou livras-te dele ou morres. Não há meio termo. Se não sentes coragem de cortá-lo, então és um covarde!

Burkhardt inflamara-se e percorria o estúdio em grandes passadas, de uma ponta à outra. Ao expor suas ideias sobre a situação do amigo e ao manter sob tensão todas as suas faculdades, que respondiam fielmente ao seu intuito secreto, surgiu-lhe subitamente no espírito, desde as profundezas das mais remotas recordações, o rosto de um Veraguth adolescente numa cena daqueles tempos distantes em que, como agora, os dois amigos tinham discutido acaloradamente. Mas a cabeça de Veraguth estava agora dobrada e seus olhos Fixavam o chão. Já não conservava nenhum traço daquela cabeça juvenil e altiva de outrora. Depois de ter sido apodado de covarde, coisa que em outros tempos teria ferido a sua sensibilidade e provocado uma reação violenta, Veraguth deixou os braços penderem e, cabisbaixo, não deu mostras de reagir.

Apenas murmurou num tom amargo, que revelava a sua fraqueza íntima: — Está bem, não uses rodeios comigo. Podes

continuar. Não me oporei ao que disseres nem me ofenderei por isso.

Otto parou um instante, como que impedido. Sentia compaixão pelo amigo, mas, sobrepondo-se aos seus sentimentos, disse em tom incisivo: — Pois seria melhor que sentisses as ofensas! Devias pôr-me para fora de tua casa e negar-me tua amizade! Ou reconheces que tenho razão em tudo o que disse?

O pintor também se pôs de pé, mas de um modo desanimado, sem energia.

— Pois se queres saber, sim, acho que tens razão. O que acontece é que me puseste mais alto do que eu realmente estou. Nunca fui tão jovem quanto crês nem tão sensível aos insultos. Nem tenho assim tantos amigos com quem possa desafogar. Na verdade, só conto contigo. Senta-te e bebe mais um copo de vinho, que este é do bom. Não creio que na índia possas arranjar coisa que se lhe pareça nem, talvez, muitos amigos que se mostrem tão obstinados em conservar a tua amizade.

Burkhardt deu-lhe um tapinha nas costas e disse, quase comovido: — Escuta, não vamos agora virar sentimentais, não é? Ainda mais num momento como este. Diz-me o que tiveres a censurar-me e depois continuaremos.

— Oh, nada tenho a censurar-te! És um homem que eu não posso recriminar, Otto, não duvides disso. Há vinte anos que vens observando como me afundo. Com um sentimento de verdadeira amizade e, talvez, alguma compaixão, observas como vou desaparecendo, aos poucos, no lodo do pântano. Entretanto, nunca me disseste nada, nunca me humilhaste, oferecendo-me tua ajuda. Limitaste-te a observar como, durante muitos anos, estive todos os dias a ponto de tomar uma dose de cianeto e, com nobre satisfação, comprovaste que não a tomei e que acabei por rejeitar, definitivamente, a solução do veneno. E agora, que me encontro já quase sumido no lodo, que já não posso mais sair do pântano onde me atolei, vens censurar-me, dar-me lições de moral. . .

Veraguth tinha os olhos vermelhos e vazios, fixados à frente, e Burkhardt, ao querer servir-se de outro copo de vinho, encontrou a garrafa vazia e percebeu que, em pouco tempo, o amigo bebera sozinho uma garrafa inteira.

O pintor seguiu o olhar de Burkhardt e riu sonoramente.

— Ah, perdoa! — exclamou, agitando-se nervosamente na poltrona. — Sim, estou um pouco tocado. Não te esqueças de apontar isso também a meu débito. Acontece que de dois em dois meses descuido-me um pouco e bebo um pouco mais da conta... como estímulo, sabes?

O pintor colocou suas mãos com força nos ombros do amigo e disse em voz alta, subitamente lamentosa: — Escuta, Otto. Eu não teria pensado no cianeto nem me entregaria uma vez por outra ao vinho, se alguém me tivesse querido ajudar no momento oportuno. Por que, te pergunto, por que me deixaste chegar tão longe, a ponto de estar esmolando agora um pouco de consideração e amizade, como um mendigo? Para Adele já nada significo. Albert distanciou-se definitivamente de mim. Pierre também me abandonará algum dia... e tu! Tu te limitaste a contemplar a cena, sem dizer palavra, sem esboçar um gesto de ajuda. Não poderias ter feito algo por nós, por mim? Não poderias ter trazido a tua ajuda?

Sua voz se apagou e Veraguth afundou pesadamente na sua poltrona. Burkhardt empalidecera como um morto. Era muito pior do que ele imaginara. Como podia aquele homem duro e orgulhoso cair, depois de beber um par de copos de vinho, numa tal confissão de seu desespero mais íntimo, de seus pavores mais ocultos!

Otto Burkhardt aproximou-se de Veraguth e ficou de pé ao lado dele, começando a falar-lhe suavemente, como se faz para consolar um menino chorão.

— Vou te ajudar, Johann. Tens de acreditarem mim. Terás a minha ajuda, sim! Fui um idiota. Estive cego e surdo. Escuta, tudo se arranjará. Já verás...

Burkhardt recordou que, nos dias distantes da juventude, Johann, embora raras vezes, fora acometido de acessos nervosos muito intensos, durante os quais perdia o domínio de si próprio. Com uma fantástica nitidez, acudiu-lhe à memória, onde permanecera em estado latente, um caso ocorrido vinte anos atrás. Veraguth mantinha nessa época relações com uma bonita moça que também estudava pintura. Otto, ignorando o fato, que Veraguth mantinha em sigilo, gostou da moça e declarou-lhe seu amor. Então, Veraguth, do modo mais veemente, rompeu a amizade com ele e nunca mais quis ver a moça. Nessa ocasião, bebera também excessivamente, os olhos tinham-lhe ficado vermelhos e, tal como agora, ele perdera o domínio da voz. Otto voltava a perceber então esses traços singulares e caprichosos do amigo, esquecidos num passado aparentemente sem nuvens. E espantou-se, de súbito, ao contemplar o profundo abismo escancarado ante seus olhos, um abismo de isolamento e tortura espiritual, em que a vida de Johann vinha se afundando havia muito.

Era esse, sem dúvida, o mistério de que Johann algumas vezes lhe falara ambiguamente e que todo grande artista, ao que se supõe, deve ter em sua alma. Daí provinha, pois, aquele impulso inquietante,jamais satisfeito de voltara criar o mundo à sua volta, uma e mil vezes, essa constante ânsia de superação. Daí, também, essa melancolia singular que, transferida para muitas de suas obras, impregnava de tranquilas sensações o espírito do espectador.

Otto tinha a estranha sensação de que não compreendera realmente o amigo até esse instante. Agora contemplava os sombrios mananciais de onde Johann extraía suas energias de artista e de onde, ao mesmo tempo, brotavam as angústias que atormentavam a sua existência de homem. Mas Otto sentia, simultaneamente, uma espécie de orgulho e profunda satisfação ao comprovar que era a ele, ao velho amigo, que o coração dolorido de Johann se abria, que era a ele que Johann culpava e a quem pedia ajuda.

Veraguth parecia já não se aperceber mais de tudo o que dissera. Tinha agora a atitude de uma criança a quem acalmaram seu acesso de choro. Após um momento de silêncio, exclamou em voz mais clara: — Desta vez não tiveste sorte comigo. Tudo isto se deve a que, nestes últimos dias, não pude cumprir o meu trabalho cotidiano como devia. O trabalho é uma necessidade dos meus nervos. Os dias de ócio se tornam insuportáveis para mim.

Quando Burkhardt tentou impedi-lo de desarrolhar a segunda garrafa de vinho, Veraguth replicou: — De qualquer modo já não conseguirei dormir. Quem sabe por que demônio sou assim tão nervoso? Bah... Despejemos uns copos por cima de tudo isto. Antes não eras tão modesto em questões de bebidas! Ah, julgas que isto não convém aos meus nervos? Já os porei em ordem, não te preocupes. Tenho uma boa experiência disto. Na próxima semana, saltarei da cama todos os dias às seis, trabalharei o dia inteiro e, pelo fim da tarde, montarei a cavalo uma ou duas horas.

Os dois amigos permaneceram juntos até depois da meia-noite. Johann remexia em lembranças de outros tempos. Otto escutava, atento, enquanto via, com satisfação mas também com algum pesar, como acabava por aquietar-se, polida como um espelho, a superfície daquelas águas profundas, das quais entrevira alguns instantes atrás toda a profundidade sombria e abissal.

6.

NO DIA SEGUINTE, Burkhardt, um tanto constrangido, foi ao encontro do pintor. Esperava encontrar o amigo transformado, imaginava-o não mais comovido, como na noite anterior, porém envergonhado com o acontecido e, talvez, friamente trocista. Mas Johann, pelo contrário, apareceu-lhe de rosto sereno e grave.

— Assim, partes amanhã — disse-lhe cordialmente. — Estou muito grato por tudo, Otto. Não creias que esqueci o que falamos ontem à noite. Ainda teremos de dizer alguma coisa a esse respeito.

Conquanto duvidasse da conveniência de repisar o assunto, Otto disse, hesitante: — Se assim te parece ... Mas eu não gostaria de ver-te outra vez tão agitado, inutilmente.

— Achas que foi inútil?

— Bom, ontem revolvemos talvez coisas demais. Não é bom remexer muito em feridas ainda abertas. Por que tivemos de esperar até ao último momento?

— Não importa. Tudo está muito bem — disse Johann, com ar convicto. — Muito bem assim. Quero que saibas que não consegui dormir a noite toda, de modo que não me faltou tempo para reconsiderar tudo com maior calma e ponderação. É verdade que revolveste muita coisa em mim, quase mais do que eu podia suportar. Tens de compreender que durante anos e anos não tive ninguém com quem desabafar. Mas agora terei de mostrar-me corajoso e ir até ao fim. De outro modo eu seria realmente o covarde que me chamaste ontem, — Ah, ainda está melindrado! Peço-te que esqueças isso.

— Não, creio que estavas com a razão. Mas hoje o meu plano é passarmos juntos algumas horas alegres e despreocupadas. Depois

do almoço, poderíamos sair a passeio, e eu te mostraria algumas belas paisagens dos arredores. Mas, antes, tenho de animar-me e recuperar o meu caráter jovial. Ontem, tudo o que me disseste caiu sobre mim de um modo tão repentino, que nem tive tempo para refletir. Hoje é diferente: já meditei sobre cada aspecto do problema, e parece-me que entendi bem o que realmente quiseste dizer.

Falava tão serena e cordialmente que Burkhardt acabou pondo de lado as suas reticências.

— Se verdadeiramente me compreendeste, isso me alegra bastante, pois já não teremos necessidade de voltar ao princípio. Contaste-me como as coisas tinham acontecido e qual era a situação atual. Disseste-me também que só por causa de não quereres te separar de Pierre é que ainda continuavas casado com Adele e metido na situação equívoca em que vives. Foi assim, não foi?

— Sim, foi justamente o que te disse.

— Muito bem. E como imaginas que vai acabar tudo isso? Parece-me que, a noite passada, expressaste também o teu receio de que Pierre, com o tempo, venha também a desligar-se de ti. Ou não foi?

Veraguth suspirou, ao mesmo tempo que apoiava a testa nas mãos abertas. Contudo, manteve o tom sereno quando disse: — Sim, talvez o perca também. Esse é o ponto que me aflige. Na tua opinião, deveria eu renunciar também ao pequeno?

— Claro que sim! Esse menino já te custou anos e anos de luta com tua mulher, que dificilmente o cederá. Quantos anos estás disposto a perder mais, para acabares chegando à mesma conclusão?

— Mas, Otto, Pierre é a única coisa que tenho! Encontro-me no meio de um montão de ruínas. Se eu morresse hoje, excetuando-se tu, apenas meia dúzia de críticos ficariam comovidos com minha morte, escreveriam umas quantas linhas nos jornais, e pronto. Sou um pobre homem, mas tenho esse filho, apesar de tudo, esse filho

que é meu, por quem vivo e por quem sei o que é amor, por quem sofro e me esqueço de mim próprio, nas horas felizes que ele me dá. Tens de compreender quanto esse menino significa para mim. E queres que renuncie a ele, assim, sem mais nada?

— Eu sei que não é fácil, Johann. É uma alternativa infernal. Mas não vejo outro remédio. Escuta: tu já nem sabes que aspecto tem o mundo, fora do círculo onde vives encerrado como um fanático. Estás sepultado no teu trabalho e nesse malfadado casamento. Se fizesses o que te digo, verias como, em pouco tempo, desapareceriam todas as tuas mortificações. Voltarias a ver, então, o mundo com milhares de coisas que te agradariam e estão à tua espera. Há muito tempo que te moves entre coisas mortas, de modo que perdeste o contato com a vida. Dependes de Pierre. É certo que se trata de um garoto encantador, mas isso não é decisivo. Procura ser objetivo e pergunta, friamente, se o pequeno tem, na realidade, uma grande necessidade de ti.

— Se tem necessidade de mim?

— Isso mesmo. O que tu lhes podes dar é amor, ternura, sentimentos... coisas que, em geral, as crianças precisam menos do que os adultos gostam de imaginar. E em nome dessas coisas fazes com que Pierre cresça numa casa onde o pai e a mãe já não se conhecem, onde um e outro se defrontam, ciumentos, por causa dele! Quer dizer, o teu filho não será criado e educado no bom exemplo de um lar feliz e moralmente saudável; amadurecerá prematuramente e acabará por converter-se num ser estranho, frustrado, com raiva tanto do pai quanto da mãe, porque vocês o forçaram a optar por um ou outro. Não serás capaz de compreender o que isso significa?

— Talvez tenhas razão. Estou mesmo disposto a admitir que a tens. Mas é nesse ponto que o meu pensamento se recusa a avançar. Dependo de Pierre e apego-me ao seu amor porque há muito tempo é o único calor, a única luz que conheço em minha vida. Pode ser que, dentro de alguns anos, me dê uma punhalada,

que só me dê decepções, que chegue até a odiar-me, como o irmão mais velho... Sabes que Albert, quando tinha quatorze anos, jogou-me certa vez uma faca de mesa? Apesar de tudo isso, sobra sempre o fato de que, nestes anos que faltam ainda, posso tê-lo junto de mim, posso estreitá-lo contra o peito, prender suas pequenas mãos nas minhas, ouvir sua voz clara e chilreante, quando vem procurar-me aqui no estúdio para passearmos juntos pelo bosque. Tenho de renunciar a isso? Diz-me, tenho de fazê-lo?

— Sim, Johann, tens de fazê-lo — disse Otto Burkhardt, em voz abafada mas firme. — Creio que terás de fazê-lo, irremediavelmente. Não é preciso que seja hoje nem amanhã, mas convém que seja depressa. Deves afastar de ti tudo o que possuis agora e meter-te num banho que te limpe de todos os vestígios do passado. Caso contrário, nunca mais poderás contemplar o mundo com olhos serenos e livres. Faz o que quiseres: se não te sentes capaz de dar o passo decisivo, fica por aqui e continua vivendo a vida que levaste até hoje. Eu, de minha parte, estarei sempre contigo de alma e coração, bem o sabes. Jamais poderia enganar-te. Mas não escondo que sofrerei muito por ti.

— Aconselha-me, Otto. Diante de mim só vejo trevas. . .

— Muito bem. Estamos em julho. No próximo outono regresso à índia. Antes de partir, virei ver-te, e espero que já tenhas as malas feitas para podermos fazer a viagem juntos. Se nessa altura tiveres adotado uma resolução definitiva, tanto melhor. Se ainda não estiveres decidido, virás comigo, de qualquer modo, por um ano ou seis meses, se quiseres. O importante é que deixes de respirar por algum tempo este ambiente. Hospedado na minha casa, poderás pintar, montar a cavalo, caçar tigres ou enamorar-te de alguma malaia. Olha que há bonitas, juro-te. Em todo caso, passarás uma temporada longe daqui, o que te proporcionará a oportunidade de provar se é possível viver melhor do que estás vivendo em Rosshalde ... e se a tua ausência vai ser tão sentida quanto julgas! Que dizes do meu conselho?

De olhos fechados, o pintor balouçava suavemente sua grande cabeça, coberta de cabelo emaranhado, na qual se destacavam a palidez do rosto e a boca fina e apertada.

— Obrigado — disse Veraguth, esboçando um sorriso. — Obrigado pela tua sinceridade, de um verdadeiro amigo. No outono te direi se viajarei contigo. Queres fazer-me o favor de deixar as fotografias?

— Fica com elas, claro. Mas... não poderias decidir hoje ou amanhã sobre a viagem? Olha que seria muito melhor para ti.

Veraguth levantou-se e caminhou até à porta.

— Não, não posso. Quem sabe o que poderá acontecer até lá? Há muitos anos não me separo de Pierre mais de uma semana ou duas, no máximo. Creio que farei a viagem contigo, sim, mas não quero dizer nada agora de que possa arrepender-me depois.

— Então deixemos as coisas neste pé. Tu serás informado de qualquer modo, dos lugares por onde eu andar. Assim que decidires, é só mandar um telegrama anunciando que estás de malas prontas. Quanto ao resto, deixa por minha conta. Não quero que movas um dedo com os preparativos da viagem. Isso é assunto meu. Prepara tuas roupas e utensílios de pintura, é só. Eu me ocuparei do resto em Gênova.

Veraguth abraçou-o sem dizer palavra. Os dois saíram juntos para o pequeno jardim do estúdio.

— Foste para mim de grande ajuda, acredita, meu querido amigo — disse, por fim, num tom levemente embargado. — Nunca o esquecerei. Vou mandar preparar o carro e sairemos a passeio. Hoje não nos esperam para o almoço. Teremos um belo dia de folga, como naqueles bons tempos, nas nossas férias de verão. Passearemos por campos que não conheces, descansaremos nas sombras dos bosques, comeremos trutas assadas na brasa e beberemos o generoso vinho da região, em grossas canecas de barro. Que belo dia faz hoje!

— Pois não temos outro tempo há dez dias! — comentou Burkhardt, rindo.

Veraguth também riu com gosto.

— Ah, parece-me que o sol nunca brilhou em Rosshalde com tanta intensidade!

7.

DEPOIS QUE BURKHARDT partiu, o pintor foi invadido por um estranho sentimento de solidão. Essa mesma solidão em que vivia ano após ano, e que, por força do hábito, já lhe era quase insensível, apresentava-se-lhe agora como um inimigo desconhecido, inteiramente novo, que o acossava e oprimia. Veraguth sentia-se cada vez mais distanciado de sua família e do próprio Pierre. Era que, sem ele próprio se dar perfeitamente consciência disso, tinha decidido — pela primeira vez — o rumo que daria às suas relações com eles.

Em muitos momentos, avassalou-o a sensação humilhante e desconsolada do tédio. Até agora, Veraguth levara a vida inatural mas consequente de um homem emparedado por sua própria vontade, para quem a existência, carente de todo e qualquer interesse, era mais um fardo do que uma verdadeira vida. A visita do amigo abrira muitos buracos na sua cela de recluso, e através de milhares deles penetrava até ao solitário artista uma vida que resplandecia e cantava, que exalava seus aromas inebriantes e sedutores. Rompera-se o velho feitiço, e aquele que despertava para a vida apercebia-se, de súbito, de suas exigências e apelos com tamanha violência que quase lhe causavam dor física pelo corpo todo.

Lançou-se então com fúria ao trabalho. Deu início, quase simultaneamente, a duas grandes composições. Seu dia de trabalho começava com o nascer do sol e um banho frio depois; ficava pintando ininterruptamente até ao meio-dia; após uma breve pausa, mantinha-se desperto graças ao café e aos cigarros. À noite, era comum despertar com palpitações no coração ou dor de cabeça.

Mas, por mais que se fatigasse e mergulhasse em suas obras, no fundo de sua consciência mantinha-se agora, permanentemente vivo, embora coberto por sutis véus, o sentimento de que ainda havia para ele uma saída para a sua situação e de que, em dado momento, bastaria um passo para alcançar a total liberdade.

Não queria pensar nisso, de modo que se esforçava cada vez mais por afogar todas as ideias a esse respeito. A sensação que dominava o pintor poderia ser assim expressa:

“A qualquer instante podes sair da tua prisão, a porta está aberta; tens na mão a chave dos teus próprios grilhões, mas... a evasão exigirá um sacrifício duro, muito duro...

Por isso, não penses, não penses em nada, sobretudo não penses nisso, e trabalha, trabalha... ’' A decisão que Otto Burkhardt aguardava, e para a qual a sua própria natureza já se inclinava secretamente estava cravada em sua alma como uma bala na carne de um ferido. A questão consistia apenas em saber se, supurando, abriria caminho para fora ou ficaria enquistada. A ferida segregava pus e provocava dores, mas, no entanto, não seriam tão pungentes quanto as que Veraguth receava ter de suportar quando realizasse o sacrifício exigido. Assim é que nada fazia para ativar o processo; deixava que sua chaga secreta ardesse, sentindo, não obstante, uma curiosidade desesperada por saber aonde iria parar sua existência.

No meio de tais provações, Veraguth pintava um grande quadro cujo plano meditara por longo tempo sem que, até então, se decidisse a executá-lo. A ideia que ele queria concretizar fora concebida anos antes e causara-lhe, nessa época, um grande contentamento; mas à medida que o tempo passava, Veraguth achava-a cada vez mais vazia de substância e mais artificialmente alegórica, de modo que acabou por lhe parecer quase antipática. Contudo, o quadro animara-se agora de súbito em seu espírito e Veraguth começou a pintá-lo, apoiando-se no vigor de sua visão interior, na qual a alegoria perdera todo o antigo significado.

O quadro representava três figuras humanas: um homem, uma mulher, cada qual absorto em seu próprio mundo e estranho ao outro, e um menino, colocado entre ambos, que brincava tranquilo e feliz, sem notar as pesadas nuvens que se acumulavam sobre sua cabeça. O significado de cada figura não dava margem para dúvidas; apesar disso, o homem do quadro não tinha as feições de Veraguth nem a mulher as de sua esposa; só o menino do quadro era, realmente, Pierre, se bem que representado tal como fora alguns anos antes. O pintor trabalhava a figura dessa criança com toda a nobreza de sua arte e todo seu ardor; as figuras laterais estavam dispostas de acordo com os princípios de uma rigorosa simetria, imagens severas, descarnadas, doloridas, de uma solidão total; o homem, com a cabeça apoiada na mão direita, entregava-se a uma profunda meditação; a mulher, os braços pendentes, a cabeça levemente erguida para um céu invisível, parecia perdida num sonho doloroso, e a sua expressão era apática, em sua vacuidade.

Robert, o criado grave, estava passando dias pouco agradáveis. Veraguth tornara-se extremamente nervoso. Enquanto trabalhava, não consentia o menor ruído nos quartos contíguos ao estúdio.

A íntima esperança que germinara depois da visita de Burkhardt ardia em seu peito com redobrado alento, reduzindo a cinzas a sua obstinação oculta e colorindo seus sonhos com luzes excitantes e feiticeiras. Não queria escutara voz dessa esperança, fingia ignorá-la; tudo o que almejava era trabalhar e manter seu coração em paz.

Mas não lograva obter essa tão ansiada paz interior; sentia o gelo de sua vida derreter-se sem alegrias, e era como se vacilassem, abalados em seus alicerces; os pilares que sustentavam sua existência atual. Em sonhos, via seu estúdio, já fechado e desmantelado, ruindo aos pedaços; Adele, que fazia uma viagem de separação definitiva, levando Pierre com ela; e via o garoto estendendo para ele os braços finos. De noite, ficava muitas

vezes, horas afio, no seu pequeno e desconfortável quarto do estúdio, absorto na contemplação das fotografias da índia e da Malásia que Otto Burkhardt lhe deixara, até que, afastando-as com o braço, acabava por fechar os olhos cansados.

Duas forças travavam em seu íntimo uma implacável batalha, mas a esperança era a mais forte. Mil vezes relembrou suas conversas com Otto. Cada vez mais ardentes brotavam os desejos e necessidades do fundo da sua natureza vigorosa, onde haviam permanecido longo tempo aprisionados e intumescidos. E a essa ressurreição primaveril, a esse cálido reverdecer de sua vida, não podia resistir o antigo engano, essa crença doentia de que era um homem velho que nada mais podia fazer senão suportar o fardo de sua vida. Rompera-se essa funda e poderosa hipnose da resignação em que tinha caído, e, agora, forças inconscientes e impulsivas de uma vida reprimida e ludibriada invadiram-no e apossavam-se do seu ser.

Quanto mais nítidas ressoavam em sua alma as vozes da esperança, mais temerosa se tornava a consciência do pintor ante a dor que certamente lhe causaria o derradeiro despertar de sua vida. Cada vez fechava mais violentamente os olhos deslumbrados, ao passo que todas as fibras de seu ser resistiam, febris e tensas, à realização do sacrifício necessário.

Johann Veraguth aparecia raramente na mansão; agora mandava que as refeições lhe fossem servidas no estúdio, e passava muitas noites na cidade, onde jantava. Quando se encontrava com sua mulher ou Albert, comportava-se com a maior serenidade; mantinha uma atitude branda e complacente, parecendo ter esquecido todos os sentimentos hostis.

Dava também a impressão de preocupar-se menos do que antes com Pierre. Antes, esforçava-se, uma vez por dia, no mínimo, por atrair a si o garoto, retê-lo no estúdio ou sair com ele a passeio pelo jardim. Agora, passavam dias inteiros sem que o pintor visse o filho ou perguntasse por ele. Se o encontrava ocasionalmente no

parque beijava-o, pensativo, na testa e olhava-o tristemente nos olhos, com uma expressão ausente, prosseguindo logo seu caminho.

Um dia, pelo fim da tarde, Veraguth acercou-se do jardim dos castanheiros. O ar estava tépido, e soprava uma brisa suave; uma garoa quase quente caía, indolente, em minúsculas gotas. Pelas janelas abertas ouvia-se música em casa. O pintor parou, um instante, para escutá-la. Não conhecia a peça que estava sendo tocada. Possuía essa música uma beleza grave e pura, em sua severidade equilibrada. Veraguth ouvia pensativo e deleitado. "É estranho", pensou ele, "esta música é para gente velha e circunspecta." De fato, era uma música sóbria e viril, que nada tinha daqueles acentos báquicos das melodias que ele tanto amara nos tempos distantes da sua juventude.

Entrou silenciosamente em casa, subiu as escadas e, sem bater nem fazer ruído algum, entrou no salão de música, onde só Adele se apercebeu de sua chegada. Albert tocava e sua mãe estava de pé ao lado do piano, com um braço apoiado no instrumento. Veraguth sentou-se na poltrona mais próxima, inclinou a cabeça e pôs-se a escutar a música. Em dado momento, ergueu os olhos e pousou-os em sua mulher. Ali estava ela em sua casa, onde vivia anos após anos de silêncio e desengano, tal como ele os vivera lá embaixo. no estúdio e junto ao lago; só que ela tivera sempre a Albert, acompanhara-o em tudo, e eis que esse filho era agora o hóspede, o amigo e confidente da mãe, e com ela vivia como se havia muito não existisse o pai. Adele Veraguth tinha o aspecto já um tanto envelhecido; aprendera a manter-se silenciosa, a ser discreta e a contentar-se com o que tinha; seu olhar era firme e sua boca tinha uma expressão levemente desdenhosa e seca, mas não era, em seu todo, uma criatura desarraigada, pelo contrário, destacava-se com segurança no seu próprio ambiente, de modo que o ar que respirava era o mesmo em que viviam seus filhos.

Não, era capaz de grandes manifestações de alegria nem de oferecer aos seres que amava uma ternura impetuosa; isto é, faltava-lhe justamente aquilo que o marido nela buscara sofregamente em tempos idos. Mas, à sua volta, percebia-se a atmosfera de um lar; havia intimidade e segurança. Suas feições, como toda a sua presença, revelavam firmeza de caráter. Era, pois, um terreno seguro onde os filhos poderiam crescer, educar-se, fazer-se homens e mostrar-se gratos pelo que haviam recebido.

Veraguth voltou a baixar a cabeça, tranquilizado. Não via ali ninguém que perdesse alguma coisa caso ele desaparecesse para sempre. Não, não era indispensável naquela casa. Se isso, de certo modo, o feria em seu amor-próprio, por outro lado mais aumentava o desejo de uma emancipação que, afinal, não traria grandes prejuízos para ninguém.

Quanto a ele próprio, em qualquer parte do mundo poderia armar o cavalete, voltar a ter o seu estúdio e rodear-se da atmosfera de atividade que constituía toda a sua vida.

Só que nunca mais teria um lar. Claro que já o sabia desde muito tempo, mas aceitava de bom grado a situação.

Albert terminara a execução da peça de música. Compreendeu, talvez por um sinal de olhos da mãe, que tinha entrado alguém no salão. Voltou-se e, ao ver o pintor, seu rosto refletiu uma expressão de assombro e desconfiança.

— Boa-tarde — disse Veraguth.

— Boa-tarde — respondeu o jovem, um tanto embaraçado, enquanto se apressava a rebuscar no armário onde eram guardadas as partituras.

— Estiveste tocando? — perguntou Veraguth, com cordialidade.

Albert deu de ombros, como se dissesse: “Você não ouviu?”

Mas pôs-se vermelho e ocultou o rosto entre as divisões do armário.

— Era muito bonito o que tocavas — continuou o pintor, com um sorriso. Dava-se perfeitamente conta de quanto a sua

inesperada visita incomodava Adele e o filho. Por isso acrescentou, com uma certa malícia: — Peço-te que toques mais qualquer coisa. O que quiseres. Estou vendo que fizeste grandes progressos.

— Oh, não creio — defendeu-se Albert, desconcertado.

— Ah, sim, progrediste muito. Não é verdade, Adele? Vamos, toca mais alguma coisa, peço-te!

A Sra. Veraguth olhava curiosamente para o marido sem saber a que era devida aquela súbita cordialidade.

— Vamos, Albert, senta-te e toca isto — disse-lhe a mãe, estendendo-lhe um caderno de música.

Ao fazer o gesto, sua manga roçou por uma floreira de prata, em forma de canastra, que estava cheia de rosas e se encontrava sobre o piano. Algumas pétalas, pálidas e murchas, caíram sobre a madeira preta e reluzente.

Albert sentou-se no banco do piano e começou a executar a peça. Estava perturbado e furioso, de modo que tocava rapidamente e sem gosto, como se estivesse cumprindo uma obrigação enfadonha. O pai escutou-o por alguns momentos com atenção, depois mergulhou de novo em suas cogitações e acabou por levantar-se de súbito e sair da sala, sem fazer ruído, antes de Albert ter terminado de interpretar a peça. Ao caminhar pelo corredor, ainda ouviu como o jovem martelava furiosamente o teclado e, instantes depois, interrompia a execução.

"A estes dois nada faltará quando eu me for embora", pensou o pintor, enquanto descia a escada. "Meu Deus, como nos distanciamos! E pensar que já constituímos uma família!"

Na galeria, encontrou-se com Pierre, que corria ao seu encontro. O garoto estava radiante e tomado de grande excitação.

— Papai! Papai! — exclamou sem fôlego. — Que sorte a minha em te encontrar! Nem adivinhas o que tenho aqui: um rato pequenino, um camundongo muito engraçado... e está vivo!

Olha, olha aqui! Não estás vendo os olhinhos dele na minha mão? Foi o gato amarelo que o caçou; depois passou a judiar dele.

Deixava que escapasse um pouco e depois voltava a cair em cima dele, e assim continuou uma porção de vezes, até que eu, rápido, mas muito rápido mesmo, apanhei o ratinho debaixo do focinho dele! Que achas disto, papai?

Que vamos fazer com o camundongo?

Doido de alegria, Pierre erguia os olhos para o pai, mas sem deixar de estremecer cada vez que o pequeno animal preso em sua mão, estrebuchava e emitia breves guinchos de medo.

— Vamos deixá-lo em liberdade no jardim — disse Veraguth. — Vem comigo.

Pediu um guarda-chuva a um empregado e, tomando o filho pela mão, saiu com ele. A chuva que caía de um céu já mais claro era muito fina e silenciosa; os lisos e molhados troncos das faias reluziam, negros, como se fossem de ferro fundido.

Veraguth e Pierre detiveram-se sob a exuberante folhagem de várias árvores cujas copas se misturavam. Agachando-se com precaução, o pequeno foi abrindo pouco a pouco a mão. O rosto estava corado e as pupilas brilhavam, radiantes, por causa da tensão nervosa de que estava tomado. Mas, de súbito, como se a espera se lhe tornasse insuportável, abriu repentinamente a mão. O rato, um animalzinho minúsculo, quase recém-nascido, abandonou às cegas a sua prisão, andou um pedaço e logo estacou diante de um cordão de enormes raízes entrelaçadas que emergiam do solo. Veraguth e Pierre viram o dorso do camundongo, que se movia em rápidos arrancos da respiração ofegante, e os olhinhos negros e brilhantes, que, medrosos, espiavam em redor.

Pierre começou a gritar e bater palmas.

— Vamos! Vamos! Corre! — exclamava o garoto.

O rato, espantado, desapareceu como por obra de mágica no solo úmido. Veraguth passou suavemente sua mão pelo cabelo espesso do filho.

— Vens comigo, Pierre?

O garoto pôs a mão direita na esquerda do pai e deixou-se conduzir.

— Agora, o ratinho já deve estar em casa, contando à sua mamãe e ao seu papai a aventura por que passou.

Pierre continuava tagarelando, enquanto o pintor o segurava com força pela mão frágil e quente; cada palavra ou exclamação do menino chegava-lhe ao coração e fazia-o pulsar descompassadamente. Veraguth sentia-se envolto, de novo, no feitiço desse amor.

Ah, nunca em sua vida poderia voltar a sentir por alguém um amor semelhante ao que dedicava a seu filho! Jamais voltaria a viver instantes dessa ternura tão plenamente consoladora, de um tão completo alheamento de si próprio, como os que estava vivendo agora junto de Pierre, junto a essa formosa e derradeira imagem de sua própria infância!

O encanto do rapaz, sua graça, seu riso, a vivacidade do seu pequeno ser eram os últimos acentos de pura alegria na vida de Veraguth; pelo menos, era o que lhe parecia.

Todas essas coisas constituíam para ele o que para um jardim outonal é o último e tardio florescimento dos roseirais.

— Por que é que não gostas de Albert? — perguntou Pierre, de chofre.

Veraguth apertou com mais força a mão do filho.

— Claro que gosto. O que acontece é que ele prefere dar-se com a mãe, e eu nada posso fazer contra isso.

— Na verdade, papai, eu acho que ele não gosta de ti. E queres saber uma coisa? Desconfio que ele também já não me quer como antes. Fica horas tocando piano ou metido no quarto dele, sozinho. No primeiro dia, quando ele chegou e eu lhe falei do meu jardim, desse que eu mesmo planto e cuido, ele fez uma cara muito admirada e disse: “Amanhã iremos ver o teu jardim.” Mas nem no dia seguinte, nem no outro, nem depois me perguntou mais coisa nenhuma. Não me parece que seja um bom camarada comigo.

Além disso, anda metido a importante desde que passou a usar aquele bigodinho! E como está sempre com a mamãe, quase não posso mais estar com ela!

— Não esqueças que Albert ficará aqui apenas umas semanas, filho. É justo que a mamãe lhe dê agora mais atenção. Mas, escuta, quando não puderes estar com a mamãe, estás autorizado a vir procurar-me sempre que queiras. Não gostas?

— Não é a mesma coisa, papai. Muitas vezes gosto de estar contigo, outras prefiro estar com a mamãe. Além disso, estás sempre tão terrivelmente ocupado com as tuas pinturas que tenho receio de incomodar.

— Isso não deve ser um obstáculo, Pierre. Se tiveres vontade de ir ver-me no estúdio, nunca deixes, de fazê-lo, entendes? Nunca, mesmo que eu esteja trabalhando.

Pierre não respondeu. Limitou-se a encarar o pai e soltar um suspiro.

— Não te pareceu bem o que eu disse? — indagou Veraguth, assustado ao perceber a expressão do rosto do filho, que minutos antes refletia o efusivo prazer de uma criança e agora estava mudada e parecia mais a de uma pessoa adulta.

Veraguth repetiu a pergunta.

— Fala, Pierre. Não estás contente comigo?

— Claro que sim, papai. O que acontece é que não gosto muito de ir ver-te quando estás pintando. Antes, eu ia muitas vezes e...

— E o quê? Não gostavas?

— Queres que eu diga, papai? Quando vou te visitar ao estúdio, só fazes passar a mão pela minha cabeça, não dizes nada e olhas, para mim com uns olhos muito diferentes dos que tens sempre, sim, parece até que não me viste chegar com bons olhos. E quando te digo alguma coisa, vê-se logo que não me escutaste. Ficas dizendo ?sim, sim", sem me dar um pouquinho de atenção. E quando eu vou te visitar e falo contigo, quero que me atendas e ouças, papai!

Veraguth estava assombrado com a perspicácia e a personalidade que o garoto demonstrava em suas observações. Teve de pensar duas vezes antes de responder.

— Tens razão, Pierre... mas, apesar de tudo, não deixes de ir ver-me no estúdio. Quando estou entregue ao meu trabalho, para que possa realizar algo com perfeição, tenho de concentrar-me muito, muito e não me é possível, às vezes, sair de mim mesmo tão depressa quanto desejaria, para atender-te no mesmo instante em que chegas. Prometo, contudo, que tentarei fazê-lo no futuro.

— Ah, sim, agora entendo! Comigo se passa muitas vezes a mesma coisa. Quando estou pensando em alguma coisa interessante, acontece que me chamam de repente e então tenho de interromper as minhas ideias e responder... Isso é muito... muito aborrecido. Às vezes, gosto de passar o dia todo calado e pensando, mas não posso, porque me mandam ir brincar ou estudar. Palavra que isso me desgosta muito.

Pierre olhava o vazio à sua frente, fazendo visíveis esforços para expressar corretamente o que pensava. Era uma questão árdua, difícil de entender completamente e, com maior razão, de explicar.

Agora haviam chegado ao pavilhão onde Veraguth vivia. O pintor sentou-se e colocou o filho sobre os joelhos.

— Compreendo muito bem o que quiseste dizer-me, Pierre — disse Veraguth, numa voz suave. — Queres olhar os quadros ou preferes desenhar? Parece-me que poderias fazer agora uma coisa: desenhar a história do ratinho que libertamos há pouco. Que te parece?

— Ah, sim, boa ideia! Mas vou precisar de uma grande folha de papel.

De um gavetão da mesa, Veraguth tirou uma folha de papel de desenho; fez a ponta num lápis e puxou uma cadeira para o filho. De joelhos sobre o assento, Pierre começou a desenhar imediatamente o rato e o gato. Veraguth, para não o importunar,

sentou-se um pouco atrás do filho e pôs-se a contemplar com ternura seu pescoço delicado e bronzeado do sol, sua nuca de curvatura suave, a cabeça graciosa e de atraente aspecto, inclinada sobre a folha. Com os lábios torcidos de concentração e impaciência, Pierre seguia atentamente os movimentos de sua mão.

Na agitação de seus lábios, no franzir das sobrancelhas, nas rugas da testa, refletiam-se nitidamente as linhas que o pequeno ia traçando, cada progresso, cada fracasso.

— Ah, não está saindo bem! — exclamou Pierre, momentos depois. Apoiando-se com ambas as mãos no tampo da mesa, ergueu-se e observou de cima seu desenho, com olho crítico e atento. — Não, não está bem — concluiu, desapontado — Papai, como se faz um gato? Este meu parece, mais um cachorrinho...

O pai segurou a folha de papel e contemplou-a com semblante sério.

— Vamos emendar aqui algumas coisas — disse tranquilamente. — A cabeça está grande demais e não suficientemente redonda. As patas saíram muito grandes. Assim... Espera um instante e verás como sai bem.

Com precaução, passou a borracha sobre a folha de Pierre e desenhou em seguida um gato, em meia dúzia de traços breves e firmes.

— Vês? Tem de ser assim. Estuda um pouco e tenta depois desenhar um gato como este.

Mas a paciência de Pierre para o desenho já se esgotara, de modo que pôs de lado o lápis e preferiu pedir ao pai que, junto do gato já desenhado, desenhasse um filhote de gato, depois um rato, depois o próprio Pierre no momento de libertar o camundongo das unhas do gato. E, finalmente, Veraguth teve de desenhar, a instâncias do filho, uma carruagem com cavalos, cocheiro e tudo.

Chegou o momento em que também essa diversão se tornou aborrecida para o garoto. Então, entoando uma canção e fazendo piruetas, percorreu duas ou três vezes o estúdio, olhou pela janela

para ver se continuava a chover, aproximou-se dançando da porta e saiu.

Através das janelas ressoou ainda a canção infantil, cantada em falsete. Depois, fez-se silêncio e Veraguth ficou sentado e só, olhando distraidamente para a folha em que desenhara os gatos.

8.

EM PÉ, diante do gigantesco quadro em que estava trabalhando, Veraguth pintava o leve e delicado vestido azul da mulher; no decote perdia-se uma pequena joia de ouro que brilhava com melancólico fulgor, amortecendo o impacto da luz irradiante da tela, que não se detinha em ponto algum do rosto envolto em sombras da mulher, nem do vestido azul e frio... e era essa a mesma luz, entretanto, que brincava em alegres reflexos nos belos cabelos da criança.

Alguém bateu à porta, e o pintor, contrariado, retrocedeu um passo. Após um breve instante de espera, voltaram a bater, e Veraguth, largando na mesa os pincéis, dirigiu-se então para a porta, em passos sacudidos, e entreabriu-a.

Albert estava do lado de fora, aguardando. Durante todo o período de férias não pusera uma única vez os pés no estúdio de seu pai. Tinha na mão o chapéu de palha e perscrutou o rosto nervoso de Veraguth com uma olhada hesitante.

O pintor escancarou a porta e deu passagem ao filho.

— Bom-dia, Albert. Vieste ver os meus quadros? Não tenho aqui muitos, no momento...

— Oh, não queria incomodá-lo, pai, agora que está trabalhando. Só queria perguntar se ...

Mas Veraguth já fechara a porta e, passando diante do cavalete que sustinha o quadro em que trabalhava, deteve-se em frente de um armário metálico com divisões cilíndricas, onde guardava as telas enroladas. Ele retirou o quadro dos peixes.

Albert aproximou-se, um tanto perplexo, de seu pai, que já desenrolara a tela, e contemplou a obra de brilho prata.

— Interessa-te a pintura? — perguntou Veraguth, cordialmente. — Ou só gostas de música?

— Oh, sim, gosto muito de contemplar quadros. Este é maravilhoso!

— Gostas, hem? Pois mandarei fazer uma foto e te darei de presente. E como te sentes em Rosshalde, depois de tanto tempo?

— Muito bem, pai, obrigado... Na verdade, eu não queria incomodá-lo... Só vim por causa de uma ninharia...

O pintor não o escutava. Olhou distraidamente o rosto do filho com os olhos fatigados que sempre tinha quando trabalhava.

— Que pensa hoje em dia da arte a jovem geração? Suponho que estarão em voga as opiniões de Nietzsche... ou ainda se lê Taine? Era um sujeito muito erudito, o velho Taine mas também cacete como ele só. Que ideias novas nos oferecem os jovens?

— Confesso que ainda não li Taine. Por certo que o senhor terá refletido muito mais do que eu sobre os problemas de estética ...

— Antes, sim. A arte e a cultura, o apolíneo e o dionisíaco, e tudo o que se pensava e filosofava a respeito, tinham para mim uma importância enorme, como deves imaginar.

Hoje, em compensação, dou-me por satisfeito quando consigo realizar um bom quadro. Já não tenho problemas a tal respeito. A bem dizer, os meus problemas não são de ordem filosófica.

Se tivesse de explicar o motivo por que sou artista e por que pinto, diria que sou pintor porque não tenho cauda.

Albert olhava estupefato para o pai, que havia muito tempo não falava daquele modo com ele.

— Cauda? Não o entendi, pai. Que quer dizer com isso?

— Pois é muito simples. Os cães e os gatos, e muitos outros animais, não só estão dotados de uma cauda, com que exprimem o que pensam, sentem e sofrem, mas, além disso, mediante a linguagem da cauda, são capazes de formar milhares de arabescos com maravilhosa perfeição, comunicar a menor vibração de seu ser, as mais insignificantes efusões de sua vida interior... de sua alma,

quem sabe? Alegria, medo, confiança, ódio, cautela, astúcia, tudo eles são capazes de comunicar através de caprichosos movimentos de cauda.

Como nós, homens, não temos cauda, e os de temperamento mais impulsivo sentimos a necessidade imperiosa de expressar-nos, recorremos então ao pincel, ao piano ou ao violino...

Calou-se, como se, de súbito, a conversa tivesse deixado de interessar-lhe, ou talvez porque nesse momento se apercebeu de que estava falando sozinho, suas palavras não encontravam eco favorável em Albert.

— Agradeço a tua visita — disse Veraguth bruscamente, sem transição.

Já estava de novo defronte ao cavalete. Apanhou a paleta e cravou os olhos na tela, procurando o ponto onde dera a última pincelada.

— Desculpe, pai... mas queria fazer-lhe uma pergunta...

Veraguth voltou-se, com um olhar ausente, desligado de tudo o que não fosse a sua pintura.

— Sim?

— Eu queria levar Pierre num passeio de carruagem. A mamãe já deu licença, mas disse que eu teria de pedir também a sua autorização.

— Até onde pensas ir?

— Oh, será um passeio de algumas horas pelo campo. Talvez cheguemos a Pegolzheim.

— Bem... Quem conduzirá?

— Eu, pai...

— Leva Pierre contigo, então... Mas só com um cavalo, o baio escuro.

— Ah, mas eu preferia levar a charrete com parelha!

— Lamento muito. Se fores sozinho, podes conduzir como te apeteça, mas levando Pierre, só o farás com o baio escuro.

Albert retirou-se, um tanto frustrado. Em outra ocasião, talvez tivesse insistido em seu pedido, mas, vendo o pintor absorto em seu trabalho, em seu próprio estúdio e na atmosfera de seus quadros, o jovem sentiu que o pai se lhe impunha de tal modo, apesar da sua vontade íntima de resistir-lhe, apesar de nunca lhe ter reconhecido autoridade sobre ele, que desta vez saiu dominado por uma estranha sensação de impotência lamentavelmente infantil.

O pintor imediatamente mergulhou de novo em seu trabalho; esquecera a interrupção e alheara-se completamente do mundo que o cercava. Com olhar severo e concentrado, comparava a superfície da tela com as imagens vivas que animavam seu íntimo criador. Percebia a música da luz, que se dispersava em caudais sonoros e voltava a concentrar-se em seus olhos; via como se fatigava contra as resistências que encontrava em seu fluxo; como, ébrio e indomável, triunfava uma e outra vez sobre cada superfície; como jogava com as cores, ao saber de uma caprichosa mas impecável imaginação, encontrando os matizes mais apropriados, interrompendo-os mil vezes no percurso de sua irradiação, mas conservando-os milagrosamente intactos e fiéis à sua lei física, inata, num todo harmônio que jorrava de inúmeras pinceladas luminosas, de miríades de ardis cromáticos. Veraguth saboreava profundamente o prazer da criação artística, à qual se entregava de corpo e alma numa volúpia que atingia as raias do aniquilamento.

E vivia assim esses ditosos e sensuais momentos de plena liberdade, alcançada pela repressão e domínio vigilante de toda a arbitrariedade, momentos de plenitude que só se conseguem pela obediência ascética ao sentimento de fidelidade a si próprio e à realidade.

Estranho e triste era seu destino, mas não mais estranho nem triste que o de todos os seres humanos. Esse extraordinário artista, a quem só parecia possível exercer sua arte mantendo-se na mais rigorosa fidelidade a si próprio e alcançando o máximo grau de concentração de que uma pessoa é capaz; esse homem em cujo

estúdio de artista não se permitia o menor capricho nem se sofria a mais leve insegurança ou vacilação, não fora em sua vida pessoal mais do que um diletante, um ansioso e inseguro buscador de felicidade; aquele de cujas mãos não saía um quadro defeituoso, uma obra que não fosse impecável em todos os seus aspectos essenciais e substanciais, sofria profundamente o tormento de incontáveis dias e anos fracassados, o melancólico peso das frustradas tentativas em busca de amor e vida.

Talvez não tivesse plena consciência disso. Desde algum tempo atrás, não sentia mais a necessidade de desdobrar ante os olhos, com nitidez, o quadro de sua existência.

Sofrera e defendera-se do sofrimento, revoltando-se primeiro contra a dor e terminando por resignar-se; assim, deixara que as coisas seguissem seu rumo, enquanto ele se inebriava em seu trabalho, como que anestesiado no espírito e nos nervos para tudo o mais que não fosse a sua privilegiada paleta. E, por obra e graça de sua natureza enérgica e obstinada, tudo quanto a vida perdera em riqueza, profundidade e calor enriqueceu e insuflou uma chama viva e ardente à sua arte. Tornou-se um solitário, entrincheirado contra o mundo hostil que o cercava, ensimesmado em sua vontade de artista e numa atividade sem conta, peso nem medida; mas seu temperamento era de tal têmpera e pertinácia que Veraguth não via a pobreza de semelhante vida nem queria reconhecê-la.

Tal era a situação espiritual de Veraguth antes da visita de Otto Burkhardt, que tão profundamente o impressionara. Desde então, experimentava o pintor uma espécie de angustioso pressentimento de perigo, de um novo destino que se aproximava, insinuantemente, da sua solidão voluntária para desafiá-lo. Pressentia que o esperavam lutas e provações das quais não o salvariam sua atividade nem sua arte. Sua condição de homem extremamente sensível parecia adivinhar o ataque, mas sentia-se carente de raízes onde apegar-se para enfrentar o vendaval e de forças para resistir-lhe com êxito. Só lentamente seu espírito solitário e isolado do

mundo se acostumava ao pensamento de que era preciso beber o cálice do sofrimento até a última gota.

Debatendo-se contra esses pressentimentos ameaçadores, espantando-se ante a ideia de compreender tudo com tamanha nitidez e de poder tomar uma decisão definitiva, a natureza inteira do pintor manifestou-se quando, talvez pela derradeira vez, fazendo um supremo esforço, como um animal acessado de perto pelos caçadores e que reúne todas suas energias para armar o salto que o salvará, Johann Veraguth criou, nesses dias de angústia íntima, uma de suas mais belas e profundas obras..., o quadro do menino que brincava, descuidado e radiante, entre as figuras taciturnas e doloridas de seus pais. Plantadas no mesmo solo, envoltas pelo mesmo ar e iluminadas pela mesma luz, as figuras do homem e da mulher falavam de morte e da mais amarga frialdade, ao passo que a criança resplandecia, como que iluminada por uma luz própria, dourada e feliz. E quando, anos depois, os críticos e admiradores de Veraguth, opondo-se ao juízo que o pintor fazia de si mesmo, passaram a considerá-lo um dos poucos e verdadeiramente grandes artistas de sua época, fizeram-no, sobretudo, impressionados por esse quadro tão dramaticamente impregnado de uma profunda dor de alma, embora o autor se propusesse apenas, ao pintá-lo, realizar uma perfeita obra de técnica pictórica.

Nessas horas de criação, Veraguth não se apercebera de angústia nem debilidade alguma, ignorara dores ou culpas, alheara-se inteiramente de sua vida fracassada. Não estava triste nem alegre; apenas enfeitiçado diante de sua obra e respirando, voluptuosamente, o ar frio da solidão criadora. Nada pedia ao mundo, que ele apagara e esquecera completamente. Em movimentos rápidos e seguros, os olhos atormentados pelo esforço, ia colocando pequenas e cortantes pinceladas de cor na tela, aprofundava aqui uma sombra, fixava uma folha vacilante no claro-escuro do arvoredo, fazia com que uma prega solta adquirisse mais movimento e suavidade na luz. De maneira nenhuma pensava

Veraguth no que sua obra poderia expressar. Isso não lhe interessava, não era mais do que uma ideia, uma ocorrência fortuita; não se tratava agora de significados, de sentimentos ou pensamentos subentendidos, mas da pura realidade. Até voltara a esbater um pouco mais a expressão dos rostos que quase se perdiam na penumbra; não o preocupava a poesia que o quadro pudesse ter, ou o seu caráter simbólico. Mas a prega que o vestido formava na altura dos joelhos era para ele tão importante e sagrada quanto a inclinação do corpo e o ângulo da boca fechada. Nesse quadro não se deveriam ver mais do que três seres humanos em oposição perfeita, cada um dos quais, embora relacionado com os outros pelo espaço e a atmosfera, conservando teimosamente uma expressão própria e autônoma, circunstância essa que determina, em toda obra de arte profundamente concebida, que o espectador, ao contemplá-la, sinta-se arrancado do mundo acessório das relações e dominado pela fatal necessidade de cada fenômeno isoladamente representado. E assim que nos observam, nos quadros dos antigos mestres os rostos de seres humanos desconhecidos, de quem ignoramos — nem importa saber — os nomes, figuras enigmáticas e repletas de uma vida profunda, símbolos de tudo o que existe.

O quadro de Veraguth estava quase terminado. O pintor decidira concluir o rosto do menino em último lugar, talvez no dia seguinte ou no outro.

Já passara a hora do almoço quando Veraguth começou a sentir apetite e olhou para o relógio. Lavou-se e vestiu-se então, apressadamente, dirigindo-se em largas passadas para a mansão, onde encontrou a mulher sozinha, sentada à mesa.

— Onde estão os rapazes? — perguntou, surpreendido, ao entrar.

— Saíram a passeio. Albert não foi ao estúdio avisar-te?

— Ah, sim, é verdade...

Só nesse momento lhe voltou à ideia a visita matinal de Albert. Começou a comer distraidamente e um tanto embaraçado. Adele observava como o marido cortava a comida com ar fatigado, como se isso lhe custasse um terrível esforço. Na verdade, ela não o esperara para o almoço; já tinha almoçado à hora habitual. De súbito, ao contemplar o rosto cansado do marido, surpreendeu-se ao sentir uma espécie de compaixão. Em silêncio, chegou-lhe uma travessa para junto do prato, serviu-lhe vinho no copo e atreveu-se a comentar: — Deves forçar o apetite ... Não podes esgotar-te no trabalho sem comer o suficiente...

Desta vez, foi Veraguth quem se assombrou com o inopinado desvelo da mulher e ficou sem saber o que responder. Mas, sentindo-se invadido de um sentimento cordial, decidiu dizer, em contrapartida, alguma coisa que fosse do agrado de Adele.

— Albert está verdadeiramente interessado em cultivar a música? Creio que ele tem muito talento...

— Sim, é um moço muito bem-dotado. Mas não sei, realmente, se chegará a ser um artista. Pelo menos, não parece ter essa ambição. Até agora, ainda não o vi particularmente inclinado para abraçar qualquer profissão, e o seu ideal é chegar a ser uma espécie de cavalheiro bem-educado, que pratica esportes, é estudioso, amante das artes e frequentador da boa sociedade.

— Não creio que isso seja um ideal de que se possa viver, não te parece?

— Claro, mas logo chegará o momento em que poderei orientá-lo. Por ora, sei que se empenha nos estudos e possui boas maneiras. Por isso, não quero perturbá-lo inutilmente e inquietá-lo com advertências. Dentro de pouco tempo irá fazer o serviço militar. Uma vez que o cumpra, então veremos...

O pintor calou-se. Descascou uma banana e cheirou, com satisfação, o fruto maduro, nutritivo e aromático.

— Se não te incomoda, gostaria de tomar o café aqui contigo — disse Veraguth, por fim.

O tom de sua voz revelava cordialidade e uma ponta de cansaço, como se quisesse exprimir o desejo de ficar ali repousando e gozando o conforto da casa.

— Mandarei servi-lo imediatamente. Trabalhaste muito hoje?

Esta última pergunta escapou-lhe quase sem que ela se desse conta do que dissera. Na verdade, Adele fugia sempre a abordar esse tema; apenas queria, visto que se tratava de um daqueles raros momentos de aproximação, mostrar-se um pouco atenciosa com o marido. Mas isso não era fácil, já que perdera o hábito de comportar-se dessa maneira.

— Sim, estive trabalhando durante algumas horas. — respondeu Veraguth, secamente.

Sentiu-se incomodado com a pergunta da mulher. Estabelecera-se entre eles, havia anos, o costume de nunca falar dos trabalhos do pintor, de modo que Adele nem sequer vira os últimos quadros do marido.

Percebeu ela que o instante de claridade e aproximação se dissipara, e, no entanto, nada fez para prolongá-lo. Quanto a Veraguth, que já estendera a mão para a cigarreira e dispunha-se a pedir à esposa licença para fumar um cigarro, deixou pender o braço, ao dar-se conta de que já não sentiria prazer algum em fumar ali. Bebeu, porém, o café sem pressa, fez ainda algumas perguntas a respeito de Pierre, agradeceu afavelmente a companhia que ela lhe fizera à refeição e permaneceu mais alguns minutos na sala, observando um quadro que, muitos anos antes, oferecera à esposa.

— Está muito bem conservado — murmurou ele, quase como se falasse para si próprio — e ainda me parece bastante bonito. Só essas flores amarelas é que são realmente intoleráveis.

Dão claridade demais ao conjunto.

A Sra. Veraguth nada disse. Queria a casualidade que fossem essas flores, precisamente, tão delicadas em seus matizes amarelos, as de que ela mais gostava no quadro.

Veraguth voltou-se e esboçou um sorriso.

— Até logo... Não te aborreças demasiado até que os rapazes voltem.

Saiu então da sala e desceu a escada. Quando chegou embaixo, o cão pastor veio ao seu encontro, dando grandes saltos. Veraguth apanhou com a mão esquerda ambas as patas dianteiras, enquanto passava a direita pelo dorso do animal, que o olhava ansioso. Através das janelas da cozinha, o pintor pediu um torrão de açúcar, que ele próprio deu na boca do cão. Em seguida, lançou uma olhadela aos ensolarados gramados e dirigiu-se então ao seu estúdio. O parque estava belo nesse dia, mas o pintor não tinha tempo de desfrutá-lo. Precisava voltar ao trabalho.

Na luz tranquila e difusa do ateliê, destacava-se o quadro. Na superfície verde, pontilhada de flores dos prados, dispunham-se as três figuras humanas: o homem, encurvado e imerso numa meditação desesperançada; a mulher, numa atitude resignada, expressão de desencanto e melancolia no rosto sem brilho; a criança, radiante e Feliz no meio das flores. Sobre as três figuras pairava uma luz intensa, ondulante, que, triunfando no espaço, tudo inundava com a mesma serena intensidade, tanto as corolas das flores como a luminosa e rebelde cabeleira do menino e a pequena joia dourada que pendia do pescoço da atribulada e taciturna mulher.

9.

O PINTOR CONTINUOU a trabalhar até ao entardecer. Agora estava sentado numa poltrona, as mãos sobre os joelhos e sentindo-se inerte de cansaço, o espírito vazio de todo pensamento; as faces descoloridas e os olhos ligeiramente injetados, jazia esgotado e quase sem vida, como um camponês ou um lenhador após ter cumprido um duro trabalho físico.

Nesse momento, do que mais gostaria, sem dúvida, teria sido Ficar ali sentado, abandonando-se inteiramente à sua fadiga e desejo de dormir. Mas os seus hábitos e rigorosa disciplina tal não lhe permitiam, de modo que, um quarto de hora depois, mobilizou as suas reservas de energia e levantou-se sem dar sequer uma olhada para o gigantesco quadro prestes a terminar. Caminhou até a beira do lago e, tirando a roupa, entrou na água, começando a nadar lentamente.

Era um entardecer de luz suavemente pálida e leitosa. Percebiam-se no ar imóvel os ruídos, amortecidos pelo rumorejar da água, das carroças carregadas de feno, que transitavam, de rodas chiantes, pelo caminho vicinal a Rosshalde, e as exclamações estridentes e risos das moças e rapazes da lavoura, regressando de uma jornada de trabalho. Com um ligeiro calafrio, Veraguth saiu da água, enxugou-se energicamente para esquentar a circulação e, já seco e vestido, dirigiu-se ao seu pequeno quarto, onde acendeu um cigarro.

Queria escrever algumas cartas nessa tarde. Puxou a gaveta da escrivaninha, um tanto indeciso, voltou a fechá-la num gesto de impaciência e chamou Robert.

O criado acudiu prontamente.

— Faz muito tempo que os meninos voltaram do passeio?

— Ainda não chegaram, Sr. Veraguth.

— O quê? Ainda não chegaram?

— Não, senhor. Espero que o Sr. Albert não tenha exigido demais do baio! É um animal que está acostumado a andar obedientemente, desde que se respeitem à risca as regras de manejo de uma charrete.

Veraguth nada disse. Desejara, nesse momento, ter junto a si, por uma meia hora, o pequeno Pierre, a quem imaginava já de volta do passeio. A notícia de que ainda não haviam chegado irritou-o e até inquietou-o um pouco.

Dirigiu-se então, em grandes passadas, para a mansão e, galgando rapidamente as escadas, chamou pela esposa à porta dos seus aposentos. Ela saudou-o, surpreendida, pois fazia muito tempo que o pintor não a procurava a tal hora em seus aposentos privados.

— Desculpa — disse Veraguth, com reprimida emoção. — Mas onde está Pierre?

Adele encarou o marido com expressão de perplexidade.

— Saiu com Albert na charrete. Creio que já o sabes.

Mas, dando-se conta da emoção do pintor, apressou-se a acrescentar: — Receias alguma coisa?

Veraguth encolheu os ombros, irritado.

— Não... Mas parece-me que Albert não está sendo prudente. Falou-me de algumas horas. Podia, pelo menos, ter telefonado.

— Mas ainda é cedo! Certamente chegarão para o jantar.

— Sempre que quero ter o pequeno algum tempo comigo, ele não está!

— Não tens razão para ficar zangado. Ele não estar aqui é uma casualidade. Pierre visita-te no estúdio com bastante frequência.

Veraguth mordeu os lábios e saiu do aposento em silêncio. Era insensato irritar-se, era insensato ser impulsivo, era insensato pedir algo da vida! Melhor seria, sem dúvida, fazer como ela, abandonar-se pacientemente e passar a vida sentado.

Saiu furioso para o pátio e daí para a estrada. Não, não iria jamais aprender nem praticar essa filosofia contemplativa e apática! Queria conservar sua alegria, seus instintos e sua cólera! Até que ponto aquela mulher já conseguira apaziguá-lo, convertê-lo num ser manso, comedido, silencioso! Até que ponto o envelhecera e dominara, a ele, acostumado aos dias cheios de bulício e alegria, e, nos momentos de cólera, a quebrar cadeiras a murro! Diante desse pensamento, sentiu-se invadido de revolta e amargura, assim como de um desejo imperioso de ver Pierre, cujo olhar e cuja voz constituíam a única coisa capaz de reconciliá-lo com a vida.

Caminhava a largos passos pela estrada que bordejava Rosshalde, na direção dos campos. De súbito, ao perceber o ruído das rodas de um carro no empedrado, estugou o passo e o coração alvoroçou-se-lhe. Não era Pierre. Tratava-se apenas de uma carroça carregada de hortaliças. O camponês ia empoleirado entre os varais e olhou para Veraguth de soslaio.

O pintor chamou-o.

— Não encontrou uma charrete de um tiro, conduzida por um moço?

O aldeão meneou a cabeça sem se deter e o possante cavalo continuou a trotar com indiferença, sob a tênue luz crepuscular.

Continuando a caminhar, o pintor sentiu que a cólera se apaziguava aos poucos, até que acabou por desaparecer. Abrandou o passo e foi invadido por uma fadiga, um torpor que lhe fazia bem; enquanto caminhava, agora devagar, seus olhos descansavam agradecidos na tranquila e formosa paisagem que se estendia, pálida e vaporosa, na luz vespertina até onde a vista alcançava.

Já quase não pensava nos filhos quando, após uma boa meia hora de marcha, viu que a charrete dos rapazes vinha ao seu encontro. Só se apercebeu de que era a charrete que tanto esperara quando ela já estava muito perto dele. Veraguth parou junto de uma grande pereira que se erguia na borda da estrada, e quando

reconheceu o rosto de Albert recuou para trás do tronco, a fim de evitar que o vissem e chamassem.

Albert ia sozinho no pescante. Pierre estava recostado num ângulo do assento traseiro, pendia-lhe sobre o peito a cabeça descoberta, e parecia adormecido. A charrete passou diante do pintor e este acompanhou-a com o olhar, postado na orla da estrada poeirenta, até que o veículo se perdeu de vista. Empreendeu então o caminho de regresso.

Gostaria de tagarelar um pouco com Pierre. mas já estava chegando a hora do pequeno ir para a cama. Além disso, Veraguth não tinha vontade de voltar a ver sua mulher nesse dia.

De sorte que passou ao largo, pela frente do parque e da casa, e dirigiu-se à cidade, onde, numa estalagem popular, comeu enquanto lia os jornais do dia.

Seus filhos já haviam chegado a casa havia algum tempo. Albert explicou à mãe que Pierre estava muito fatigado, não quisera comer e estava agora deitado em seu gracioso e pequeno dormitório. Quando Veraguth, no regresso, passou diante da mansão, já não se via luz alguma. A noite temperada e sem estrelas envolvia o parque, a casa e o lago numa serena e majestosa escuridão. E do ar imóvel começavam a cair minúsculas e finas gotas de água.

Veraguth acendeu a luz de sua vivenda e sentou-se à escrivaninha. Perdera inteiramente a vontade de dormir. Apanhou uma folha de papel de carta e pôs-se a escrever para Otto Burkhardt. Pela janela aberta penetravam pequenas borboletas noturnas e insetos, que revoluteavam pelo gabinete e iam concentrar-se, estonteados, em redor das luzes.

Veraguth escreveu o seguinte:

Querido amigo

Suponho que ainda não esperavas carta minha. Mas o que tu esperavas para quando eu te escrevesse era certamente mais do que hoje posso dizer. Esperavas que no momento de escrever-te já reinasse em mim plena claridade e eu estivesse vendo o avariado mecanismo da minha vida tão nitidamente, num corte anatômico, como tu julgas vê-lo. Infelizmente, nada disso tenho ainda para te comunicar. É certo que vislumbrei em mim certos revérberos de luz, desde aquele momento em que falamos da minha situação, o que me permite realizar algumas descobertas e devassar alguns recantos que se mantinham até agora imersos em recônditas trevas. Isso tem sido bastante penoso, sem dúvida, mas ainda não se fez em mim, entretanto, o pleno dia que vaticinaste.

Não posso dizer-te agora, portanto, o que farei ou deixarei de fazer mais tarde. Mas uma coisa é certa: viajaremos juntos! Irei contigo à índia, de modo que te peço o favor de reservares desde já a minha passagem. Não poderei viajar antes do fim do verão, mas, no outono, quanto mais cedo for, melhor.

Gostaria de oferecer-te o quadro dos peixes que tiveste ocasião de ver aqui, mas preferia que essa obra permanecesse na Europa. Para onde poderei enviá-la?

Aqui tudo permanece como sempre. Albert continua desempenhando o papel de senhor do mundo, de modo que nos tratamos com precauções supremas, como dois embaixadores de potências inimigas.

Antes de partirmos para a índia, espero-te de novo em Rosshalde. Desejo mostrar-te um quadro que terminarei um dia destes. A obra é boa e parece-me que constituiria um belo e grandioso ponto final, no caso dos teus crocodilos terem o mau gosto de me deglutir... Coisa que, aliás, me parece pouco oportuna, apesar de tudo!

Vou deitar-me, se bem que, na verdade, não saiba ainda se dormirei. Estive hoje trabalhando nove horas seguidas diante do cavalete.

Teu
Johann

Veraguth meteu a carta num envelope, que deixou no vestíbulo para que Robert a levasse de manhã ao correio.

Só quando o pintor pôs a cabeça, por instantes, fora da janela, antes de ir para a cama, percebeu o ruído da chuva, de que não se dera conta no seu gabinete. A água caía agora copiosamente das trevas, e Veraguth, já deitado, ainda se conservou algum tempo a escutar como o aguaceiro caía e corria pela densa folhagem, precipitando-se ruidosamente na terra sequiosa.

Finalmente, o ritmo cadenciado dos goteirões batendo no telhado do estúdio e escorrendo pelas calhas e vidraças passou a embalar a respiração fatigada de Veraguth, até que ele, com um suspiro profundo, fechou todas as janelas de seu espírito inquieto e, longe do mundo, aconchegou-se e adormeceu.

10.

PIERRE É TÃO POUCO divertido — disse Albert à mãe quando, na manhã seguinte, ambos passeavam cortando rosas no jardim refrescado pela chuva noturna. — É certo que, durante todo este tempo, não se importou grande coisa comigo, mas ontem, então, asseguro-te que foi impossível fazê-lo participar de alguma coisa. Ainda não faz muito, quando falamos de um passeio de charrete pelo campo, mostrou-se muito entusiasmado. Mas ontem parecia que não tinha vontade de sair comigo. Quase tive de suplicar-lhe. Para mim, o passeio não constituía um grande prazer, visto que não pude levar os dois cavalos. Fiz o passeio exclusivamente por ele.

— Mas ele não se portou com juízo?

— Ah, isso é o que ele tem demais! Tanto juízo, que é o menino mais cacete que já vi!

— Albert, como podes falar assim do teu irmão?

— É verdade, mamãe. Comporta-se de um modo indiferente, como se estivesse longe deste mundo. Tudo quanto eu lhe mostrava, lhe oferecia ou lhe propunha não merecia mais do que um "sim, sim", ou um sorriso distraído e indolente. Não quis sentar-se ao meu lado no pescante, não quis aprender a pegar nas rédeas, não quis sequer comer as ameixas que lhe ofereci. Exatamente como um pequeno príncipe delicado e difícil de contentar. Ah, desculpa, mamãe, mas ele esteve deveras irritante! Digo-te isto porque, sinceramente, não quero voltar a passear com ele.

A mãe deteve-se um instante e cravou seu olhar inquisitivo no rosto de Albert. Não pôde deixar de sorrir, divertida com a irritação e os olhos chamejantes do filho.

— És um rapazinho– disse ela, bondosamente. — É preciso que tenhas mais paciência com Pierre. Talvez ele não se sentisse bem. Esta manhã, também não comeu quase nada.

São coisas que passam depressa nas crianças. Contigo acontecia o mesmo. Quase sempre são indisposições devidas a um problema no estômago ou a uma noite com pesadelos. Pierre é, sem dúvida, muito delicado e sensível. Além disso, já devias ter percebido que anda um pouco ciumento. Tem-me sempre para ele só, e como estás agora aqui, vê-se obrigado a repartir-me contigo.

— Mas eu estou só passando as férias! Pierre não é nenhum idiota para não entender isso!

— Mas ainda é muito pequeno, Albert. Tu é que tens a obrigação de estar acima da situação, não ele.

De vez em quando, caíam ainda algumas gotas de orvalho das pétalas frescas. Mãe e filho caminhavam lentamente, escolhendo as rosas amarelas, que eram as prediletas de Albert. Este vergava os troncos floridos, colocando as rosas a alcance da mãe, que, com uma tesoura de podar, ia cortando os talos ainda úmidos da chuva.

— Diz-me uma coisa: eu era parecido com Pierre quando tinha a idade dele? — perguntou Albert.

Adele Veraguth refletiu um pouco, deixou pender a mão que sustinha a tesoura, encarou o filho nos olhos e depois, fechando os seus para evocar intimamente a imagem de quando Albert era um menino, disse: — Fisicamente, sim, acho que te parecias muito com Pierre, até nos olhos, só que eras menos esbelto do que ele. Começaste a desenvolver-te tardiamente. Na idade dele, parecias muito mais criança do que Pierre.

— Mas... no resto? Quer dizer, por dentro?

— Oh, também tinhas os teus caprichos, querido... Mas eras mais constante. Não te cansavas de teus jogos e passatempos tão depressa quanto Pierre. Ele também é muito mais exaltado do que tu eras. Tem menos equilíbrio.

Albert tomou a tesoura,das mãos da mãe e inclinou-se sobre uma roseira.

— Pierre tem muito do pai — disse o rapaz, em voz baixa.– É impressionante como se repetem e misturam nos filhos os caracteres de seus pais e antepassados! Amigos meus dizem que cada ser humano tem dentro de si, quando criança, tudo o que futuramente determinará o curso inteiro de sua vida. E pensar que nada se pode fazer para modificá-lo, simplesmente nada! Por exemplo, se uma pessoa tiver predisposição para roubar ou assassinar, nada poderá fazer contra isso e acabará, fatalmente, por converter-se num ladrão ou assassino. É terrível. Acreditas nisso, mamãe? Garanto-te que é uma comprovação perfeitamente científica.

— Não duvido, filho, não duvido... mas me é indiferente — respondeu a Sra. Veraguth, com um sorriso. — Se alguém chegar a converter-se num criminoso, se chegar a matar um ser humano, talvez a ciência possa demonstrar que seu crime foi devido a uma predisposição inata, mas eu conheço muita gente que, embora tenha herdado de seus pais e antepassados condições de maldade, permanece, entretanto, no bom caminho... e a ciência não pode investigar nem explicar sozinha esse fenômeno. Uma boa e sólida educação, e uma vontade bem temperada parecem-me muito mais importantes do que todos os fatores de herança. Sabemos o que é bom e justo; portanto, podemos aprender a atuar com bondade e justiça e a respeitar esses preceitos em nossa conduta. O que cada um de nós tem dos seus antepassados não é coisa que alguém possa estabelecer com exatidão. Por isso, é melhor não confiar muito nessas supostas qualidades.

Albert sabia que a mãe não tinha o hábito de entregar-se a discussões dialéticas e sentiu, instintivamente, que ela, em seu modo simples de pensar, tinha razão. Contudo, dava-se também conta de que um tema tão complexo não poderia ficar esgotado com as sensatas palavras de sua mãe. Teria gostado de responder-lhe

com algo fundamental sobre essa doutrina da causalidade que tanto o havia deslumbrado quando seus amigos a expuseram. Mas, tendo procurado compor mentalmente algumas frases claras, firmes e categóricas e não o conseguindo, apercebeu-se de que, contrariamente ao que acontecia com esses amigos que ele admirava, estava muito melhor dotado para a interpretação moral e estética das coisas do que para o seu objetivo e linear tratamento científico. De modo que renunciou a continuar falando dessa questão e preferiu colher mais algumas rosas.

Pierre, que, de fato, sentia um certo mal-estar e acordara essa manhã muito mais tarde do que de costume e sem alegria alguma, deixara-se ficar no seu dormitório, cercado dos brinquedos, até que foi invadido de um grande tédio. Sentia-se desgraçado e parecia-lhe que tinha de acontecer, nesse dia insípido, alguma coisa muito especial que o tornasse suportável, até um pouco alegre.

Flutuando, incrédulo, entre a esperança e a incredulidade, saiu de casa e meteu-se pelo jardim das tílias, em busca de algo novo, de alguma descoberta emocionante ou invulgar aventura. Sentia no estômago uma espécie de vazio que já era seu conhecido, por havê-lo experimentado em outras ocasiões. A cabeça, porém, estava mais pesada e exausta que nunca; o que mais teria gostado de fazer, nesse instante, era refugiar-se entre os joelhos da mãe, colocar a cabeça no seu regaço e chorar, chorar... Mas não poderia fazer isso enquanto permanecesse em Rosshalde o seu presunçoso irmão, que não perdia ocasião de fazer-lhe sentir que ele não passava ainda de uma criança.

Se ao menos ocorresse à mãe a ideia de chamá-lo, de propor-lhe algum jogo e mostrar-se carinhosa com ele! Mas estava com certeza na companhia de Albert e esquecida da existência do filho menor! Pierre pressentia que esse seria, para ele, um dia desditoso, em que pouco teria a esperar.

Vagueou sem rumo determinado e indeciso pelas veredas de cascalhos, segurando entre os dentes a haste murcha de uma flor

de tília, as mãos enfiadas nos bolsos. Estava fresco e úmido no jardim, essa manhã, e o talo seco que mordiscava tinha um gosto amargo. Jogou-o fora e estacou, a meio caminho, numa atitude de desalento. Nada lhe ocorria que pudesse satisfazê-lo. Não queria ser príncipe nem bandoleiro; nem vagabundo ou arquiteto, nada.

De cenho franzido, observou o solo à sua volta, removeu um pouco de cascalho com a ponta do pé e, num movimento rápido, tirou do caminho um caracol pardacento que jogou para longe, sobre a grama molhada. O minúsculo animal nada quisera lhe dizer, nem o pássaro que pousou num ramo baixo das tílias, nem a borboleta que cruzou a vereda à sua frente; nada queria dedicar-lhe um sorriso, dar-lhe uma satisfação, uma pequena alegria. Tudo se calava, tudo parecia descolorido, gasto e miserável. Do arbusto mais próximo colheu um bago de cor vermelho escura e trincou-o; tinha um sabor agridoce e frio. “Devia deitar-me e dormir”, pensou “até que tudo voltasse a ser alegre e bonito.” Era bobagem ficar por ali andando de um lado para o outro, lamentando se e esperando coisas que não queriam acontecer. Que estupendo seria se, por exemplo, estourasse de súbito uma guerra e numerosos soldados surgissem a cavalo pela estrada, de espada em riste! Ou se alguém pusesse fogo a uma casa ou houvesse uma grande inundação! Ah, mas essas coisas só acontecem nos livros de contos; na realidade nunca se viam, e talvez, no fim de contas, nem sequer existissem!

Entre suspiros, continuou o garoto a caminhar lentamente, o delicado e formoso rosto cheio de preocupação e mágoa. Quando, em dado momento, ouviu do outro lado da elevada cerca as vozes de Albert e da mãe, foi preso de tal ciúme e desgosto que os olhos se lhe alagaram de lágrimas. Sem fazer ruído, deu meia-volta e começou a andar com cuidado, para que seus passos não fossem ouvidos ao pisar o cascalho. Agora não queria falar com ninguém, não queria ser acolhido por ninguém nem que fossem amáveis com ele. Estava passando mal, terrivelmente mal, e já que ninguém se

preocupava com ele, queria, pelo menos, sofrer sua de«ditosa situação na tristeza e na solidão.

Pensou também no bom Deus, a quem amava muito, e, por momentos, esse pensamento inculcou-lhe um calor e consolo remotos, que se extinguiram, porém, tão depressa quanto haviam chegado. Pelo visto, nada havia a esperar tampouco do bom Deus. Contudo, sentia agora, justamente, uma necessidade tão grande de alguém em quem pudesse confiar, a quem pudesse abrir confiadamente seu coração atormentado, alguém que o confortasse e tratasse com ternura!

Pensou então no pai. Estaria, como sempre, no seu grande estúdio silencioso, pintando algum de seus quadros. Na verdade, tinha receio de que fosse importuná-lo. Contudo, não fazia ainda muito lhe dissera que, sempre que tivesse vontade, não deixasse de ir visitá-lo. Talvez já tivesse esquecido isso, pois todas as pessoas adultas esquecem muito depressa as promessas que fazem. Mas nada custava arriscar. Santo Deus, como não arriscar, quando não se conhece outro consolo e se tem tanta necessidade dele!

Vagarosamente, a princípio, depois mais rápido e decidido, à medida que a esperança o invadia, cada vez com mais ímpeto, Pierre encaminhou-se para o estúdio, através das veredas sombreadas. Ao chegar, colocou a mão no puxador da porta e ficou escutando por um instante, imóvel e silencioso. Sim, seu pai estava lá dentro; ouviu-o tossir e também o leve ruído de madeira do cabo do pincel, ao ser colocado na mesinha que o pintor costumava colocar ao seu lado.

Com precaução, Pierre girou o trinco, abriu a porta sem fazer ruído e meteu a cabeça. O cheiro intenso de terebintina e goma-laca repugnou-o, mas a figura robusta e dominante do pai infundiu-lhe esperança. Decidiu entrar, fechando a porta atrás de si.

Ao ruído do trinco, o pintor empertigou as possantes espáduas e voltou a cabeça, enquanto Pierre não deixava de observá-lo, atento e inquisitivo. Seus olhos penetrantes cravaram-se na porta,

com uma expressão de contrariedade e interrogação; conservava a boca entreaberta, num ricto desagradável.

Pierre não se mexeu. Ficou esperando, com a vista presa nos gestos do pai. Rapidamente, a expressão do pintor abrandou, tornou-se cordial, e um sorriso aflorou em seus lábios.

— Pierre! Não nos vimos um dia inteiro! Foi a mamãe que te disse para vires?

O pequeno meneou negativamente a cabeça e deixou-se beijar.

— Queres ficar aqui um pouco e ver como trabalho? — perguntou Veraguth, amavelmente. Ao mesmo tempo, voltou-se de novo para o quadro e pôs-se a retocar a tela com um pincel muito fino. Pierre ficou olhando. Observava o pintor diante da tela, seus olhos tensos e como que angustiados, a mão forte e nervosa que sustinha o delicado pincel; olhava atentamente as rugas que se formavam na testa e nos cantos da boca, enquanto o pai, com frequência, mordia o lábio inferior com os dentes de cima. Dava-se conta, além disso, do intenso odor de tinta, de que nunca gostara e que nesse dia o repugnava de um modo ainda mais violento.

Baixou os olhos. Ali estava ele junto da porta, como que paralisado. Oh, como conhecia bem todas aquelas coisas! Aquele cheiro e aqueles olhos! Aquele rosto desfigurado pelo esforço de concentração! Sabia agora que tinha sido insensato esperar que, nesse dia, tudo fosse diferente das outras vezes. Seu pai estava trabalhando, remexia nas tintas nauseabundas e não pensava em outra coisa senão nos seus malditos quadros. Fora uma estupidez ir ao estúdio.

A desilusão fez com que o rosto de Pierre se distendesse. Ele já o sabia de antemão! Não existia refúgio algum para ele, nem junto da mãe nem, muito menos ainda, ali.

Permaneceu, durante alguns minutos, com a mente vazia de ideias, invadido de uma tristeza pungente, olhando, sem ver nada, o quadro gigantesco e suas cores úmidas e reluzentes.

Certamente, o pai não dispunha de um momento que lhe pudesse ser dedicado. Voltou a pegar no puxador da porta e baixou-o devagar, para sair sem incomodar o pintor.

Veraguth ouviu, porém, o leve ruído, olhou para trás e, murmurando algo, aproximou-se do filho.

— Que é isso Pierre? Não vás embora! Não queres ficar um pouco com o teu pai?

Pierre tirou a mão do trinco e fez que sim com a cabeça.

— Querias dizer-me alguma coisa? — perguntou o pintor, solícito. — Vem, vamos sentar-nos um pouco, sim? Gostaria que me contasses como foi ontem o passeio.

— Ah, foi muito agradável — disse o pequeno, num tom muito sério.

Veraguth passou-lhe a mão pelos cabelos.

— Parece que não te fez muito bem. Tens um aspecto sonolento. Não terás bebido ontem um pouco de vinho?

— Não, papai, não bebi nem comi coisa nenhuma. Estava sem apetite.

— Bom, isso já passou. E que fazemos agora? Queres que desenhemos alguma coisa?

Pierre meneou a cabeça.

— Não tenho vontade, papai. Hoje tudo me parece tão aborrecido! Não sei bem explicar o que sinto ...

— Por certo dormiste mal, filho. Vamos então fazer um pouco de exercício.

— Também não tenho vontade. Só quero estar junto de ti, sabes? Mas aqui cheira tão mal!

Veraguth acariciou-o, rindo.

— Sim, é uma desgraça que não toleres o cheiro de tinta e sejas filho de um pintor. De modo que não serás pintor, com certeza.

— Não, não gostaria de ser pintor.

— E que desejarias ser, então?

— Nada... Talvez um pássaro ou coisa parecida.

— Não seria mau, não. Mas diz-me, Pierre, o que mais gostarias de fazer agora comigo. Tenho de continuar trabalhando naquele quadro, entendes? Se quiseres, podes ficar aqui e brincar com qualquer coisa. Ou preferes que eu te dê um livro de ilustrações?

Não, não era isso o que Pierre queria. Só para poder ficar livre, disse que ia dar milho aos pombos, e pôde então comprovar que seu pai alegrava-se por vê-lo sair, com uma expressão de mal disfarçado alívio. Veraguth despediu-se com um beijo e o pequeno afastou-se do estúdio. Seu pai voltou a fechar a porta e Pierre ficou outra vez sozinho, mais desolado do que antes. Foi andando ao acaso pelo gramado, onde, aliás, estava proibido de pisar; arrancou distraidamente duas ou três flores e olhou, com indiferença, para seus sapatos brancos e amarelos, que, umedecidos pela grama encharcada, foram ficando manchados e escuros. Por fim, dominado pelo desespero, jogou-se no meio do gramado e revolveu-se, agitou desenfreadamente a cabeça na erva tenra, sentindo que as mangas molhadas da sua blusa azul se lhe colavam aos braços.

Só quando começou a sentir calafrios se ergueu e deslizou furtivamente para dentro de casa.

Em breve o chamariam e então veriam que ele estivera chorando, perceberiam que tinha a blusa suja e molhada, os sapatos úmidos, e não escaparia a uma forte reprimenda.

Passou cautelosamente diante da porta da cozinha; era preciso não encontrar ninguém agora. Gostaria de estar muito longe dali, onde ninguém soubesse da sua existência nem perguntasse por ele. Ao passar defronte de um dos quartos de hóspedes, viu que a chave estava Colocada na fechadura. Decidiu entrar; fechou a porta e a janela, que também estava aberta, arrastou-se pesada e sonolentamente até à grande cama e, sem tirar sequer os sapatos molhados, estendeu-se ao comprido. Ali ficou, entre lágrimas e soluços, entregue à sua profunda sensação de infortúnio. Quando,

um pouco depois, ouviu sua mãe, no pátio e na escada, chamando-o, não respondeu e, pelo contrário, enterrou-se ainda mais entre as mantas. A voz de sua mãe soou uma e outra vez, ora aqui, ora ali, sem que Pierre sentisse vontade de acudir ao chamado. Por fim, adormeceu, sentindo as faces molhadas.

Ao meio-dia, quando Veraguth tomou seu lugar à mesa, Adele perguntou-lhe: — Não trouxeste Pierre?

O tom levemente irritado da esposa soou-lhe estranho.

— Pierre? Nada sei dele. Não está em casa?

Adele alarmou-se e levantou a voz.

— Não. Não o vejo desde o café da manhã. Quando perguntei por ele, as criadas disseram-me que o tinha visto a caminho do estúdio. Não esteve lá?

— Sim, esteve. Mas uns cinco minutos, no máximo. Depois foi-se embora.

E, com arrebatamento, acrescentou: — Será possível que ninguém nesta casa tenha visto o pequeno durante toda a manhã?

— Julgávamos que estivesse contigo — disse Adele, mortificada. — Vou procurá-lo.

— Manda alguém. Agora vamos almoçar.

— Enquanto o procuro, podem ir comendo. Prefiro ir eu própria.

Dito isto, saiu apressadamente da sala de jantar. Albert levantou-se e quis segui-la.

— Fica onde estás, Albert — disse Veraguth. — Estamos sentados à mesa.

O jovem encarou o pai com expressão irada.

— Almoçarei depois com a mãe — replicou, insolente.

Veraguth riu sardonicamente, ao ver o rosto desfigurado do rapaz.

— Pelo visto, já és o dono da casa, hem? Enquanto não te resolvas a jogar-me outra vez uma faca, não autorizarei que te movas daqui, sob pretexto algum, entendido?

Albert empalideceu e empurrou a cadeira para trás. Era a primeira vez que o pai lhe recordava aquele gesto colérico da infância.

— Não me fale assim! — exclamou. — Não o permito!

Veraguth apanhou uma fatia de pão e mordeu-a, sem dignar-se responder. Despejou água no seu copo e bebeu lentamente, enquanto decidia manter-se calmo. Comportava-se como se estivesse sozinho na sala. Albert aproximara-se resolutamente de uma janela.

— Não o permito! — repetiu ele, incapaz de conter sua cólera.

O pai polvilhou de sal a fatia de pão que estava comendo. Em sua imaginação, via-se subindo a bordo de um navio e sulcando, em seguida, os mares estranhos, infinitos, longínquos, bem longe daquele infortunado caos familiar.

— Está bem — disse já quase tranquilo. — Vejo que não te agrada ouvir-me. Deixemos isso de lado.

Nesse momento, ouviu-se lá fora uma exclamação de assombro, seguida de uma torrente de palavras alarmadas. Adele descobrira Pierre em seu esconderijo. O pintor escutou um instante com atenção e, erguendo-se bruscamente, precipitou-se para o corredor. Tudo parecia desmoronar em confusão.

Encontrou Pierre com os sapatos enlameados, estendido sobre a cama revolvida do quarto de hóspedes. A criança tinha uma expressão sonada, os cabelos em desordem. Junto dele, Veraguth viu sua mulher paralisada de estupefação.

— Mas... filho? Que fazes aqui? Por que não respondias?E por que estás aqui deitado?

Veraguth soergueu o filho e observou, inquieto, seus olhos inexpressivos.

— Estás doente, Pierre? Sentes alguma coisa?

O pequeno agitou a cabeça, perturbado.

— Estiveste dormindo aqui - Faz muito que estás aqui?

Com uma voz quase imperceptível, desfalecida, Pierre murmurou: — Eu não tive culpa. . . Não fiz nada ... Só tinha uma dor de cabeça... muito grande...

Veraguth tomou-o nos braços e levou-o para a sala de jantar.

— Dá-lhe um prato de sopa — ordenou à mulher. — Tens de comer alguma coisa quente, filho. Vai te fazer bem, verás. Por certo estás doente, pobre menino meu ...

Sentou carinhosamente Pierre em sua própria cadeira, ajeitou-lhe uma almofada nas costas e começou a levar-lhe a sopa à boca com a colher.

Albert continuava sentado, em silêncio, sem saber o que fazer.

— Parece que está realmente doente — disse a Sra. Veraguth, mais tranquilizada, sentindo-se quase contente, como mãe, por ter de prodigalizar a seu filho carinho e atenções, em vez de repreendê-lo pelas suas travessuras.

— Depois levamos-te para a cama. Mas agora come alguma coisa, meu coração — disse ela a Pierre, acariciando-o.

Com o rosto terroso, os olhos perdidos, Pierre ia engolindo sem resistência a sopa que Veraguth lhe dava, enquanto a mãe, que lhe tomara o pulso, mostrava-se aliviada por não encontrar sinais de febre.

— Vou buscar um médico? — perguntou Albert, com a voz insegura.

— Não, esperemos — disse a mãe.– Deve ser um resfriado. O pobrezinho estava todo molhado. Vamos metê-lo na cama, bem agasalhado; dormirá quentinho e amanhã, com certeza, acordará totalmente bom. Não é verdade, querido?

Pierre não ouvia; continuava com o olhar perdido, limitando-se a menear a cabeça quando Veraguth quis dar-lhe mais comida.

— Não o forcemos a comer — disse Adele. — Vem, Pierre, vamos para a cama. Amanhã estarás completamente curado.

Tomou o filho pela mão, e o pequeno pôs-se em pé com dificuldade. Seguiu sua mãe arrastando pesadamente os pés, com

uma sensação de irresistível sonolência. Mas ao chegar à porta deteve-se, o rosto desfigurando-se-lhe; contraiu-se, dobrando o corpo para a frente, e, sentindo uma náusea violenta, vomitou ali mesmo tudo quanto comera.

Veraguth levou-o rapidamente para o quarto e deixou-o aos cuidados da mãe. Soaram as si netas de serviço e os criados da casa subiam e desciam escadas, alvoroçados. O pintor comeu apenas mais uma fatia de pão com queijo, indo várias vezes espreitar no quarto do filho, que já despido e lavado, jazia agora em sua cama de madeira amarela.

Momentos depois, Adele apareceu na sala de jantar para dizer que Pierre estava tranquilo, não sentia dores e parecia querer dormir.

Voltando-se para Albert, Veraguth perguntou: — O que foi que Pierre comeu ontem no passeio?

Albert ficou um instante pensando e respondeu, mas dirigindo as palavras à mãe: — Nada de especial. Em Brückenschwald dei-lhe leite e uma fatia de pão. Ao meio-dia, em Pegolzheim, almoçamos costeletas de cordeiro com macarrão. Ele comeu muito pouco...

Veraguth continuou o interrogatório: — E depois?

— Depois não quis comer mais nada. Pela tarde, comprei ameixas numa horta; Pierre só comeu uma ou duas.

— Estavam bem maduras?

— Sim, claro. O senhor parece acreditar que, com toda a premeditação, resolvi estragar o estômago de Pierre.

Adele, ao notar a irritação do filho, perguntou: — Mas... que há contigo?

— Nada — respondeu Albert.

— Eu não acredito nem deixo de acreditar — prosseguiu Veraguth. — Estou simplesmente perguntando. Nada aconteceu ontem de particular? Também vomitou? Caiu? Queixou-se de dores, enfim, alguma coisa que possa ser um sintoma?

Albert, ansiando para que passasse logo a hora do almoço, que terminara de um modo tão incômodo, limitava-se a responder às perguntas do pai com um "sim” ou "não”.

— Eu acho que é resfriado — teimou Adele Veraguth. — Ele tinha as roupas ensopadas, os pés molhados. Não sei onde teria andado metido a manhã toda ...

Veraguth levantou-se, com um gesto de impaciência. Quando, nas pontas dos pés, entrou de novo no quartinho de Pierre, encontrou-o profundamente adormecido. O rosto pálido do garoto revelava, em sua severidade, a ânsia com que se entregara inteiramente ao sono reconfortante.

11.

NESSE TÃO PERTURBADO dia terminou Veraguth de pintar a sua grande obra. Com o coração intranquilo, por causa da doença de Pierre foi-lhe mais custoso do que nunca concentrar seus pensamentos no trabalho e conseguir a perfeita paz de alma que constituía o segredo de sua força, pela qual tinha de pagar tão elevado preço. Mas a sua vontade era de ferro, e por isso é que, nas horas da tarde, com o estúdio banhado numa luz suave, pôde ele fazer no quadro as pequenas correções finais e dar-lhe os últimos retoques.

Quando, enfim, pôs a um lado a paleta e os pincéis, e postou-se, imóvel, diante da tela, Veraguth sentiu-se singularmente vazio. Sabia que esse quadro constituía algo especial e que lhe dera muito de sua vida. Não obstante, experimentava uma sensação profunda de prostração. E pensar que não poderia mostrar a ninguém a sua melhor obra! Que o amigo estava tão longe e Pierre doente. Salvo esses dois, não tinha Veraguth ninguém a quem pudesse chamar, gritando: “Acabei! Vem ver! Gostas?” Claro que, dentro de poucos dias, dos lugares mais diversos, indiferentes para ele, começariam a chegar, através dos jornais e das cartas, as ressonâncias despertadas pela sua obra-prima. Mas não era isso o que ele queria. Para ele, isso nada valia. Naquele instante derradeiro de seu esforço criador, só o beijo enternecido de um ser amado ou o olhar compreensivo de um amigo poderiam alegrá-lo, pagar sua luta e reanimá-lo para a vida.

Ficou em silêncio um quarto de hora, contemplando o quadro que absorvera suas melhores energias e seus momentos mais felizes de muitas semanas, nas quais os olhos do pintor, diante da

tela, tinham brilhado radiantes e febris. Mas, agora, sentia-se esgotado e estranho à sua própria obra.

“Vou tratar de vendê-lo depressa e assim custearei a viagem à índia”, disse Veraguth de si para si, com um cinismo que não pôde dominar. Depois fechou as portas do estúdio e encaminhou-se para a mansão com o propósito de ver Pierre, a quem encontrou ainda adormecido. O menino tinha melhor aspecto do que ao meio-dia, havia recuperado sua cor, respirava tranquilo, com a boca entreaberta, e desaparecera de seu semblante a expressão de desconforto e sofrimento.

— Como esses desarranjos vêm e vão depressa nas crianças! — sussurrou o pintor junto de Adele, na porta do quartinho. Ela sorriu fracamente e Veraguth percebeu que também a esposa respirava aliviada e que a sua inquietação tinha sido muito mais profunda do que dera a entender.

Não pareceu muito agradável ao pintor a ideia de almoçar a sós com Adele e Albert.

— Vou à cidade — disse ele. — Não estarei aqui para o almoço.

Pierre dormitava, estendido em seu pequeno leito; sua mãe, tendo corrido as cortinas do quarto para deixá-lo numa suave penumbra, saiu pé ante pé.

Sonhava Pierre que percorria, lentamente, os jardins, cobertos de flores policromas. Entretanto, tudo parecia estar mudado, mais vasto que de costume. Pierre andava, andava, sem chegar nunca a um lugar preciso. Os canteiros tinham um aspecto mais formoso do que de outras vezes, mas as flores pareciam singularmente vítreas, de dimensões incomuns e formas estranhas, e o conjunto resplandecia em uma beleza triste e sofredora, numa imobilidade de morte.

Com uma certa angústia, Pierre contornou uma pequena rotunda, onde cresciam arbustos carregados de flores. Uma grande borboleta azul pousara suavemente numa flor branca, de largas

pétalas generosamente abertas. Tudo estava envolto num silêncio que não era natural. Nas veredas não havia cascalho, mas uma substância fofa que dava a Pierre a impressão de estar caminhando sobre uma espessa alcatifa.

Do outro lado da rotunda viu sua mãe, que caminhava ao seu encontro. Mas ela não deu pela presença do filho, e, sem olhar para ele nem o saudar, olhando tristemente para o vazio, passou ao seu lado sem fazer ruído, como um espectro.

Pouco depois, viu também seu pai, que andava por outra vereda dos jardins, e um pouco adiante ia também Albert. Todos passavam em silêncio, gravemente, e nenhum deles queria vê-lo. Como criaturas enfeitiçadas, vagavam solitárias e hirtas entre os canteiros, dando a impressão de que seus pés não tocavam o solo e estavam condenadas a continuar assim por toda a eternidade, sem que um reflexo de vida animasse seus olhos vidrados, sem que um sorriso iluminasse seus semblantes de estátuas, sem que um ruído pudesse perturbar o silêncio impenetrável desse jardim nem a mais leve brisa chegasse alguma vez a agitar os caules e as folhas imóveis.

O pior de tudo, porém, é que Pierre não podia chamá-los. Aparentemente, nada o impedia de fazê-lo. Sabia que não experimentaria dor alguma se o tentasse, mas a verdade é que não tinha vontade nem ânimo de chamá-los; compreendia que tudo tinha de ser tal qual estava e que tudo seria muito mais terrível e espantoso se tentasse quebrar o silêncio.

Pierre continuou a passear naquele cenário de beleza sem alma do jardim, onde refulgiam milhares de magníficas flores no ar luminoso e estagnado, como se, na verdade, não fossem flores vivas e reais. De quando em quando, voltava a cruzar com a mãe, o pai ou Albert, que passavam por ele e uns pelos outros na mesma postura ausente e estática de sempre.

Parecia-lhe que tinham decorrido muitos anos desde que o mundo todo e os jardins de Rosshalde haviam estado plenos de

vida, as criaturas manifestavam-se alegres e loquazes e ele próprio era um manancial inesgotável de vivacidade turbulenta. Esses eram tempos que jaziam agora enterrados numa distância incalculável, imersos num cego e remoto passado.

Ou talvez as coisas tivessem sido sempre assim, como agora, e o que ele atribuía a outros tempos não passasse de um belo sonho pueril.

Por fim, Pierre chegou, vagarosamente, à borda de um pequeno tanque de pedra, de cuja água o jardineiro costumava antes encher os seus regadores e onde ele próprio tinha cuidado de um par de pererecas. A água permanecia imóvel, com uma transparência mais verde do que antes; em sua superfície refletiam-se as bordas polidas da piscina e as folhas de um arbusto estrelado de flores amarelas; estava belo o tanque, no seu ar de abandono e tristeza, como tudo o mais.

" Se alguém caísse aqui dentro se afogaria e morreria", dissera certa vez o jardineiro. Contudo, o tanque não era profundo.

Pierre aproximou-se do tanque oval e debruçou-se para a água. Viu então seu próprio rosto refletido: parecia-se com os dos outros, envelhecido e pálido, rígido em seu ar indiferente e profundamente frio.

Contemplou-se por alguns instantes, maravilhado e espantado; e, de súbito, sua alma foi invadida, esmagando-o de terror, pelo sentimento de absurda tristeza em que se encontrava e pelo caráter lúgubre e horrível da situação. Tentou gritar mas não conseguiu articular som algum. Quis romper num choro desatado mas só conseguiu que o rosto se lhe contraísse numa careta desesperada.

Nesse momento, viu que seu pai se aproximava de novo. Então, Pierre voltou-se para ele, realizando um esforço supremo com todas as energias de sua alma paralisada. Toda a angústia mortal e dor insuportável do seu coração desesperado concentraram-se em mudos soluços suplicantes dirigidos a seu pai. que se acercava com espectral serenidade, em parecer notar, como

antes, sua presença?' Pai!”, quis o menino gritar, mas embora nenhum som rompesse de seus lábios, foi tão violenta a ânsia de sua alma horrorizada, que alcançou o solitário e mudo caminhante.

O pai voltou o rosto e encarou-o.

Encarou-o com os olhos súplices, aquele olhar atento e perscrutador que tinha quando pintava; sorriu debilmente, inclinou um pouco a cabeça para saudá-lo, mas não tentou dar ao filho qualquer consolo, como se nesse lugar enfeitiçado tudo fosse completamente irremediável. Por um rápido, fugaz instante, alastrou-se no rosto do pai uma sombra de amor e dor compartilhados; e, nesse instante, Pierre já não viu mais o austero e poderoso pai, mas apenas um pobre irmão indefeso e desamparado como ele próprio.

Depois, desviando os olhos do menino, Veraguth prosseguiu em sua caminhada sem destino, distanciando-se lentamente no mesmo passo regular, cuja cadência em nenhum momento alterara.

Pierre seguiu-o com os olhos e viu-o desaparecer entre as árvores. Tudo quanto o cercava, o pequeno tanque, a vereda, o jardim florido, escureceu de súbito, como se o manto negro de uma nuvem envolvesse o mundo diante de seus olhos aterrorizados ...

Pierre despertou nesse instante, com as fontes doloridas e a garganta seca e ardente. Percebeu que estava deitado na cama de seu quartinho, onde reinava uma tênue penumbra, e procurou, cheio de estupefação, dar-se conta do que lhe tinha acontecido. Mas, extenuado, não conseguiu recordar coisa alguma e, desanimado, voltou-se na cama para o outro lado.

Só muito lentamente foi ganhando consciência do seu estado, e quando alcançou pleno conhecimento, tranquilizou-se e soltou um suspiro de alívio. Era detestável, por certo, encontrar-se doente e sentir aquela dor de cabeça, mas tudo isso era suportável e quase agradável, em comparação com o sentimento de morte de seu horrível pesadelo.

"Porque todo este sofrimento?”, pensou Pierre. "Por que há doenças? Por que há pesadelos? Se eu tivesse cometido alguma falta que merecesse castigo!” Mas nada comera que lhe estivesse proibido, como daquela vez em que comera ameixas silvestres ainda verdes. Tinham-lhe proibido que as comesse, mas, não dando ouvidos à proibição, comera e Ficara doente, e sentira cólicas horríveis. Dessa vez fora justo o castigo; tinha de suportar as consequências de sua desobediência. Mas agora? Por que estava agora estendido na cama? E por que essas terríveis punhaladas que sentia na cabeça?

Já despertara havia muito tempo quando a mãe voltou a entrar no quarto. Adele afastou as cortinas da janela e o quarto foi inundado pela luz pálida do entardecer.

— Como estás, querido? Dormiste bem?

Pierre não respondeu. Estendido agora de costas, ergueu os olhos para a mãe e deixou-se ficar contemplando-a. Ela surpreendeu-se com a expressão tão séria e interrogativa do filho.

"Não tem febre”, pensou tranquilizada.

— Queres comer agora alguma coisa?

Pierre abanou debilmente a cabeça.

— O que queres que te traga?

— Água... — murmurou Pierre.

Adele trouxe-lhe um copo d’água, mas ele sorveu apenas um gole de passarinho e voltou a fechar os olhos.

De súbito, vindo do salão de música da Sra. Veraguth, ressoou no quarto de Pierre um acorde de piano. Depois, as notas foram chegando em amplas ondas sonoras.

— Estás ouvindo? Gostas? — perguntou Adele.

Pierre arregalara desmesuradamente os olhos e contraíra o rosto, como se sentisse fortes dores.

— Não! — exclamou ele. — Não! Deixa-me tranquilo!

Ao dizer isto, levou ambas as mãos aos ouvidos e revolveu a cabeça na almofada.

Com um suspiro, a Sra. Veraguth saiu apressada, para pedira Albert que não continuasse a tocar piano. Voltou em seguida e ficou sentada junto da cama de Pierre, até que este voltou a adormecer.

Nessa noite, reinou em toda a casa um profundo silêncio. Johann Veraguth estava na cidade. Albert, contrariado por não poder tocar piano. Todos se recolheram cedo a seus aposentos.

Adele deixou abertas as portas, para poder ouvi-lo caso ele a chamasse durante a noite, necessitando de alguma coisa.

12.

NAQUELA NOITE, ao regressar, o pintor percorrera, com o coração repleto de inquietação, todo o exterior da casa, na esperança de, escutando por alguma porta entreaberta ou espiando por uma janela iluminada, ouvir vozes ou entrever movimentos que lhe dissessem se o seu querido menino ainda estava doente e sofria. Ao encontrar tudo silencioso, tranquilo e adormecido, sentiu que caía de sua alma angustiada, como um terno encharcado e pesado, a grande aflição de que estava preso e ficou ainda desperto por longo tempo, com o coração agradecido. E ao analisar seu desespero diante do transe da morte, teve de sorrir e maravilhar-se ao pensar no pouco que é preciso para alegrar um coração desolado.

Tudo quanto o atormentava, toda a carga deprimente e surda de sua existência, era afinal uma mera insignificância diante das inquietações que seu amado filho lhe causava.

Assim, mal viu dissiparem-se as sombras tenebrosas, tudo lhe pareceu mais claro e suportável.

Bem-humorado, dirigiu-se na manhã seguinte à mansão, mais cedo do que de costume, e, ao ver Pierre ainda mergulhado num esplêndido sono, sentou-se, de alma agradecida, para tomar o café com a mulher. Desde muitos anos, era essa a primeira vez que Veraguth tomava ali o desjejum, ao lado de Adele. Esta, observando o marido assombrada e com certa reserva, via-o alegre e bem disposto, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, pedindo-lhe uma xícara de café e, como nos velhos tempos, repartindo o desjejum com ela.

Por fim, ele próprio foi quem dissipou a tensa expectativa da mulher, ao explicar-lhe os motivos que determinavam sua insólita

conduta.

— Estou tão contente! — exclamou ele, com uma voz que fez recordar à Sra. Veraguth outros tempos mais belos. — Estou tão contente por ver nosso menino quase restabelecido!

Só agora me dou conta de quanto estava seriamente preocupado por causa dele.

— Sim, ontem também não gostei nada do aspecto dele — confessou Adele. — Hoje parece bem mais tranquilo, e está sem febre.

— Pediu para comer?

— Não. Está sem apetite ... Talvez as dores de cabeça o incomodem ainda um pouco. Ao almoço, por certo, já sentirá fome.

— Acho que sim... Mas passamos um bom susto...

Brincando com a colher de prata do café, Veraguth olhou a mulher nos olhos com uma expressão quase marota, tênue reflexo de alvoroço juvenil, que, explodindo num instante, mas sem chegar nunca a ser duradoura, constituía um dos traços do temperamento de Veraguth que sua mulher amara, particularmente, em outros tempos e cujo resplendor suave e radiante só Pierre, dos dois filhos, herdara.

— Sim... realmente é uma alegria que o menino se recomponha depressa — disse Veraguth, com vivacidade. — Mas agora gostaria de falar contigo sobre meus planos mais recentes.

Acho que deverias ir a St. Moritz no inverno com os rapazes e ali ficar uma boa temporada.

Adele baixou os olhos, hesitante.

— E tu? — perguntou ela, em voz baixa. — Irás também, para pintar?

— Não, eu não os acompanharei. Ficarão tranquilos algum tempo. Pretendo ausentar-me no outono e fechar o estúdio. Robert terá também umas férias. Só depende de ti passares o inverno em Rosshalde ou não. Não desejaria aconselhar-te a esse respeito.

Poderias ir, por exemplo, a Genebra ou Paris ... Mas não esqueças St. Moritz, que tem um clima que certamente faria bem a Pierre.

Perplexa, Adele encarou-o com seus grandes olhos arregalados.

— Estás brincando. . . — disse ela, incrédula.

— Ah, não — replicou o pintor, sorrindo com uma expressão quase dolorosa. — Há muito que esqueci como se brinca. Estou falando com a maior seriedade. Vou empreender uma viagem marítima para longe, onde demorarei algum tempo.

— Uma viagem por mar?

Adele ficou algum tempo pensativa. As propostas e sugestões do marido, seu tom alegre e animado, sua atitude, era tudo tão pouco comum que ela começara a alimentar um receio. Mas, de súbito, as palavras “viagem marítima” fizeram-na imaginar Veraguth subindo a um transatlântico, seguido de carregadores dobrados sob o peso das malas; lembrou os cartazes ilustrados das companhias de navegação e imagens de suas próprias viagens de navio. E, num relance, compreendeu o significado das palavras de Veraguth.

— Vais com Burkhardt, não é?

— Sim, viajarei com Otto — confirmou o pintor.

Ambos permaneceram calados por alguns momentos. Adele sentiu-se perturbada, ao pressentir vagamente o significado da notícia. Pretenderia o marido abandoná-la e deixá-la em liberdade? Em todo caso, nesse sentido, parecia tratar-se da tentativa mais séria feita até então pelo marido, e Adele ficou surpreendida ao dar-se conta de quão pouco a comovia essa perspectiva, quão pouco esperava dessa liberdade e como a recebia sem júbilo. Se para ele ainda era possível começar vida nova, para ela, em contrapartida, não o era. É verdade, que, sozinha, com os filhos, tudo se tornava mais fácil no tocante a Albert, e conquistaria definitivamente Pierre. Mas nem por isso deixaria de ser uma mulher abandonada pelo marido.

Centenas de vezes meditara sobre a possibilidade de separar-se de Johann Veraguth, o que lhe parecera sempre a solução salvadora, mas, agora, que essa possibilidade parecia estar prestes a concretizar-se, sentia tanta vergonha, tanto desassossego e um sentimento de culpa tão pungente, que se acovardou, sentindo-se incapaz de expressar qualquer desejo. Esse rompimento deveria ter acontecido antes, naqueles tempos de insuportáveis tensões, antes que ela tivesse aprendido a resignar-se. Agora, tardia demais, a solução afigurava-se-lhe desnecessária; não significava mais do que um traço riscado sobre uma lista de coisas inúteis; não era mais do que o remate e a confirmação amarga de toda a desdita oculta e latente que ambos segregavam secretamente desde muitos anos.

Para ela, não havia o menor vislumbre de esperança quanto a começar uma vida nova.

Veraguth lia, com olhar atento, na expressão contida do rosto de sua mulher, o que ela estava pensando. E sentiu pena.

— Será apenas uma experiência — disse o pintor, cautelosamente. — Convém que tu e Albert, e Pierre também, vivam algum tempo sozinhos, sem ser importunados. Digamos, durante um ano. Pensei que era uma solução muito cômoda para ti e, ao mesmo tempo, proveitosa para os rapazes. Ambos sofrem, sabes muito bem, por não nos verem... por não verem a família unida. Uma separação demorada, será também útil para nós dois, visto que nos permitirá, sem dúvida, ver tudo mais claro, não te parece?

— Talvez tenhas razão — respondeu Adele, em voz sumida. — Além disso, tua decisão parece ser firme.

— Sim, já escrevi a Otto. Não julgues que me é fácil separar-me tanto tempo de vocês.

— De Pierre, queres dizer.

— Sim, especialmente de Pierre. Sei que cuidarás bem dele. Claro que não posso esperar que lhe fales muito em mim. Mas não permitas que aconteça com ele o que ocorreu com Albert!

Adele sacudiu a cabeça.

— Sabes muito bem que não foi culpa minha...

Desajeitadamente, pois era um gesto de carinho não praticado havia muitos anos, Veraguth colocou uma mão no ombro da esposa.

— Oh, Adele, não falemos agora de culpas. Provavelmente, eu tive a culpa de tudo, não sei... O que tento agora é apenas remediar essa má situação. Uma só coisa te peço: não me faças perder Pierre, se for possível. Pensa que por causa dele ainda estamos unidos. Procura conservar no coração dele o amor que me tem agora...

Adele fechou os olhos, como se quisesse proteger-se de uma repentina tentação.

— Mas ... vais estar ausente tanto tempo! — disse ela, titubeando. — Não esqueças que ele é apenas um menino e, nessa idade, as coisas apagam-se depressa.

— Eu sei. Deixa, pois, que ele continue sendo o menino de agora e que, ao menos, uma boa recordação lhe fique do pai. E se não for possível outra coisa, deixa que Pierre me esqueça. Mas pensa que é algo valioso que te deixo de presente, e que devo ter uma grande confiança em ti, desde o momento em que o abandono.

Que o menino me esqueça é uma coisa, que alimentem nele sentimentos adversos é outra.

— Albert vem aí — sussurrou rapidamente Adele. — Não falemos mais disto. Não é tão simples quanto te parece, Dás-me muito mais liberdade do que jamais tive ou desejo, mas, ao mesmo tempo, impões-me uma responsabilidade que me esmaga. Dá-me tempo para meditar. Tu também não tomaste uma decisão de um instante para outro. Deixa-me, pois, refletir com calma.

Ouviram-se passos junto à porta e, em seguida, apareceu Albert, que, surpreendido com a presença do pai, cumprimentou-o um tanto embaraçado, aproximou-se da mãe, beijou-a na testa e sentou-se à mesa para o café.

— Tenho uma boa surpresa para ti — começou a dizer o pintor, com semblante cordial. — Vocês poderão passar as férias do

outono e também as festas de Natal, tu, Pierre e a mãe, onde quiserem. Eu estarei ausente por algum tempo.

O jovem não pôde ocultar a alegria, mas, apesar disso, esforçou-se por manter a calma e perguntou, interessado: — Aonde pensas ir, pai?

— Ainda não estabeleci os planos definitivos, mas, de qualquer modo, começarei por ir com Burkhardt à índia.

— Oh, tão longe! Tenho um colega de escola que nasceu por esses lados. Creio que Cingapura. Lá ainda se pratica a caça ao tigre.

— Espero que assim seja. Se eu conseguir matar algum, claro que lhes trarei a pele. Mas, sobretudo, o meu propósito é pintar, naturalmente.

— Não seria de esperar outra coisa — comentou Albert. — Ainda há pouco li um trabalho sobre um pintor francês que abandonou a família e foi pintar numa região tropical, creio que nos Mares do Sul... Deve ser magnífico!

— Também creio. E, enquanto isso, vocês estarão tranquilos, tocando muita música e praticando esqui. Agora quero ir ver como está Pierre. Fiquem à vontade.

Veraguth já saíra da sala antes que a mulher e o filho pudessem fazer mais algum comentário.

— As vezes, o pai é assombroso! — exclamou Albert, inundado de alegria. — Agora está sendo genial. Essa viagem à índia me agrada muito, sabes? Tem o que se chama estilo..

Adele sorriu, cansada. Sentia que o equilíbrio de sua vida fora bruscamente quebrado, como se o ramo da árvore em que estivera sentada até então cedesse repentinamente ao peso e tudo desmoronasse. Não obstante, calou-se e compôs um semblante alegre, coisa em que, aliás, estava havia algum tempo treinada.

O pintor entrou no quarto de Pierre e sentou-se à beira da cama. Sem fazer ruído, tirou do bolso um caderno de apontamentos e começou a desenhar a cabeça e os braços do filho adormecido.

Sem incomodá-lo, Veraguth queria fixar o rosto do garoto e gravá-lo o mais profundamente possível em seu próprio ser. Observando-o com amorosa atenção, procurava transmitir ao papel aquelas formas amadas, seus delicados cabelos caídos, as nervosas e finas asas de seu nariz, a mão esguia e abandonada, a linha voluntariosa da boca firmemente fechada.

Raramente via o filho deitado em sua cama, e era essa a primeira vez que não o contemplava com a habitual expressão infantil de seus lábios entreabertos, olhos vivos e inquietos, de modo que, observando a boca prematuramente expressiva e séria que Pierre mostrava agora, Veraguth deu-se conta, de súbito, da impressionante semelhança que tinha com a boca de seu próprio pai, o avô de Pierre, que fora um homem audacioso e cheio de imaginação, mas possuidor de uma vontade apaixonada e infatigável; enquanto trabalhava, observando o filho, comprazia-se em meditar sobre esse jogo pleno de nexo em que a natureza se empenhava, ao determinar os traços e os destinos de pais e filhos. Veraguth, que não era nenhum pensador profundo, sentiu-se comovido, porém, ante o soberbo e inquietante enigma do curso da vida humana, fatalmente determinado.

Pierre abriu os olhos e cravou-os nos de seu pai, que pôde notar outra vez como a expressão do filho era pouco infantil e estranhamente séria. O pintor, que voltou a guardar rapidamente o caderno e o crayon, inclinou-se para o filho, beijou-lhe a testa e disse: — Bom-dia, Pierre. Estás melhor?

O garoto sorriu, feliz, e espreguiçou-se demoradamente. Oh, sim, estava melhor! Estava muito melhor! Pierre ficou pensando. Sim, de fato, ontem estava doente. Ainda sentia as sombras desse dia detestável. Mas agora sentia-se muito melhor; só desejava ficar um pouco mais estendido na cama, saborear a bel-prazer a tépida e tranquila sensação de bem-estar que ora o invadia. Depois, levantar-se-ia, tomaria seu café e iria passear no jardim com mamãe.

Veraguth saiu do quarto para chamar Adele. Pestanejando, Pierre dirigiu os olhos para a janela, através da qual se anunciava o dia claro e alegre, filtrado pelas cortinas amarelas. Ah, esse era um dia em que se podia esperar algo de bom! Todo ele exalava promessas de alegrias possíveis! Que triste, que frio e sem graça fora, em compensação, o dia de ontem! Fechou os olhos, como se quisesse esquecê-lo definitivamente, e sentiu como em seus membros ainda amodorrados a vida começava a se agitar e expandir de novo, doce e quente.

Chegou a mãe, que lhe trazia à cama uma xícara de leite e um ovo. Além disso, o pai prometeu dar-lhe um novo estojo de aquarelas. Oh, eram tão ternos e carinhosos com ele, bem se via que estavam contentes por tê-lo outra vez com saúde! Era quase como um dia de aniversário. Que lhe faltassem os doces, isso não o preocupava, porque não tinha ainda, para dizer a verdade, apetite algum.

Logo que vestiu um terno de verão, azul e fresco, Pierre foi ao estúdio do pai. Já quase esquecera o horrendo pesadelo da véspera, mas seu coração ainda se inquietava com uma vaga ressonância de espanto e sofrimento, de modo que sentia a necessidade impulsiva de comprovar que, realmente, o sol e o amor ainda brilhavam para ele, e queria gozar dessa segurança.

O pintor, que estava tomando medidas da moldura para o seu novo quadro, acolheu Pierre com franca alegria. O filho, porém, não queria permanecer muito tempo no estúdio; desejava apenas saudar o pai e desfrutar um pouco da doce sensação que lhe causava o seu carinho. Tinha de ir ver os pombos e o cão de guarda, e Robert, e a cozinheira, e o jardineiro. Enfim, tinha de saudar todos de novo e deles tomar nova posse. Depois, passeou um pouco nos jardins com a mãe e Albert; parecia-lhe que decorrera um ano inteiro desde que se jogara no gramado úmido, cheio de medo e chorando. Não tinha intenção de se balançar, mas não deixou de apoiar a mão no assento do brinquedo, como se quisesse dizer-lhe: “Aqui me tens

outra vez.” Passeou entre arbustos e canteiros de flores e, então despertou no fundo de sua alma uma recordação turva, como se proviesse de uma vida anterior: parecia-lhe que já ali andara, errante e abandonado de todos, sem esperança nem consolo. Só que tudo brilhava e vivia agora, as abelhas pareciam cantar e o ar que ele respirava era leve e esfuziante.

Quis levar a cesta de sua mãe, onde foram colocados cravos e gigantescas dálias; a um lado, separou algumas flores com que faria um ramo para brindar seu pai.

Quando voltaram a casa, sentiu-se profundamente cansado. Albert convidou-o a jogar, mas Pierre preferiu repousar um pouco. Sentou-se no cadeirão de vime da Sra. Veraguth, na galeria, segurando ainda entre as mãos o ramo de flores que se propunha oferecer ao pai.

Sentindo-se desfalecer, fechou os olhos, voltou o rosto para o sol e gozou a tepidez da luz, que, através das pálpebras, era de um vermelho vivo. Depois, contemplou satisfeito seu bonito e limpo terno azul-claro, seus reluzentes sapatos amarelos, que brilhavam à luz do sol. Abandonou-se inteiramente a essa inefável sensação de bem-estar e preguiça que experimentava ao ficar ali quieto; só o perfume dos cravos lhe pareceu excessivamente intenso. Apanhou o buquê, colocou-o sobre a mesa e afastou-o até onde seu braço alcançava.

Teria de pôr os cravos na água o mais depressa possível, para que não murchassem antes de oferecê-los ao pai.

Pôs-se a pensar nele com inusitada ternura. Mas ... que acontecera ontem? Pierre tinha ido visitá-lo no estúdio. O pai trabalhava em seu quadro e parecia não ter tempo senão para o que fazia; via-o diante do cavalete, só, ativo, o ar um pouco triste. Sim, lembrava-se perfeitamente de tudo. Mas depois? Que acontecera? Não encontrara depois seu pai no jardim? Pierre fez um esforço supremo para recordar. Sim, ele vagueava sozinho, pelo jardim, com um rosto severo, estranho, dolorido, e Pierre quisera chamá-lo...

Que se passara? Algo espantoso e terrível tinha ocorrido na véspera, algo que ele não conseguia recordar com exatidão.

Recostado no cadeirão de repouso da mãe, o pequeno procurava concentrar o pensamento. O sol fulgia, quente e amarelo, em seus joelhos, mas a sensação agradável em que Pierre se encontrava imerso aos poucos foi se turvando. Pressentia que seu pensamento se aproximava de novo, cada vez mais, dessa coisa horrível — e que, tão depressa ela se apossasse do seu ser, dominá-lo-ia implacavelmente. Sim, ele sabia que essa coisa medonha o espiava pelas costas, o rondava e lhe acenava. Cada vez que suas recordações se avizinhavam do limite do definido e do real, Pierre era tomado de uma angustiosa sensação de mal-estar e vertigem. Começou então a sentir uma ligeira dor de cabeça.

O intenso aroma dos cravos produzia-lhe um mal-estar insuportável. Estavam ao sol em cima da mesa de vime e depressa murchariam; se pretendia, realmente, oferecê-los ao pai. teria de fazê-lo naquele momento. Mas Pierre já não tinha desejo de fazê-lo. melhor dizendo, queria levá-los, mas estava tão cansado e a luz causava-lhe tanto mal aos olhos, que não conseguia levantar-se. Além disso, tinha de recordar, primeiro que tudo, o que lhe acontecera na véspera,

Sentia estar muito perto de lembrar com exatidão, e não precisaria mais do que reter em suas ideias os incríveis acontecimentos. Mas, cada vez que se dispunha a dar o passo decisivo, as recordações esfumavam-se e fugiam de sua mente para um abismo sem fundo.

A dor de cabeça aumentava. Ah, por quê? Por que essa dor? Logo hoje, quando se encontrava ali tão à vontade, no calor amável do sol e da ternura dos pais.

A Sra. Veraguth, que chamara pelo filho, não tardou em aparecer. Ao ver as flores expostas ao sol, quis mandar Pierre buscar água, mas, ao observar o menino com mais atenção notou-

lhe a expressão sonolenta e profundamente abatida, as faces cobertas de grossas lágrimas.

— Pierre, meu querido filho! Que tens? Não te sentes bem?

O menino olhou-a, sem mover a cabeça, e voltou a fechar os olhos, em cujas pestanas tremeluziam ainda duas lágrimas.

— Fala, meu bem! Diz-me o que sentes! Queres ir para a cama? Preferes um jogo comigo? Tens alguma dor?

Pierre meneou lentamente a cabeça, numa espécie de gesto de defesa, como se lhe incomodasse a consternação e solicitude da mãe.

— Deixa-me... — disse ele, por fim, num sussurro.

Como Adele se aproximasse e lhe tomasse as mãos, Pierre gritou, como se possuído de um momentâneo acesso de fúria, com voz forte e alterada: — Ah, deixa-me em paz!

Mas, em seguida, cessando toda a resistência, precipitou-se nos braços da mãe e, quando esta o ergueu, soltou um débil queixume, virou o rosto pálido e contraído para o lado, e agitou-se, convulso, num violento vômito.

13.

DESDE QUE VERAGUTH residia na pequena vivenda anexa ao estúdio, sua mulher raras vezes o visitara ali. De modo que quando a viu entrar no ateliê, afobada, sem baterá porta e presa de grande agitação, o pintor pressentiu que ela lhe trazia más notícias; e seu instinto advertiu-o com tanta segurança que, antes de Adele poder dizer palavra, exclamou; — Pierre!

Sua mulher confirmou com um vivo movimento de cabeça.

— Deve estar muito doente... — disse ela, ofegante. — Tem um aspecto muito estranho... e vomitou outra vez! Tens de ir buscar um médico. .. depressa!

Enquanto falava, a Sra. Veraguth deu uma olhada circular pelo espaçoso e austero recinto, e a vista deteve-se, por um instante, no novo quadro de seu marido. Não viu as figuras, nem mesmo reconheceu as feições de Pierre; limitou-se a manter a vista rigidamente cravada e a aspirar a atmosfera do estúdio onde Veraguth vivia recluso havia muitos anos. E, então, percebeu obscuramente que ali também reinava um ambiente de solidão e uma tenaz vontade de auto suficiência, semelhante àquela em que ela própria vivia na mansão vizinha. Essa comprovação durou um fugaz momento, e ela logo afastou os olhos do quadro, procurando responder às perguntas com que o marido a metralhava, agitado.

— Faz favor de pedir em seguida um automóvel pelo telefone — disse o pintor, finalmente. — Será mais rápido do que na charrete. Eu próprio irei à cidade. É só o tempo de lavar-me e partirei imediatamente. Já meteste o menino na cama”

Um quarto de hora depois, Veraguth estava no automóvel, em busca do único médico da cidade que conhecia e que em outras

ocasiões já visitara Rosshalde. Não o encontrou na antiga casa onde morava; tinha mudado. No caminho do novo domicílio, Veraguth cruzou com a carruagem do conselheiro sanitário da localidade, que o cumprimentou. Veraguth retribuiu a saudação e a carruagem já passara quando o pintor se deu conta de que se tratava, justamente, do médico que estava procurando. Teve de recorrer novamente o percurso, até dar com a carruagem do conselheiro sanitário parada diante da casa de um paciente. Aí esperou uma boa meia hora, tomado de uma penosa sensação de angústia. Finalmente, ao enxergar o médico à porta da casa, insistiu com ele para que subisse no automóvel. O conselheiro sanitário recusou-se, protestando, de modo que Veraguth quase teve de usar a violência para forçá-lo a ir.

Já no automóvel, posto em alta velocidade rumo a Rosshalde, o médico colocou uma mão no joelho do pintor e disse: — Isso foi um sequestro, não? Sou seu prisioneiro, mas quero que saiba que outros pacientes me esperavam agora.

— Desculpe, doutor, mas é um caso urgente.

— Tenho muitos casos urgentes. Que se passa, então? Está a sua esposa doente?

— Não...

— Então é o pequeno... Como se chama? Há muito que não o vejo.

— Pierre.

— Ah, sim, Pierre! Que lhe aconteceu? Acidente?

— Está doente desde ontem. Esta manhã parecia totalmente restabelecido. Levantou-se e comeu um pouco ... Mas logo voltou a vomitar tudo o que tinha comido, e parece que sente dores.

O médico passou pelo rosto, de expressão inteligente, a mão fina e bem cuidada.

— Então talvez seja algum distúrbio gástrico. Já veremos. Fora disso, o senhor não tem qualquer outra preocupação, não é verdade? O inverno passado, tive ocasião de admirar a sua

exposição em Munique. Aqui, todos estamos muito orgulhosos do senhor, caro mestre.

Veraguth olhou para o relógio e ambos ficaram silenciosos quando o motorista fez a mudança de velocidade e o automóvel começou a galgar, com fragorosos arrancos, a encosta de Rosshalde Chegado ao cimo, o carro estacou diante do portão nobre do pátio, que não estava aberto. Os dois homens saltaram.

— Espere aqui — disse o conselheiro sanitário ao motorista.

Depois, ele e Veraguth atravessaram o pátio, em passos rápidos, e entraram na casa.

Agora, parecia que o médico já tinha tempo disponível. Sem pressa, examinou o menino, procurou fazê-lo falar, teve palavras carinhosas para ele e benévolas para Adele

Veraguth, sabendo criar uma atmosfera de confiança que até ao próprio pintor fez hem, renovando-lhe a segurança abalada.

Pierre não opôs qualquer resistência; limitou-se a ficar silencioso, numa atitude receosa e mal-humorada. Quando o médico lhe apalpou e comprimiu o ventre, torceu a boca num esgar burlesco, como se quisesse dar a entender que tais manobras eram insensatas e inúteis.

— Parece que temos de eliminar a hipótese de uma intoxicação– disse o conselheiro sanitário, num tom precavido. — Além do mais, o menino nada tem no ceco. O mais provável é que se trate, simplesmente, de um desarranjo estomacal. O melhor, para o caso, é mantê-lo em jejum. Hoje deem-lhe apenas uma xícara de chá. Se tiver sede pela noite, pode tomar um gole de Bordeaux. Se tudo continuar bem, amanhã poderá fazer um desjejum de chá e biscoitos. No caso de sentir dores, informem-me pelo telefone.

Só quando estavam fora do quarto a Sra. Veraguth começou a interrogar o médico, mas não obteve maiores esclarecimentos.

— Parece sofrer de indigestão, o que explicaria também as dores de cabeça. Aliás, o menino é muito sensível e nervoso, o que não é bom nos distúrbios gástricos. A ausência de febre é um bom

sintoma. Devem verificar se há alguma alteração durante a noite. O pulso está fraco. Se o doente não apresentar melhoras, virei amanhã visitá-lo. Acho que não é nada de grave.

Despediu-se rapidamente, e já parecia outra vez muito apressado. Veraguth acompanhou-o até ao automóvel.

— Será doença demorada, doutor? — perguntou no último instante.

O médico riu em voz alta.

— Não o tinha na conta de homem tão assustado, mestre. O menino tem uma compleição delicada. Mas lembre-se de que todos nós, em criança, tivemos amiúde transtornos de estômago. Bom-dia!

Veraguth, que sabia não ser a sua presença em casa necessária, começou a andar, pensativo, na direção dos campos. A atitude severa e lacônica do conselheiro sanitário tranquilizara-o tanto, que se espantava agora de como pudera ficar tão inquieto e alarmado.

Com uma sensação de alívio, caminhou, aspirando com gosto o ar tépido da manhã intensamente azul. Parecia-lhe estar fazendo um passeio para se despedir desses prados e pomares. Sentia-se bem e livre. Ao refletir sobre as causas desse sentimento de liberdade e desapego de tudo o que o rodeava, compreendeu que se tratava de uma consequência da conversa dessa manhã com sua mulher. O ter-lhe comunicado seus planos de viagem e Adele tê-lo escutado tranquila, quase sem fazer o menor reparo; o fato de entre a sua resolução e a concretização ter apenas de cumprir passos secundários; o ver diante de si um futuro próximo e tranquilo, claro, de um só sentido — era tudo isso o que produzia a sua sensação de liberdade.

Sem dar-se conta dos lugares por onde passava, Veraguth enveredara pelo mesmo caminho que, poucas semanas antes, percorrera com seu amigo Burkhardt. Só quando a vereda começou a subir, percebeu em que lugar estava e recordou, então, o passeio que fizera com Otto. Lá em cima estava o pequeno bosque, o banco

de pedra e o misterioso panorama claro-escuro que oferecia a paisagem luminosa e plástica do vale, onde serpenteava o rio azulado. Pintaria tudo isso no outono; sentaria Pierre no banco de pedra e faria ressaltar suavemente a cabeça clara do filho contra as sombras do bosque ao fundo.

Começou a subir a colina, olhando atentamente para diante, sem sentir o calor do meio-dia, que começava a apertar. Enquanto esquadrinhava a paisagem, aguardando o instante em que, chegado ao cimo, todo o panorama circundante se ofereceria a seus olhos, voltou a pensar no dia em que ali subira com Burkhardt e recordou o diálogo que haviam travado.

Sim, recordou as palavras e perguntas do amigo, o colorido do cenário naqueles primeiros dias estivais, cujos tons verdes tinham adquirido, desde então, muito mais intensidade.

E, de súbito, despertou em sua alma um sentimento que havia muitos anos não sentia e cujo retorno inesperado o fez retroceder aos tempos de sua dourada juventude. Parecia-lhe como se, desde o momento daquele passeio com Otto, tivesse transcorrido um tempo imenso, e como se ele próprio, desde então, também tivesse evoluído, sofrido uma transformação incomensurável, enfim, estivesse convertido num outro homem inteiramente diferente, capaz de olhar para o seu eu daqueles dias com uma espécie de comiseração irônica.

Surpreendido por esse sentimento tão profundamente juvenil, que, vinte anos antes, tinha sido nele o sentimento de todos os dias e agora o fascinava, como um estranho feitiço, Veraguth pensou no tempo transcorrido nesse verão e deu-se conta de algo de que nem mesmo no dia anterior se apercebera. O seu ser estava transformado. Hoje, encontrava claridade em sua vida e possuía um conhecimento seguro do caminho que iria percorrer, coisas que, pouco antes, estavam diluídas na obscuridade e numa irremediável incerteza.

Era como se a sua vida tivesse reencontrado o rumo certo, definido, a direção clara em que o caudal da sua existência iria fluir, sem desvios nem hesitações, ao passo que, antes estivera dando voltas e mais voltas em torno de si próprio, titubeante, irresoluto, num lago de águas estagnadas. Viu então, nitidamente, que nada seria capaz de dissuadi-lo da viagem, que nada tinha a fazer com as coisas que o rodeavam senão despedir-se, por mais que seu coração ansiasse por elas. A vida recuperara seu fluxo normal e a torrente apontava, com decisão, para a liberdade e o futuro. Sem que o houvesse percebido, já fazia tempo que Johann Veraguth, no mais íntimo de sua alma, se separara e despedira da cidade, de Rosshalde e de sua mulher.

Ficou um tempo parado, de pé, sorvendo voluptuosamente as lufadas de liberdade que lhe empolgavam os sentidos. Pensou em Pierre, e uma dor cortante, aguda, penetrou implacavelmente todo o seu ser, quando viu, com nitidez cruel, que tinha de percorrer seu caminho até ao fim e, para tanto, era preciso separar-se também de Pierre.

O rosto contraído de angústia, assim permaneceu longo tempo; mas se a dor lhe queimava o coração, por outro lado sentia que nele palpitava uma vida nova, vibrante de luz — que para ele ainda existia um futuro, a ser percorrido por caminhos claros. Era isso o que Otto Burkhardt esperava que o amigo alcançasse. Era isso a extirpação do velho abscesso, por tanto tempo suportado, de que lhe falara Otto. O corte doía — oh, sim! como doía! — mas com a morte dos desejos mais queridos morriam também o desassossego e a falta de unidade, a ambiguidade, a covardia e a paralisia de sua alma. Sim, fizera-se dia nele, um dia terrivelmente claro, belo e ofuscante.

Com o coração comovido, deu os últimos passos que o separavam do cimo do outeiro e sentou-se à sombra no banco de pedra. Sentiu-se impregnado de um profundo sentimento de vida, que era como um retorno à juventude, e, agradecido, seu

pensamento voltou-se para o amigo distante, sem a ajuda de quem ele nunca poderia ter encontrado o caminho e teria permanecido para sempre na prisão mesquinha onde sua alma enlanguescia.

Não era da natureza do pintor ficar muito tempo a meditar ou persistir em estados emocionais extremos. Consciente de que curara sua própria alma e recuperara a sua vontade,

Veraguth ganhou nova consciência da sua força criadora e energia pessoal.

Levantou-se, abriu os olhos e, com visão penetrante, pôs-se a planejar o seu novo quadro. Observou demoradamente, através das sombras do bosque, o luminoso vale do rio que se estendia até longe. Era isso o que iria pintar, e, para fazê-lo, já não queria esperar pelo outono. Tratava-se de uma tarefa muito delicada; a obra apresentaria dificuldades essenciais, haveria nela difíceis problemas a resolver; cumpria pintar esse maravilhoso panorama com amor, com muito amor e muito estudo, como o teria feito um velho mestre, um Dürer ou um Altdorfer. Nesse quadro, o predomínio da luz e seu ritmo místico não poderiam constituir o único valor. Era preciso que a mais insignificante das formas adquirisse pleno direito e fosse meticulosamente estudada, tal como sua mãe refletia sobre a disposição e o valor de cada ervinha, ao formar seus maravilhosos ramos de flores dos prados.

A distância fria e clara do vale tinha de retroceder duplamente, por obra da cálida torrente de luz do primeiro plano e por obra das sombras do bosque, e tinha de destacar-se no fundo do quadro como uma reluzente pedra preciosa, tão fria quando doce, tão estranha quanto atraente ao coração.

Veraguth olhou para o relógio. Era hora de regressar. Não queria que sua mulher voltasse a esperá-lo. Mas antes de partir, tirou do bolso o caderno de apontamentos e, de pé, na borda da encosta, à plena luz do meio-dia, delineou em vigorosos traços o esboço do seu próximo quadro: a perspectiva geral, a disposição do

conjunto e a forma oval da vista do vale distante, da qual esperava tirar o maior partido.

Com isso, atrasou-se o pintor ainda mais um pouco, de modo que, sem fazer caso do calor, desceu apressadamente pela vereda castigada pelos raios do sol a pino. Pensou no que precisaria para pintar o quadro e, finalmente, decidiu levantar-se muito cedo na manhã seguinte para contemplar a mesma paisagem na primeira luz matinal. Sentiu que o coração se agitava, inquieto e jubiloso; saber que o esperava, de novo, uma formosa e atraente tarefa a cumprir, era algo que o punha em impaciente alvoroço.

— Como está Pierre? — foram suas primeiras palavras ao entrar em casa.

Adele comunicou-lhe que o menino estava tranquilo, embora muito fatigado; parecia não sentir dor alguma e conservava-se pacientemente deitado. Seria melhor não incomodá-lo, pois manifestava uma sensibilidade extrema e sobressaltava-se ao abrir de uma porta ou ao menor ruído.

— Está bem — anuiu o pintor. — Irei vê-lo mais tarde. Estive fora, projetando o meu novo quadro, que começarei a pintar ao ar livre nos próximos dias.

Comeram em silêncio e com tranquilidade; através das persianas corridas, uma luz esverdeada penetrava na sala fresca; todas as janelas estavam abertas, assim que, na hora calma e sonolenta do meio-dia, era possível ouvir o murmurar da pequena fonte no pátio.

— Pai, o senhor vai precisar de uma equipagem muito especial para a viagem à índia — disse Albert. — Levará também equipamento de caça?

— Não, não creio. Otto se ocupará de tudo isso. Por certo me aconselhará também sobre o que devo comprar. Creio que os meus utensílios de pintura terão de ser metidos em caixas hermeticamente lacradas, por causa da umidade do mar.

— E deves comprar um capacete colonial.

— Talvez. Poderei comprá-lo quando chegar, se for assim tão indispensável.

Quando Albert se retirou, Adele Veraguth solicitou ao marido que ficasse ainda mais um pouco com ela. Sentou-se perto da janela, em seu cadeirão de vime, e o pintor aproximou a sua cadeira.

— Então, quando pensas partir?

— Oh, isso depende sobretudo de Otto. Tenho de guiar-me pelo que ele dispuser. Creio, no entanto, que será em fins de setembro.

— Já? Ainda não tive tempo de pensar seriamente no assunto. O estado de Pierre tem me preocupado muito. Mas creio que não podes exigir-me demais, no tocante ao menino.

— Na verdade, eu tampouco quero pedir algo. Hoje estive refletindo outra vez sobre o assunto. Podes contar com a mais ampla liberdade. Compreendo perfeitamente que seria um contrassenso andar passeando pelo mundo e, ao mesmo tempo, pretender imiscuir-me nos assuntos daqui. Em tudo deverás agir do modo que melhor te pareça. Não é possível que fiques com uma liberdade menor do que a que exijo para mim mesmo.

— Mas... o que acontecerá com a casa? Não posso ficar aqui sozinha! Está muito afastada e é demasiado grande. Além disso, encontraria aqui muitas recordações que não quero conservar.

— Já te disse que podes ir para onde melhor entenderes. Rosshalde pertence-te totalmente, já sabes. E na previsão de qualquer acontecimento inesperado, pretendo deixar esse assunto resolvido antes de partir.

Adele empalideceu. Observara o rosto do marido com uma atenção e desconfiança quase hostis.

— Falas– disse ela, procurando conter a voz — como se não tivesses a intenção de regressar.

Veraguth pestanejou e baixou a cabeça.

— Eu próprio não o sei — respondeu pausadamente. — Ainda não faço ideia de quanto tempo durará minha ausência. Além disso,

não creio que a índia tenha um clima muito saudável para pessoas da minha idade ...

Adele sacudiu a cabeça.

— Não me refiro a isso, Johann. Todos podemos morrer. Quero saber se tens intenção de volta a casa.

Veraguth ficou calado por alguns instantes; depois, esboçando um pálido sorriso, pôs-se de pé e disse: — Falaremos disso outro dia, sim? Lembras-te de que a nossa última discussão, há anos, foi justamente por causa desse assunto? Não quero ter aqui, em Rosshalde, mais nenhuma discussão. Contigo, pelo menos ... suponho que pensas ainda como daquela vez. Ou estarias agora disposta a ceder-me Pierre?

Adele Veraguth moveu negativamente a cabeça, sem dizer palavra.

— É o que eu imaginava — disse o pintor, com calma. — deixemos, pois, esse desagradável tema. Como já te afirmei, podes dispor da casa como melhor entendas. Não, não tenho o menor interesse em conservar Rosshalde, de modo que se te aparecer uma ocasião de vender tudo por bom preço, aproveita.

— É então o fim de Rosshalde — disse Adele, num tom de profunda amargura, pensando nos anos felizes de instalação ali do casal, na época da infância de Albert, em todas as esperanças que tinham alimentado naqueles dias. Era, pois, o fim de tudo isso.

Veraguth, que já se encaminhava para a porta, voltou-se e respondeu suavemente: — Não leves o caso tão a sério, Adele. Se quiseres, podes conservar tudo.

O pintor saiu para o pátio, soltou o cão da corrente e encaminhou-se para o estúdio, acompanhado pelos alegres latidos do animal, que saltava à sua volta. Que lhe importava

Rosshalde! Era uma das coisas com que já nada tinha a ver. Pela primeira vez, o pintor sentiu-se numa situação superior à da mulher. No fundo do coração, consumara o maior sacrifício, renunciara a Pierre. Desde que conseguira separar sua alma do

menino, todo o seu ser se projetava agora para a frente. Para o pintor, Rosshalde simbolizava algo já acabado e morto, tão acabado e morto como tantas e tantas esperanças de outros tempos, tão acabado e morto como a época de sua juventude. Era inútil ficar lamentando o irremediável. Por ele, poderiam até botar fogo em Rosshalde que pouco lhe importava. Muitos povos incineravam seus cadáveres. Na índia, por exemplo.

Veraguth tocou a campainha e Robert apresentou-se no mesmo instante.

— Vou pintar uns dias ao ar livre. Prepara a caixa menor de tintas e a sombrinha, para que tudo esteja em ordem amanhã bem cedo. Acorda-me às cinco e meia.

— Está bem, Sr. Veraguth.

— É tudo. Achas que o tempo se conservará bom?

— Creio que sim ... Desculpe-me, senhor, mas gostaria de lhe fazer uma pergunta, se me permite ...

— Sim?

— Rogo-lhe que me desculpe o atrevimento, mas ouvi que o senhor pretende fazer uma viagem à índia.

Veraguth soltou uma gargalhada.

— Como a notícia correu depressa!

— Ouvi o Sr. Albert falar a tal respeito, senhor...

— Pois é verdade, sim, farei uma demorada viagem à índia e tu não poderás acompanhar-me, Robert, pois não existem lá criados europeus. Mas se, mais adiante, quiseres voltara servir-me, já sabes que te espero. Enquanto isso, tratarei de arranjar-te outro bom lugar. Além disso, receberás teu salário completo até ao fim do ano.

— Muito obrigado, Sr. Veraguth. Agradeço muito todas as amabilidades. Posso atrever-me a pedir-lhe o seu endereço, senhor? Gostaria, se o senhor consente, de escrever-lhe algumas vezes. Para falar a verdade . . . não é tão simples . . . o meu caso.

— Que caso, Robert?

— Estou noivo, Sr. Veraguth.

— Ah, então estás noivo!

— Sim, senhor..De modo que se o senhor me despede terei de casar-me, pois prometi que, quando abandonasse o serviço desta casa, não voltaria a empregar-me.

— Então deves estar contente por que eu te deixe agora em liberdade. Eu, de minha parte, sinto-o muito, Robert! Mas, diz-me uma coisa, que pretendes fazer quando casares?

— Ela quer que abramos um negócio de charutaria e cigarros...

— Uma tabacaria? Robert, isso não é coisa para ti!

— Desculpe, Sr. Veraguth, mas nada se perde em experimentar. Peço-lhe que me diga se não seria possível continuar me considerando ao seu serviço, Sr. Veraguth.

O pintor olhou o homem, desconfiando se ele estaria em seu juízo perfeito.

— Homem, cada vez entendo menos! Queres casar, abrir uma loja, esse estúpido negócio, e queres, ao mesmo tempo, ficar ao meu serviço? Parece-me que teus projetos não são inteiramente coerentes... Robert, você está muito interessado nesse casamento?

— Para dizer a verdade, não. Gostaria mais de ficar aqui. A minha noiva tem mau caráter e...

— Com mil demônios, mas então por que tens de casar? Tens medo dela? É rica? Haverá por aí algum filho? Ou ...?

— Não, senhor, não é nada disso. Mas a verdade é que ela não me larga, e eu já nem sei o que fazer...

— Então oferece-lhe uma bonita joia, Robert. Eu mesmo te darei o dinheiro para que a compres. Leva-a à tua pequena para lhe calares a boca e diz-lhe que procure outro noivo para o seu negócio de cigarros. Diz-lhe que fui eu mesmo quem te deu a ideia. E seja homem, Robert! Dou-te oito dias para resolver essa embrulhada. Então saberei se te assustas diante de uma moça ou não!

— Está muito bem, Sr. Veraguth, está muito bem. Falarei com ela sem falta. Da parte do senhor...

Veraguth escutava-o sorrindo. Cravou os olhos no atribulado moço e disse com energia: — Manda essa moça passear, Robert! Ou não nos entenderemos! Que diabos ... deixar-se casar! Vai e resolve depressa esse assunto!

Depois, Veraguth carregou um cachimbo, apanhou um grande caderno de apontamentos e um pacotinho de crayons, e encaminhou-se para o alto da colina.

14.

O JEJUM NÃO parecia dar os resultados que o médico esperava. Pierre jazia encolhido em sua cama, sem tocar sequer na xícara de chá que estava a seu lado na mesinha. Tinham-no deixado tranquilo, pois não respondia ao que se lhe perguntasse e ficava sobressaltado cada vez que se abria a porta do quarto. A mãe ficou sentada várias horas à sua cabeceira, murmurando palavras carinhosas e tranquilizadoras. Estava seriamente preocupada e inquieta; parecia-lhe que o pequeno doente se empenhava, com obstinação, em fechar-se em suas dores secretas. Pierre não respondia a pergunta alguma, era indiferente a súplicas e sugestões; mantendo rígidas as pupilas, não queria dormir, nem brincar, nem beber, nem que lhe lessem alguma coisa para distraí-lo. O médico visitara-o dois dias seguidos. Não dissera grande coisa e limitara-se a ordenar que mantivessem o corpo do doente bem abrigado, sob roupas quentes. Pierre ficava a maior parte do tempo numa espécie de sonolência febril; murmurava palavras incompreensíveis, uma vez por outra, e sonhava em voz alta, num estado de semi-inconsciência e confuso delírio.

Veraguth já pintava ao ar livre havia vários dias. Quando chegou nessa tarde à sua casa, ao entardecer, a primeira coisa que fez foi perguntar pelo filho. A mulher pediu-lhe que não entrasse no quartinho do enfermo, porquanto Pierre mostrava-se sumamente sensível ao menor ruído e nesse instante, parecia adormecido.

Como Adele tivesse falado laconicamente, Veraguth nada mais perguntou e foi tomar seu banho habitual. Passou uma noite intranquila, preso da agitação que sempre o invadia quando se

encontrava empenhado nas fases preliminares da execução de um novo quadro. Já realizara numerosos estudos e esboços, e pretendia, na manhã seguinte, dar início ao quadro propriamente dito. Escolheu calmamente a tela, juntou pincéis e paletas, e todos os demais utensílios de pintura a óleo que iria empregar; fez preparativos semelhantes aos de quem se propõe realizar uma excursão de recreio; comprovou se a bolsa de fumo de cachimbo estava cheia, preparou um cachimbo e o acendedor, como um alpinista que, na véspera de uma escalada, nada encontra de melhor a fazer, nas horas de espera que faltam para deitar-se, do que antegozar a manhã seguinte e arrumar os mais insignificantes objetos que terá de utilizar em sua excursão.

Depois, confortavelmente instalado, numa poltrona, e tendo à mão um copo de vinho, leu as cartas que tinham chegado pelo correio da tarde. Entre elas havia uma jovial e amistosa de Burkhardt, acompanhada de uma lista, digna de uma boa dona de casa em seus minuciosos detalhes, dos objetos que Veraguth deveria preparar para a viagem. Divertido, o pintor leu a lista de uma ponta a outra, na qual não haviam sido esquecidas sequer as sandálias de praia, o número preciso de camisas de dormir e as polainas de couro. No fundo da lista, Otto escrevera as seguintes palavras: Do mais eu próprio me encarregarei. Não te preocupes em obter medicamentos para combater o enjoo provocado pelo jogar do navio nem livros que tratem de viagens à índia.

Deixa isso por minha conta. Tenho um estoque de pílulas que chega para nós dois, e quanto aos livros, foram quase todos escritos por gente que da índia conhece apenas o hotel onde pernoitou uma noite antes de voltar a embarcar para algum outro porto de escala (e outro livro).

Sorrindo, Veraguth voltou-se para um enorme cilindro metálico com uma série de gravuras a água-forte que um jovem pintor de Düsseldorf lhe dedicara, cheio de admiração e respeito, e enviava como um obséquio. Também para isso encontrava Veraguth, nesse

dia, disposição e tempo. Contemplou atentamente, com olhar crítico, as gravuras, selecionou a melhor para a sua coleção particular e escreveu um bilhete cordial de agradecimento ao seu jovem colega.

Por último, abriu o caderno de esboços e pôs-se a examinar lentamente os diversos desenhos que fizera ao ar livre. Nem todos o satisfaziam completamente; no dia seguinte intentaria ainda uma outra disposição, pois era imprescindível que o conjunto obtivesse a máxima profundidade possível. Se o quadro, com tudo isso, não encaixasse bem nos seus esboços preliminares, continuaria a fazer novos estudos até consegui-lo. De qualquer modo, no dia seguinte teria de desenvolver grande atividade. No momento menos esperado surgiria o arranjo que agradaria plenamente ao pintor. Essa tela seria o seu adeus a Rosshalde. O lugar por ele escolhido era, sem dúvida, o trecho mais belo de toda a região, e Veraguth esperava ser digno de si mesmo, dando-se sem reservas à realização da obra. Não seria uma simples reprodução da paisagem, mas um quadro sério, bem pensado, e onde faria alarde de todos os seus recursos técnicos. Teria tempo de saborear, nos trópicos, a luta rápida do pintor com a natureza; agora, ao ar livre, entregar-se-ia à tarefa de vencer novas dificuldades, superar obstáculos, sofrendo derrotas e gozando inesperados triunfos.

Veraguth estendeu-se na cama e dormiu magnificamente até que Robert o despertou. Levantou-se em seguida e estremeceu, num calafrio, ao primeiro impacto da frescura da manhã; com alegre pressa, bebeu em pé uma xícara de café e empurrou para fora o criado, que lhe levaria a tela, o cavalete, a cadeira de armar e as caixas de pintura.

Saiu atrás de Robert e começou a andar na pálida luz da alvorada. Quis perguntar, antes de entregar-se ao seu trabalho, como passara Pierre a noite, mas encontrou a residência ainda fechada e sem sinais de que estivesse alguém acordado.

Adele permanecera até altas horas da noite junto de Pierre, pois lhe parecera que ele estava com mais febre. Escutara os

murmúrios balbuciantes do menino, tomara-lhe o pulso e arrumara-lhe a cama. Quando, beijando-lhe a testa, deu-lhe boa-noite, Pierre abriu subitamente os olhos e ficou a observar o rosto materno, com uma expressão fixa e de profunda surpresa, mas sem dizer palavra. A noite decorreu calma.

Quando, pela manhã, Adele entrou no quarto do filho, encontrou-o completamente desperto. Pierre não quis tomar o desjejum. Pediu apenas um livro com ilustrações. A mãe foi buscá-lo. Colocou depois outra almofada sob a sua cabeça, abriu as cortinas da janela e colocou-lhe o livro nas mãos, O livro de histórias contava as aventuras do Sr. Sol, enorme e radiante, de viva cor amarela, em suas andanças pelo mundo. Pierre tinha especial predileção por esse livro. Ergueu-o à altura do rosto e a clara luz matinal iluminou a estampa, pondo-lhe reflexos dourados. Imediatamente uma sombra de dor, desilusão e mal-estar invadiu o delicado semblante de Pierre.

— Oh, que mal me faz olhar para isto! — exclamou o menino, com um esgar dolorido, deixando cair o livro de ilustrações.

Adele apanhou novamente o livro e colocou-o ela própria diante dos olhos do filho.

— Mas se é o teu querido Sr. Sol — disse ela, tentando persuadir o filho.

Mas Pierre levou rapidamente as mãos aos olhos para tapá-los.

— Não, que me dói muito! É terrivelmente amarelo!

Com um suspiro de desalento, a mãe afastou o livro. Deus sabe o que seu querido menino tinha! Ela conhecia muitos acessos da exacerbada sensibilidade e muitos caprichos aparentemente inexplicáveis de Pierre, mas nunca o vira assim.

Era impossível considerar seu comportamento de agora um mero capricho. Havia algo de muito grave e ameaçador naquela inusitada atitude, pressentia o seu instinto de mãe, mas quem poderia saber? O médico era tão tranquilizador, tão seguro em seus comentários ...

— Escuta, meu bem — disse a Sra. Veraguth, suavemente.– Vou trazer-te uma xícara de chá quente. Tu mesmo servirás o açúcar que quiseres. E alguns biscoitos, sim ?

— Não quero!

— Procura beber um pouquinho. Vai fazer-te bem, verás.

Com expressão de tormento e fúria, Pierre encarou fixamente a mãe.

— Já disse que não quero!

A mãe saiu do quarto e ficou ausente um bom período. Pierre pestanejava, por causa da luz; parecia-lhe extremamente aguda e gritante, causava-lhe uma dor terrível na cabeça. Não haveria para ele, então, nenhum consolo, nem um pouco de bem-estar, uma alegria mesmo insignificante que fosse? Com obstinação, esfregava o rosto coberto de lágrimas nas almofadas, mordia os lençóis de insípido gosto. Era uma repetição dos seus hábitos da primeira infância. Quando Pierre era pequenino e deitava-se sem ter ainda sono, contraíra o hábito de morder a fronha do travesseiro, e ficava mastigando-a, não sem um certo ritmo, até que, fatigado, adormecia. Voltava agora a fazer o mesmo, e estava completamente absorvido nisso, numa espécie de torpor que lhe propiciava uma sensação de alívio.

A mãe voltou uma hora depois. Debruçou-se sobre Pierre e disse: — Então, o meu filhinho vai voltar a ser bom? Antes foste muito mau comigo. Por isso a mamãe ficou muito triste.

Em outros tempos, isso constituía um meio poderoso de vencer a obstinação do menino, de modo que, ao dizer essas palavras, Adele esperava, não sem inquietação, a reação de Pierre, que certamente cairia em prantos. Mas, desta vez, pareceu não prestar a menor atenção à censura, e quando a mãe voltou a insistir, embora delicadamente, na recriminação ao seu comportamento, Pierre torceu a boca num gesto quase trocista e encarou-a com uma expressão de soberana indiferença.

Pouco depois chegou o conselheiro sanitário.

— Voltou a vomitar? Não? Muito bem. Passou uma noite tranquila? Qual foi o desjejum? O quê? Continua sem querer comer?

Quando, depois, aproximando-se do doente, o médico fez com que voltasse o rosto para a janela, Pierre deu sinais de sentir dores fortes e apertou desesperadamente os olhos. O médico franziu o cenho e ficou a observar com atenção o gesto de defesa e a expressão de dor que se lia no rosto macerado do pequeno paciente.

— Também se mostra assim sensível aos ruídos? — perguntou em voz baixa à Sra. Veraguth.

— Sim, doutor — respondeu ela, no mesmo tom. — Já não tocamos piano há vários dias, e até o ruído da porta o exaspera.

O conselheiro sanitário fez um lento gesto de cabeça e correu um pouco as cortinas. Depois, ajudou Pierre a soerguer-se no leito e afastou as roupas da cama. Auscultou-lhe o coração e, com um pequeno martelo metálico, desferiu alguns golpes nos tendões logo abaixo das rótulas.

— Pronto — disse ele, por fim, cordialmente. — Agora te deixarei em paz.

Voltou a recostá-lo com cuidado nas almofadas, tomou-lhe a mão e saudou-o com um sorriso.

— Sra. Veraguth, consente que eu fique ainda um momento com a senhora? — perguntou o médico, num tom cavalheiresco e mundano.

Adele conduziu-o ao salão.

— Agora, minha senhora, quer ter a bondade de contar-me tudo a respeito do seu filho? — propôs o conselheiro, com vivacidade. — É um menino extremamente nervoso, e teremos de mostrar com ele a maior paciência, a senhora e eu. Já não acredito que se trate de distúrbio gástrico. Impõe-se que volte a comer sem falta. Dê-lhe alimentos fortificantes: ovos, sucos, cremes de frutas. Procure dar-lhe, para começar, gemadas com uma gota de vinho do Porto. Se o

menino gosta de doces, pode bater-lhe as gemadas com açúcar numa taça. Os sucos, de preferência, gelados. Diga-me... que particularidades, ao estado do menino, chamaram mais a sua atenção?

Com alguma preocupação, mas, em parte, tranquilizada pelo tom cordial e seguro do médico, Adele começou a informá-lo de tudo. Pouco lhe importava que o acarinhassem, lhe suplicassem ou o repreendessem. Tudo lhe parecia indiferente. Contou-lhe o que acontecera com o livro de estampas, e o médico meneou afirmativamente a cabeça.

— Sim, é preciso tolerar-lhe esse estado de humor — disse ele, por fim. — Está doente, minha senhora, e não se apercebe das suas descortesias. Deixe-o o mais tranquilo possível. Se o menino se queixar de dores de cabeça, aplique-lhe compressas de gelo. Pela noite, conviria tê-lo o mais tempo possível num banho apenas tépido. Isso o ajudará a adormecer.

Despediu-se, por fim, sem permitir que a Sra. Veraguth o acompanhasse até à porta.

— Faça com que ele não deixe de comer hoje — recomendou ainda o médico, de saída. — Os meus respeitos, Sra. Veraguth.

O conselheiro sanitário desceu as escadas e, ao passar diante da porta da cozinha, que estava aberta, perguntou em voz baixa pelo criado do Sr. Veraguth.

— Chame o Robert — ordenou a cozinheira a uma servente. — Deve estar no estúdio.

— Não, não é necessário — cortou o médico. — Não se incomodem. Eu conheço o caminho.

Afastou-se, dizendo algumas palavras engraçadas, e começou a andar lentamente sob os castanheiros, com uma expressão que, de súbito, se tornou séria e meditativa.

A Sra. Veraguth voltou a refletir em cada uma das palavras do médico, sem chegar a uma conclusão clara. Era evidente que ele agora considerava a doença de Pierre mais grave do que pensara

até então; contudo, não lhe dissera que fosse coisa realmente séria e manifestara tranquilidade. Sem dúvida, não previa um perigo iminente na doença do menino. Parecia tratar-se de um estado de debilidade e nervosismo, que era preciso vencer com boa alimentação e redobrado carinho.

Entrou no salão de música e fechou a tampa do teclado do piano, para que Albert, distraidamente, não começasse a tocar, ao vê-lo aberto.

Repetidamente ia até o quarto de Pierre. Entreabria cautelosamente a porta e punha-se à escuta, para certificar-se se o filho dormia ou se queixava. Encontrou-o todas as vezes desperto, o olhar apático, e voltava a fechar a porta com o coração inundado de tristeza e maus augúrios. Preferiria infinitamente ter de assisti-lo no meio de suas dores, a vê-lo ali estendido, desamparado, fechado em si mesmo e indiferente a tudo. Parecia-lhe que um estranho abismo de pesadelo a separava de seu menino, um feitiço maligno e persistente, que todo o seu amor e todas as suas inquietações de mãe não logravam romper. Pressentia que, por detrás de tudo aquilo, espreitava um vil e odioso inimigo, cuja natureza e intenções perversas eram desconhecidas e contra o qual não havia armas eficazes. Talvez estivesse incubando no delicado corpo de Pierre alguma febre, ou a escarlatina, ou alguma outra dessas doenças que costumam atacar as crianças.

Presa de viva inquietação, Adele fechou-se nos seus aposentos para repousar um pouco. O olhar deteve-se num ramo de flores, e ela então inclinando-se sobre a mesa redonda de caoba, cuja madeira de cor vermelho escura resplandecia sob o pano bordado, mergulhou o rosto, fechando os olhos, entre as exuberantes flores estivais, cujo aroma adocicado, quando o aspirou, tinha, no fundo, um travo profundamente amargo.

Quando se reergueu, algo aturdida, e, com olhos vazios, contemplou as flores, a mesa e todo o aposento, sentiu que desde o mais recôndito de sua alma subia uma onda de amarga tristeza.

Num súbito despertar da consciência, olhou tudo quanto o salão continha, o belo tapete persa, a mesa com flores, o relógio de parede e os quadros — e tudo lhe pareceu completamente estranho, sem ligação alguma com sua alma. Viu o tapete enrolado, os quadros encaixotados, o relógio no chão, tudo carregado numa carroça que deveria levar essas coisas, que já não possuíam alma nem lar, para um novo lugar desconhecido e indiferente. Viu Rosshalde vazia, as portas e janelas fechadas, os canteiros de flores abandonados, e sentiu uma dor pungente de ter de deixar tudo aquilo.

Foi um breve instante, esse em que se apercebeu da quase silenciosa mas obcecante voz das sombras, qual imagem fugidia e fragmentada do seu próprio futuro. De súbito, aflorou-lhe à consciência, desde as profundezas de sua vida oculta e cega, o sentimento claro de que, em breve, ela, Albert e Pierre, doente, seriam três criaturas sem lar, de que o marido a abandonara e ela ficaria para sempre com a alma cheia dessa frialdade e apatia irremediáveis de tantos anos vazios e desventurados. Viveria para os filhos, mas jamais voltaria a encontrar a bela e doce vida própria que, em outra época, esperara que Veraguth lhe oferecesse, vida essa a que até ontem — ainda hoje — embora obscuramente, não deixara de aspirar. Agora já era tarde demais e Adele estremeceu, profundamente chocada, ao dar-se conta dessa realidade com tão cruel nitidez.

Mas, em seguida, a sua natureza vigorosa reagiu, em defesa. Esperava-a, sem dúvida, um período de intranquilidade e incertezas. Pierre doente e as férias de Albert prestes a acabarem. Era inadmissível, absolutamente inadmissível, que também ela perdesse agora o ânimo e desse ouvidos a vozes obscuras ...

Primeiro, Pierre tinha de restabelecer-se, depois Albert partiria e Veraguth estaria na índia. Nada mais, o resto ver-se-ia depois. Não lhe faltaria tempo para lamentar-se e chorar amargamente a sua

sorte. De momento, era insensato que o fizesse, que ficasse cogitando sobre tais coisas.

A Sra. Veraguth colocou no parapeito da janela aberta o vaso de flores; depois, passou ao dormitório, aproximou-se do toucador, onde refrescou as têmporas com um lenço embebido de água-de-colônia, e examinou diante do espelho o seu penteado severo. Então, com passos silenciosos, dirigiu-se à cozinha para preparar, ela própria, a refeição de Pierre.

Tendo-a preparado e colocado numa pequena bandeja, apresentou-se junto à cama do filho, a quem ajudou a levantar meio corpo, e, sem prestar ouvidos ao gesto negativo do pequeno doente, começou a dar-lhe com a colher, séria e atenta, uma gemada batida com açúcar e vinho, conforme o conselheiro sanitário recomendara. O pequeno não reagiu, abrindo mecanicamente a boca, de olhos semicerrados. Depois, a mãe enxugou-lhe a boca e beijou-o na testa, pondo em ordem as roupas da cama. — Muito bem. Agora fica bonzinho e vê se dorme um pouco sim?

Quando Albert chegou, depois de dar um passeio pelos arredores, Adele levou-o até à varanda exterior, onde a suave brisa agitava os pequenos toldos listrados de branco e amarelo entre as colunas da arcada.

— O médico já esteve aqui hoje — disse ela. — Parece que Pierre tem os nervos alterados, de modo que precisa da maior tranquilidade possível. Sinto-o por ti, mas não poderás tocar mais piano. Não seria conveniente que, aproveitando o belo tempo que faz, fizesses uma excursão durante alguns dias às montanhas, ou te distraísses um pouco em

Munique? Teu pai certamente não se oporia a isso. Aqui vais te aborrecer muito...

— Obrigado, mamãe, és muito amável em te preocupar comigo, numa hora destas. Talvez faça uma excursão de um dia, mas não quero ausentar-me tempo demais, pois se o fizesse ficarias completamente só durante a doença de Pierre. Além disso, tenho de

pensar também em começar a rever as matérias do colégio. Já passei tempo demais à toa. O que é preciso é que Pierre se cure depressa!

— Está bem, Albert, como quiseres. Estou passando por um momento bem difícil, filho, e alegra-me que prefiras ficar a meu lado. Com teu pai, parece-me que estás em melhores relações, não é verdade?

— Sim, é verdade. Desde que ele resolveu fazer essa viagem à índia. Também é certo que o vejo pouco. Passa o dia inteiro pintando ao ar livre.

Albert calou-se, hesitante, e encarou a mãe.

— Mamãe... — disse ele. — Queres saber uma coisa? Muitas vezes lamento ter dado abrigo a sentimentos tão... tão violentos contra ele. Mas o pai atormentava-me tanto! —

Fez nova pausa e voltou o rosto para os jardins ensolarados. — A verdade é que ele tem algo que me impõe respeito. É certo que papai é uma pessoa inteiramente unilateral, e não entende grande coisa de música nem de literatura; mas é um grande artista, talvez um gênio que tem de cumprir sua missão na vida. É isso que faz com que eu, definitivamente , o respeite muito. Não lhe importa ser célebre, nada faz para se promover em popularidade, e também dá pouca importância ao dinheiro que ganha com os quadros. Não trabalha por essas coisas.

Albert franziu o cenho, num esforço para encontrar as palavras certas com que expressar o que sentia com clareza. Uma súbita emoção turvou-lhe as ideias.

— O pai.. . nós todos merecíamos melhor sorte — disse ele por fim.

Adele sorriu e passou a mão pela cabeleira loura do filho, numa terna carícia.

— Queres que, durante as tardes — disse ela, carinhosamente — voltemos a ler alguma coisa em francês?

O jovem anuiu. E, naquele momento, pareceu à Sra. Veraguth inteiramente insensato e incompreensível que pouco antes, tivesse podido ambicionar para si outro destino que não viver para seus filhos, dedicar-se de alma e coração àquelas duas estremecidas criaturas.

— Que é isso, mamãe? — perguntou Albert, surpreendido. — Vejo-te lágrimas nos olhos!

15.

POUCO ANTES do meio-dia, Robert apresentou-se à beira do pequeno bosque para ajudar o amo a carregar os apetrechos de pintura de volta ao estúdio. Veraguth acabara de desenhar um novo esboço, que ele próprio quis transportar. Agora sabia, com toda a exatidão, como seria seu novo quadro e pretendia fazê-lo nascer em poucos dias.

— Amanhã voltaremos bem cedo — disse o pintor, satisfeito e pestanejando os olhos cansados, por causa da deslumbrante luz do meio-dia.

Robert desabotoou cerimoniosamente o seu jaquetão, e do bolso interior tirou um papel. Era um envelope algo amassado, sem nome do destinatário.

— Isto é para o senhor — disse o criado grave.

— De quem?

— Do senhor conselheiro sanitário. Seriam umas dez horas quando ele apareceu no estúdio, perguntando pelo senhor. Mas disse que não interrompesse seu trabalho.

— Está bem, vamos.

Robert pôs-se em marcha, carregando a bolsa, a cadeirinha e o cavalete, enquanto Veraguth continuava parado e abria o envelope, com o desagradável pressentimento de que não se tratava de uma boa notícia. Dentro do envelope só havia um cartão de visita do conselheiro sanitário, que escrevera a lápis no verso, em letra pouco legível, pela pressa com que a mensagem fora redigida: “Solicito-lhe que passe esta tarde em minha casa. Gostaria de trocar duas palavras com o estimado amigo a respeito de Pierre. A doença é mais digna de consideração do que quis dar a entender esta manhã

à sua esposa. Não se atemorize, alimentando inúteis preocupações, antes de ter falado comigo.”

Com grande esforço, Veraguth conseguiu vencer o medo que ameaçava privá-lo de respiração, conservou-se de pé, com uma calma forçada, e leu outra vez o bilhete com maior atenção. “ .. .mais digna de consideração do que quis dar a entender esta manhã à sua esposa...” Havia nessas palavras algo de terrível. Adele não era tão fraca nem tão nervosa que fosse preciso tomar tais precauções com ela por causa de uma coisa sem importância. Queria então dizer que se tratava de uma doença grave, perigosa, que Pierre poderia morrer! Mas, depois, aquela frase “inúteis preocupações” tinha um ar tão inofensivo! Não, não devia ser uma doença extremamente grave. Talvez fosse uma dessas enfermidades que costumam atacar as crianças. Possivelmente... sim, devia ser isso, alguma doença contagiosa, e o médico queria isolar Pierre, fazê-lo internar numa clínica.

Assim pensou Veraguth, e ficou mais tranquilo. Começou então a descer lentamente a encosta da colina e percorreu o caminho tórrido através do descampado. Fosse o que fosse, faria o que o médico tinha pedido e ocultaria tudo da mulher.

Sentiu-se, de súbito, aguilhoado por uma violenta impaciência de chegar depressa ao quarto de Pierre. Ainda antes de se lavar e pôr em lugar seguro o seu quadro — deixou-o de pé na escada, apoiado contra a parede — entrou apressado na mansão e, pé ante pé, acercou-se do leito de Pierre.

Veraguth inclinou-se sobre o filho e beijou-lhe a testa.

— Bom-dia, Pierre. Como te sentes?

Pierre sorriu debilmente. Mas, em seguida, tapou o nariz com a roupa, preso de violenta agitação.

— Não, não, sai daqui! — exclamou o pequeno. — Cheiras tão mal!

Veraguth afastou-se, obediente.

— É essência de terebintina, filho. O papai ainda não se lavou porque veio agora mesmo do trabalho e queria ver-te primeiro. Vou num instante vestir-me e já voltarei para perto de ti. Está bem assim?

Saiu em seguida. Ao descer a escada, apanhou o quadro, sem deixar de escutar o eco dos gemidos e ais lamentosos do filho.

Durante o almoço, pediu a Adele que lhe informasse o que o médico tinha dito e ouviu com alvoroço a notícia de que Pierre comera alguma coisa sem vomitar. Entretanto, o pintor sentia-se irritado por ter de conversar sobre isso na presença de Albert.

Logo após a refeição, foi sentar-se meia hora à cabeceira de Pierre, que continuava tranquilo, embora vez por outra levasse as mãos à cabeça, como se sentisse uma dor mais aguda.

Veraguth observava com olhos amorosos e angustiados aquela boca fina, onde se desenhava uma expressão enfermiça de profundo abatimento, a testa bonita e muito branca, na qual se vincara agora, entre os olhos, uma funda ruga vertical—uma ruga de doença, sim, mas infantil e transitória, que desapareceria inteiramente assim que Pierre recuperasse a saúde e a alegria. Sim, voltaria a estar rijo e são ,.. ainda que lhe custasse uma dor bem maior ao partir e abandoná-lo. Pierre continuaria acrescer, em sua formosura e delicadeza de menino, e respiraria como uma flor a luz do sol, mesmo que ele nunca mais o visse. Pierre tinha de continuar a viver, forte e saudável, convertendo-se numa criatura bela e viril que herdaria tudo o que havia de mais puro e delicado no ser paterno.

Junto da cama de Pierre, começou Veraguth a pressentir quanta amargura ainda lhe faltava provar antes de sair de Rosshalde. Os lábios se contraíram, o coração defendeu-se do espinho que ia se cravar nele, mas, no mais profundo de sua alma, sentiu o pintor que, sob todas as dores e todos os receios, persistia — firme e inquebrantável — a sua resolução. Era forçoso mantê-la a todo custo; chegaria depressa o momento em que passaria a ser

insensível à dor e ao amor. Mas ainda lhe faltava viver os últimos momentos de sofrimento; sim, estava disposto a beber até à última gota a taça da amargura, pois já sabia, desde alguns dias, com toda a certeza, que só essa porta de trevas dava acesso ao caminho que o levaria à liberdade Se agora se mostrasse covarde, se agora procurasse subtrair-se à menor dor, não faria mais do que enlamear-se e envenenar-se, jamais alcançaria a liberdade pura e bem-aventurada a que aspirava e pela qual estava disposto a sofrer todos os tormentos do mundo.

Agora, antes de mais nada, tinha de ir falar com o médico. Levantou-se, acariciou ternamente a cabeça de Pierre e saiu do quarto. Ocorreu-lhe que Albert poderia levá-lo à cidade, e, pela primeira vez nesse verão, dirigiu-se ao quarto do filho.

Bateu vigorosamente à porta.

— Entre!

Albert estava sentado junto à janela, lendo um livro. Ao ver o pai. pôs-se pressurosamente de pé e, num gesto surpreendido, foi ao seu encontro.

— Tenho de pedir-te que me faças um pequeno favor, Albert. Poderias levar-me rapidamente à cidade na charrete?

— Mas claro, pai.

— É muito gentil de tua parte. Então vai e manda atrelar. Estou com muita pressa... Queres um cigarro?

— Aceito, sim, pai, obrigado. Vou tratar dos cavalos.

Pouco depois, iam ambos sentados na charrete; Albert conduzia. Quando Veraguth mandou parar o veículo numa esquina da cidade, despediu-se do Filho e disse-lhe algumas palavras de agradecimento.

— Obrigado, Albert. Vejo que realizaste grandes progressos. Estás dirigindo muito bem os animais. Até logo, então. Mais tarde voltarei à pé, se estiver com ânimo, ou alugarei uma carruagem.

Percorreu em passo rápido as ruas ardentes da pequena cidade. O médico vivia num bairro tranquilo e elegante. A essa hora

do dia, Veraguth não encontrou quase vivalma em seu caminho. Cruzou com um carro-pipa que regava as ruas, seguido por um bando de garotos que recebiam nas mãos, nos braços e na cabeça a fina chuva de água que jorrava de ambos os crivos, e riam às gargalhadas. Por uma janela aberta, soavam os monótonos acordes de piano de um estudante que praticava escalas. Veraguth sempre sentira uma profunda aversão pelas ruas solitárias, especialmente no verão, pois recordavam-lhe os tempos de infância, transcorridos justamente em casas silenciosas e aborrecidas ruas semelhantes, casas que cheiravam a café e cozinha nas escadas, com janelas que davam para telhados sujos da vizinhança e com minúsculos, ridículos jardins sem graça, onde eram sacudidos os tapetes.

Quando Veraguth entrou na casa do conselheiro sanitário, foi recebido no corredor, de cujas paredes pendiam grossas tapeçarias e gigantescos quadros de moldura dourada, e onde se podia perceber um discreto cheiro de enfermaria. Uma jovem que envergava uma bata imaculadamente branca de enfermeira apanhou o cartão que o pintor lhe entregou e conduziu-o primeiro à sala de espera, onde já havia várias mulheres e um rapaz; mas, depois, a pedido de Veraguth, Levou-o para outra sala, onde havia uma pilha de exemplares antigos de revistas médicas; o pintor mal teve tempo de observar os objetos que o rodeavam, porque a enfermeira voltou em seguida, acompanhando-o ao gabinete do doutor.

Veraguth sentou-se numa grande poltrona de couro, no meio de um ambiente de impecável asseio. A sua frente estava sentado o médico, muito empertigado e pequenino atrás da imensa escrivaninha que quase o escondia. O silêncio reinante só era perturbado pela marcha cadenciada e metálica de um relógio com redoma de vidro que reluzia sobre a mesa.

Depois dos cumprimentos formais, o doutor entrou no assunto que o fizera convocar Veraguth.

— Cumpre-me dizer-lhe desde já, meu caro mestre, que não me agrada nada o estado do seu filho. O senhor não se apercebeu, há já algum tempo, que Pierre era dado a certas indisposições, como repetidas dores de cabeça, cansaço, fotofobia, uma certa apatia no tocante a seus brinquedos e jogos? E diga-me: há muito que ele se manifesta exageradamente sensível aos ruídos e cores vivas?

— Sim, doutor, realmente... E as minhas tintas irritavam-no particularmente...

— Ah, os cheiros também? Quer dizer, não tolerava o cheiro das pinturas, no seu estúdio, não é isso?

— Exatamente ...

— Sim, isso se encaixa perfeitamente com os demais sintomas.

O médico fez rapidamente uma série de perguntas a que Veraguth respondia inquieto, experimentando uma sensação de angústia e assombro pelo modo de indagar cortês, irrepreensivelmente correto do médico.

Depois, as perguntas foram ficando mais espaçadas, chegaram a ser perguntas nitidamente isoladas; por último, sobreveio uma longa pausa, um silêncio que pesou no gabinete como uma nuvem e só era interrompido pelo tique-taque do relógio.

Veraguth enxugou o suor da testa. Sentia que chegara o momento de conhecer a verdade, mas como o médico permanecia imóvel, como que petrificado, sem dizer palavra, viu-se dominado por um pavor que lhe paralisava a garganta. Moveu a cabeça, como se o colarinho o estivesse estrangulando, e, por fim, conseguiu articular: — É então muito grave, doutor?

O médico fixou os olhos no pintor, observando-o por instantes. E, com um movimento cansado de cabeça, confirmou: — Sim, infelizmente é grave, Sr. Veraguth.

Não afastou mais os olhos apagados do rosto de Veraguth, espiando atentamente como ele empalidecia e deixava pender os braços ao longo do corpo. Viu as faces angulosas e firmes de

Veraguth tornarem-se débeis e inermes, a boca perder o ricto de tensão e os olhos errarem pela sala, apavorados, perdidos. Viu como os lábios descaíram e tremeram ligeiramente, as pálpebras se semicerraram, como se o pintor estivesse prestes a desfalecer. O médico tudo observava. E aguardava. Instantes depois, notou que os lábios do pintor voltavam a unir-se com firmeza e os olhos reanimavam-se, num golpe de vontade e autodomínio. Só persistia a terrível palidez do rosto. O médico compreendeu então que

Veraguth estava pronto para ouvi-lo.

— De que se trata, doutor? Não precisa enganar-me com piedosas mentiras. Rogo-lhe que me conte tudo, tudo... O senhor acha que Pierre poderá morrer?

Então, o médico acercou uma cadeira da de Veraguth e falou, em voz baixa mas distinta: — Ninguém pode sabê-lo. Mas, se não me equivoco, o menino está gravemente enfermo.

Veraguth cravou seu olhar no do médico.

— Poderá morrer! Quero saber se o senhor acredita que o menino pode morrer. Compreenda, doutor... eu preciso saber!

O pintor, sem se aperceber, tinha se posto de pé e adotava uma atitude quase ameaçadora. O médico colocou-lhe uma mão no braço e Veraguth, estremecendo, deixou-se cair na poltrona, como que envergonhado.

— É insensato enfocar o problema do modo que o senhor está pretendendo — disse o médico. — Não nos compete decidir sobre a vida e a morte. Eis algo que temos diariamente ocasião de comprovar, nós, os médicos. Para nós, todo paciente, enquanto respira, pode abrigar ainda esperanças de salvação, sabe disso?

Veraguth escutou pacientemente o médico e limitou-se a indagar: — O que é que o menino tem, afinal?

O médico tossiu brevemente.

— Salvo melhor opinião, seu filho está com encefalite letárgica.

Veraguth permaneceu tranquilo, repetindo entre dentes o nome da doença. Depois, levantou-se e estendeu sua mão ao médico.

— Encefalite letárgica — disse ele, pronunciando lentamente as palavras, pois a boca tremia-lhe como se estivesse cheio de frio. — Mas... trata-se, com certeza, de uma doença curável, não é, doutor?

— Meu caro, é uma doença infecciosa do encéfalo, provocada por um micróbio de origem ainda não averiguada, que ...

— Pode curar-se, doutor? — insistiu Veraguth, cortando os rodeios que ele sabia serem intencionais.

— Tudo se pode curar, Sr. Veraguth. Muitas pessoas que foram atacadas por uma simples dor de dentes morreram ao fim de poucos dias, ao passo que outras com sintomatologia gravíssima conseguiram sobreviver.

— Sim, sim, conseguiram sobreviver. Se me permite, doutor, vou-me embora. O senhor tem sido muito amável e paciente comigo. De modo que a encefalite não tem cura?

— Mas. . meu caro senhor!

— Perdoe-me. Talvez o senhor já tenha assistido outras crianças, outras pessoas com essa ence... essa doença. Correto? Bom, importa-se de me dizer se esses doentes ainda vivem?

O conselheiro sanitário ficou silencioso.

— Vivem dois, por acaso? Mesmo um?

Não houve resposta alguma.

O médico voltara lentamente à sua escrivaninha, abrindo uma gaveta.

— Não desanime assim — disse ele, mudando de tom. — Ignoramos ainda se o seu filho não será capaz de vencer a crise. O, certo é que está em perigo e devemos ajudá-lo com todos os recursos de que dispomos. Todos temos de ajudá-lo, entende? O senhor também. Eu necessito muito da sua ajuda. Voltarei a visitá-lo ao fim da tarde. Na previsão de qualquer contingência, o senhor vai levar um pó narcótico, de que talvez venha também a precisar, se a tensão nervosa não o deixar dormir como deve. E agora, preste-me atenção, Sr. Veraguth; o menino deve privar da máxima

tranquilidade e alimentar-se com coisas nutritivas. Isso é o principal. Não se esquece?

— Certamente que não. Não esquecerei.

— Se o menino tiver dores de cabeça ou ficar muito inquieto, os banhos mornos constituem um meio eficaz de combater esses males. Tem bolsa de gelo? De qualquer modo, quando for a Rosshalde, levarei uma. Gelo têm, não? Muito bem, então. Alimentemos uma esperança, Sr. Veraguth. Era só o que faltava, um de nós perder agora o ânimo! Cumpre que cada um esteja no seu posto, não é verdade?

Com seus incentivos, pretendia animar Veraguth, a quem acompanhou até à porta do consultório.

— Não quer usar o meu carro? Não precisarei dele até às cinco da tarde.

— Obrigado, voltarei a pé.

Veraguth pôs-se a caminhar pelas ruas, que estavam tão desertas quanto antes. Olhou para o relógio: não transcorrera mais de meia hora. Lentamente, percorreu rua após rua da cidade. Espantava-o a ideia de sair dela. Dentro da cidade, nesse pobre e estúpido amontoado de casas, havia cheiro de medicamentos, cheiro de doenças. Ali estavam, em sua morada, a miséria do corpo, o medo e a morte. Por centenas de ruas transitavam a fealdade e a tristeza, e, no entanto, ali ninguém se sentia só, isolado do mundo. Mas sair pelos campos, caminhar sob as árvores e o céu límpido, entre o rumor de foices e ancinhos em sua faina e o canto dos grilos, parecia-lhe que tornaria sua dor muito mais horrível, mais insensata e mais desesperadora.

Já anoitecera quando Veraguth, coberto de pó e mortalmente cansado, chegou a sua casa. O médico já fizera a visita, mas Adele mostrava-se tranquila e parecia nada saber ainda.

Durante a refeição. Veraguth conversou com Albert sobre cavalos. O pintor voltava sempre a encontrar alguma coisa que dizer sobre o tema e Albert respondia, interessado.

Adele e o filho notaram que Veraguth estava muito fatigado; fora disso, nada perceberam. Ele, contudo, não parava de pensar, com uma cólera quase sarcástica: “Eu podia estar com a morte nos olhos que eles nem desconfiariam! Eis o que é minha mulher! Eis o que é um filho meu! E Pierre está morrendo...!” Assim pensava Veraguth, sem conseguir livrar-se desse melancólico círculo de ideias, ao mesmo tempo que, com a língua embaraçada, formava palavras que a ninguém interessavam. E logo lhe acudiram outros pensamentos: “Aceito que tudo seja assim. Desta maneira provarei até à última gota a amarga taça da dor. Aqui ficarei e fingirei, até ver morrer o meu pobre menino! E se, depois disso, ainda viver, já nada haverá no mundo que me prenda, ninguém que me chame e procure. Então partirei e nunca mais na minha vida terei necessidade de mentir, nunca mais darei guarida ao amor, nunca mais serei covarde . . . Para mim, só haverá vida intensa e ação constante. Tudo será um projetar-me contínuo para afrente, carente de toda a paz, livre de toda a inércia...”

Com um prazer sombrio, Veraguth sentia a dor queimar-lhe o coração de um modo selvático, insuportável, mas também sentia que esse sofrimento o engrandecia e purificava como nunca antes acontecera em sua existência; e, ardendo nesse fogo sagrado, Veraguth viu como desmoronava sua mesquinha vida anterior, sem alegrias, falsa, informe, carente de autêntico valor, indigna de que se lhe dedicasse sequer um pensamento, mesmo de censura.

Assim pensando, permaneceu o pintor mais uma hora sentado no quarto do filho doente; depois, passou estendido em sua cama uma noite de ardente insônia, entregue de corpo e alma à dor que o consumia, como se esse fogo do seu coração queimasse, purificando-a, a última fibra viva do seu ser. Compreendia que tinha de padecer tudo, que era preciso abandonar e ver morrer aquela criatura mais amada, melhor e mais pura do que tudo quanto possuía.

16.

PIERRE PIORAVA e seu pai conservava-se quase todo o dia junto do pequeno leito. A maior parte do tempo, o pequeno era vítima de fortes dores de cabeça, respirava rápida e ofegantemente, emitindo um queixume a cada movimento do peito. Às vezes, seu corpo franzino agitava-se em breves contrações e dobrava-se num arco tenso. Depois, ele voltava a estender-se na cama, numa completa imobilidade; finalmente, dava espasmódicos bocejos. Adormecia durante uma hora e logo voltava àqueles gemidos regulares, a cada movimento que seu peito fazia ao respirar.

Não ouvia o que lhe falavam; quando, valendo-se quase da violência, sua mãe o soerguia para dar-lhe algum alimento, o menino engolia-o com uma indiferença mecânica. Veraguth ficava muito tempo sentado na meia treva do quarto, cujas espessas cortinas tinham sido completamente fechadas; inclinado sobre o filho, observava com profunda atenção e o coração sobressaltado como no formoso rosto de Pierre iam desaparecendo ou deformando-se as feições amadas, os traços delicados e encantadores. O que restava agora era um rosto emaciado, uma espantosa máscara de dor, de traços simplificados, em cuja expressão nada mais era possível ler senão sofrimento, espanto, repugnância e horror.

Por vezes, Veraguth notava como essas feições deformadas se suavizavam nos raros momentos em que Pierre adormecia, exibindo reflexos daquele suave encanto de outros tempos.

Então, o pai ficava imóvel, olhando o filho com sedenta avidez, procurando impregnar-se desses traços amáveis que reapareciam, como se espreitassem por detrás da máscara disforme.

E a Veraguth parecia que, até esses momentos de vigília e amorosa contemplação, nunca soubera, verdadeiramente, o que era amar.

Durante vários dias, Adele viveu sem pressentir a verdade; só pouco a pouco, quando se deu conta da insólita atitude do marido, que suspendera as saídas para pintar ao ar livre e, dia após dia, conservava-se persistentemente à cabeceira do filho, ela começou a suspeitar da gravidade da situação. Resolveu então falar com Veraguth; numa noite em que ele saía do quarto do doente, Adele chamou-o à parte.

— Que se passa, afinal, com Pierre? — indagou ela, num tom amargurado e como que ofendida. — O que é que tem? Bem vejo que sabes alguma coisa e me escondes a verdade.

Veraguth encarou-a, como se estivesse mergulhado em funda distração, e respondeu com os lábios secos: — Não sei nada. Apenas sei que Pierre está muito doente. Não o vês?

— Vejo, sim, mas queria saber do que se trata. Tu e o médico tratam o menino como se ele estivesse à morte! Que te disse ele?

— Que o menino está muito mal e que teremos de cercá-lo de todos os cuidados. É uma espécie de inflamação na sua cabecinha. Amanhã pediremos ao doutor que nos esclareça melhor.

Adele apoiou-se numa estante de livros e, com a mão, agarrou uma dobra da cortina verde. Como ficasse calada, Veraguth permaneceu pacientemente de pé, o semblante terroso e os olhos febris. Tremiam-lhe um pouco as mãos, mas a sua atitude revelava perfeito autodomínio; em seu rosto desenhou-se um tênue sorriso, estranho reflexo de entrega, paciência e cortesia.

Adele aproximou-se lentamente. Pousou a mão no braço do marido e sentiu os joelhos cederem.

— Acreditas que ... poderá morrer? — perguntou num sussurro quase imperceptível.

Veraguth conservou nos lábios aquele sorriso débil, despropositado, enquanto pelo rosto lhe corriam grossas lágrimas.

As sentiu num fraco movimento de cabeça, e quando Adele, perdendo o equilíbrio, caiu pesada mente no chão, ele levantou-a e ajudou-a a sentar-se numa poltrona.

— Não é coisa que se possa saber com segurança — começou ele a dizer lentamente, quase sem jeito, como se estivesse repetindo com repugnância uma velha lição de que já se cansara havia muito tempo e em que, ainda por cima, não acreditava. — Não devemos perder o ânimo, Adele...

“Não devemos perder o ânimo — repetiu ele, mecanicamente, algum tempo depois, quando viu que sua mulher se refizera e se levantava da poltrona.

— Sim — disse Adele — tens razão. — Mas, após uma pausa, gritou: — Oh, não pode ser! Não pode ser!

Recompôs-se com energia. Os olhos pareciam reanimar-se, e todos os seus traços irradiavam inteligência e aflição.

— Tu ... — disse ela — tu não pensas regressar, não é? Eu sei. Queres abandonar-nos.

Veraguth compreendia bem que chegara um momento em que nenhuma hipocrisia, nenhuma falsidade era admissível.

— Sim — respondeu seca e inexpressivamente.

Adele meneou a cabeça de um lado para o outro, como se pretendesse dizer alguma coisa com clareza, mas não conseguisse. O que disse, porém, não foi fruto de reflexão e raciocínio; fluiu, antes, de um modo inconsciente, por causa do seu cansaço e desfalecimento, sobretudo porque ela sentia a obscura necessidade de reparar algo e fazer bem a alguém diante de quem ainda era possível mostrar-se capaz de um gesto de bondade.

— Sim ... — disse ela — eu já imaginara isso. Mas escuta, Johann, o nosso Pierre pode morrer. Não é possível que tudo desmorone assim, de repente! E, sabes?... queria dizer-te ainda outra coisa. Quando Pierre ficar bom, renunciarei a ele. Ouviste? Ele será teu!

No primeiro momento, Veraguth não compreendeu. Só aos poucos se apercebeu do que a esposa tinha dito e de que aquilo por que tanto lutara com ela durante anos e anos, por que tanto vacilara e sofrera, lhe era concedido agora — agora, quando já era tarde demais!

Tudo lhe pareceu terrivelmente insensato e louco. Não só tinha agora, de repente, o que ela lhe recusara dar por tanto tempo, mas, além disso, justamente no momento em que Pierre lhe pertencia, via-o à beira da morte e prestes a fugir-lhe. Era como se o filho lhe morresse duas vezes. A vida era um terrível desacerto!

Não era caso para rir? E, de fato, aquilo pareceu-lhe tão grotesco e absurdo que pouco lhe faltou para soltar, verdadeiramente, uma gargalhada.

Mas Adele falara com sinceridade. Era evidente que ela ainda não acreditava na possibilidade de Pierre morrer. Seu oferecimento era um gesto bondoso, revelava um terrível sacrifício que ela aceitava, voluntariamente, nessa hora amarga e dolorosa. Veraguth notou que sua mulher empalidecia e realizava um esforço urgente para manter-se serena.

Não podia Veraguth replicar-lhe. sem uma crueldade monstruosa, que esse sacrifício, esse gesto singular de generosidade, chegara muito tarde e era. para ele um escárnio em face da próxima morte.

Adele já aguardava, com uma certa estranheza, uma palavra do marido. Por que não dizia nada? Não acreditaria nela? Ou sentir-se-ia já tão alheado, tão distante dela, que nada queria aceitar-lhe, nem mesmo esse grande sacrifício, o maior que, como mãe, ela poderia fazer?

O rosto de Veraguth contraiu-se numa expressão de desapontamento. Então, conseguindo dominar seus sentimentos desencontrados, tomou a mão da esposa, inclinou-se e, beijando-a com lábios frios, disse: — Obrigado.

Depois, acudiu-lhe uma ideia que o fez acrescentar com vivacidade e em tom diferente: — Eu também quero cuidar de Pierre. Deixa-me velá-lo esta noite.

— Faremos turnos — replicou Adele.

Pierre passou essa tarde muito tranquilo. Na mesinha de cabeceira brilhava a luz tênue de um pequeno abajur, cuja débil claridade não chegava a iluminar inteiramente o quarto e perdia-se junto à porta numa penumbra difusa. Veraguth ficou muito tempo escutando a respiração agitada do filho; depois, recostou-se num estreito divã que tinha sido colocado no quarto do enfermo.

Às duas da manhã, Adele despertou e, acendendo a luz, levantou-se. Levando uma vela na mão e envolta em seu roupão, dirigiu-se ao quarto de Pierre. Aí encontrou tudo silencioso e tranquilo. As pestanas do doente agitaram-se de leve quando a luz da vela caiu em seu rosto; mas não despertou. No divã encontrou Veraguth, que, encolhido, mergulhara num sono profundo.

Iluminou-lhe também o rosto com a vela e ficou um instante de pé e imóvel junto do marido. Contemplou sua fisionomia nobre e leal, de traços finos e corretos, o rosto prematuramente coberto de rugas e os cabelos grisalhos, com algumas mechas caídas sobre a testa, e os olhos encovados de fadiga.

"Ele também envelheceu", pensou Adele, com um sentimento de compaixão e, ao mesmo tempo, de tranquilizadora satisfação, enquanto se sentia tentada a passar-lhe a mão pelos cabelos. Mas não o fez. Voltou a sair do quarto, sem fazer ruído, e quando, horas depois, se apresentou de novo, pela manhã, já encontrou Veraguth desperto e sentado à cabeceira de Pierre. A boca e o olhar com que o pintor a saudou estavam novamente impregnados daquela misteriosa energia e decisão em que, havia alguns dias, ele se encerrara como numa couraça inexpugnável.

Para Pierre, seria esse um mau dia. Adormecia por grandes períodos e ficava estendido, de olhos abertos e rigidamente fixos, até que um acesso de dores voltava a despertá-lo.

Revolvia-se então furiosamente na cama, crispava os pequenos punhos e apertava-os fortemente contra os olhos; seu rosto adquiria ora uma palidez mortal, ora um tom vermelho vivo e chamejante. De súbito, começou a gritar, revoltando-se impotente, contra insuportáveis tormentos; e gritou tanto e tão lamentosamente que o pai, pálido e aniquilado, teve de sair do quarto, porque já não podia tolerar mais ouvir tão lancinantes gritos e queixumes.

Veraguth mandou buscar o médico, que, nesse dia, ainda foi mais duas vezes a Rosshalde e, à tarde, fez-se acompanhar de uma enfermeira. Ao anoitecer, Pierre perdeu a consciência; a enfermeira sentou-se à cabeceira da cama do menino, e o pai e a mãe passaram também a noite velando, com o pressentimento de que o fim já não poderia estar longe. Pierre não se mexia; sua respiração, muito irregular, era ofegante.

Veraguth e Adele pensavam naquele tempo em que Albert estivera gravemente doente e ambos haviam cuidado dele juntos. E tanto um como outro sentiam que isso não poderia repetir-se agora. Falavam com suavidade, numa voz cansada e sussurrante, por cima do leito do enfermo, mas não faziam alusão alguma ao passado, não pronunciaram uma só palavra de recordação daquela época. Impressionava-os, como um espectro, a semelhança da situação e do que estava acontecendo; mas eles próprios já se haviam convertido em outros seres, já não eram as criaturas humanas de antes que, tal como agora, tinham velado e falado em voz baixa sobre o leito de um outro filho enfermo.

Albert não conseguira dormir essa noite, comovido pela silenciosa intranquilidade que pairava na casa. A meia-noite, na ponta dos pés e meio vestido, apresentou-se à porta do quarto do irmão. Entrou, emocionado, e, num murmúrio, perguntou se poderia ajudar em alguma coisa.

— Obrigado — respondeu Veraguth — mas receio muito que já não haja nada a fazer. Vai dormir e trata de tua saúde.

Quando Albert se retirou, cabisbaixo, os olhos brilhantes de lágrimas teimosas, Veraguth pediu à mulher: — Vai com ele e consola-o um pouco. ..

Adele levantou-se e saiu, considerando que fora uma atitude muito nobre, naquele transe, o marido pensar também no outro filho.

Depois, cedendo às repetidas instâncias de Veraguth, ela foi deitar-se um pouco, quando já raiava a madrugada. A enfermeira apresentou-se às primeiras horas do dia, substituindo o pintor em seu posto. Pierre continuava no mesmo estado.

Veraguth ainda não sentia vontade de dormir e perambulou um pouco no parque. Contudo, ardiam-lhe intensamente os olhos; estava preso de uma sensação de sufocamento e sentia a pele repuxada, como se quisesse estalar. Deu um mergulho no lago e pediu a Robert que lhe servisse o café. Pôs-se depois a contemplar o esboço que fizera do bosque.

O conjunto era gracioso e cheio de frescura, mas não representava inteiramente o que Veraguth queria pintar. Agora, o seu projetado quadro fora frustrado e seus planos de pintar, uma última vez, em Rosshalde, tinham sido anulados.

17.

O ESTADO DE PIERRE não variava desde alguns dias. O menino sofria, uma ou duas vezes por dia, acessos de convulsões, acompanhadas de fortes dores; o resto do tempo passava ele num estado de semi-inconsciência, em que os sentidos só debilmente se apercebiam das coisas. O tempo abafado que reinava até então acabou por transformar-se numa violenta chuvarada; a temperatura arrefeceu bastante e o intenso brilho estival do jardim perdeu-se na cortina de chuva que, entrementes, continuava a cair.

Veraguth passara, finalmente, uma noite em sua própria cama e conseguira dormir algumas horas seguidas de um sono profundo. Só agora, que estava se vestindo com a janela do quarto aberta, percebeu o frio que fazia; nos últimos dias, andara como que num estado de sonambulismo, sem dar-se realmente conta do mundo circundante. Debruçou-se na janela e, ao mesmo tempo que sentia um arrepio friorento, aspirou com avidez o ar chuvoso da manhã pardacenta e agreste. Um cheiro forte de terra molhada penetrou-lhe as narinas, um aroma de proximidade outonal; e Veraguth, que tinha uma sensibilidade aguda para registrar os indícios de mudança de estação, notou com espanto que esse verão ia desaparecendo sem deixar quase marca nenhuma, sem que tivesse verdadeiramente sentido o seu trânsito. Pareceu-lhe que passara não apenas alguns dias e algumas noites no quarto de Pierre, mas meses inteiros.

Vestiu a capa impermeável e dirigiu-se à mansão. Aí lhe disseram que o menino acordara cedo mas voltara a adormecer havia uma hora, Veraguth tomou o café com Albert.

O jovem sentia do fundo do coração a doença do irmão e sofria, embora não quisesse demonstrá-lo, nessa asfixiante atmosfera de aflição que dominava a casa.

Quando Albert se retirou para seu quarto, a fim de fazer alguns trabalhos de férias que teria de apresentar no colégio, Veraguth aproximou-se da cama de Pierre, que continuava dormindo, e sentou-se à cabeceira do leito. Nesses dias, depois de ter meditado muito, Veraguth chegara à conclusão de que o melhor para a criança seria que o fim chegasse depressa, pois o pobre Pierre já não pronunciava palavra alguma e consumia-se desesperadamente, como se ele mesmo soubesse que todos os cuidados que lhe eram prodigalizados não adiantavam coisa alguma. Contudo, não queria Veraguth abandonar em momento nenhum o seu posto e permanecia junto ao leito do pequeno enfermo com obstinado zelo. Ah, quantas vezes tinha ido Pierre visitá-lo e o encontrara cansado ou indiferente, absorto em seu trabalho ou perdido em vãos pensamentos! Quantas vezes, distraído e sem participar desse ato, mantivera entre as suas a pequena e delicada mão do filho, sem realmente ouvir suas palavras, cada uma das quais ganhava agora um valor inestimável! Oh, tudo isso era irreparável! Mas agora que a pequena e querida criatura jazia em meio a terríveis sofrimentos e tinha de enfrentar sozinha, com seu coração de menino mimado e inerme, o duelo desigual com a morte, agora que, em poucos dias, tinha de arrostar com todas as dores e todo o desespero do medo à doença, à impotência e à aproximação implacável da morte que horroriza, confrange e apavora o coração até do mais bravo e estoico dos homens, agora queria Veraguth estar a seu lado, minuto a minuto, não sair um só instante de seu lado. Queria para castigar-se a si próprio, infligir-se dano e, sobretudo, para estar presente no momento em que, porventura, seu filho reclamasse a sua presença e ele pudesse prestar-lhe uma pequena ajuda, demonstrar-lhe um pouco de seu amor.

E eis que, nessa manhã, seu zelo foi recompensado. Viu Pierre abrir os olhos, de súbito, e dizer, sorrindo-lhe, em sua vozinha débil, suave: — Papai...

O pintor sentiu o coração contrair-se violentamente, ao voltar a escutar aquela voz havia tanto tempo calada, que ora o chamava, agora despida de toda a sua antiga vivacidade: — Pierre, meu querido filho!

Veraguth inclinou-se com ternura sobre o menino e beijou-o na boquinha sorridente. Pierre mostrava um aspecto menos febril e mais feliz do que poderia esperar-se; os olhos brilhavam claros e com expressão sorridente. Quase desaparecera por completo a ruga profunda que se cavara entre seus olhos.

— Meu coração, o que sentes?

O menino, sorrindo sempre, olhava o pai com um ar maravilhado. Veraguth estendeu-lhe a mão e Pierre colocou a sua na do pai, aquela pequena mão que fora tão forte e agora parecia tão diminuta, tão transparente e frágil.

— Agora vais tomar teu desjejum e depois te contarei uma bonita história, sim?

— Oh, sim, a do Sr. Rittersporn e os pássaros de verão! — disse Pierre, enquanto seu pai não conseguia recompor-se do assombro, ao comprovar que o menino falava, sorria e o escutava.

Veraguth, num alvoroço indescritível, levou-lhe diligente o desjejum. Pierre comeu bem e, a pedido do pai, aceitou ainda um segundo ovo que lhe era oferecido. Depois, pediu que lhe levasse o seu livro de estampas favorito. Veraguth abriu com precaução uma das cortinas; a luz pálida do dia chuvoso penetrou no quarto e Pierre, soerguendo-se um pouco, dispôs-se a olhar o livro de estampas. Ao fazê-lo, parecia que isso não lhe provocava, como da outra vez, dor alguma. Com a maior atenção, Pierre folheava as páginas e reconhecia, apontando-os alegremente, os diversos personagens à medida que surgiam. Algum tempo depois, cansou-se de estar sentado e começou a sentir uma leve dor nos olhos.

Recostou-se de novo e, estendido, pediu ao pai que lhe lesse uns versos de que gostava muito, a respeito do boticário Gunderman e da mirabela.

Ó boticário Gunderman, curai-me com algum unguento!
Bem vedes como ando mal Que em pé já não me aguento!

Veraguth esforçou-se quanto pôde por ler os versos num tom jocoso e risonho. Pierre sorria, agradecido. Mas, apesar de tudo, parecia que os versos tinham perdido seu antigo poder, como se, para Pierre, desde a última vez que os ouvira, tivessem transcorrido muitos anos e ele fosse agora um adulto, encarando tudo isso com uma benevolência madura. As estampas e os versos recordaram-lhe, é certo, dias esplendorosos, risonhos, alegres, mas aquela antiga alegria, aquele ambiente luminoso e pleno de vivacidade não retomavam agora, de modo que, sem compreender exatamente por que, Pierre contemplava esses dias felizes da sua meninice , que apenas algumas semanas atrás ainda eram Uma realidade, com um sentimento de nostalgia e tristeza próprio de um adulto. Pierre já não era uma criança, mas um doente a quem o mundo da realidade já escapava e cuja alma, dotada de súbita clarividência, sentia à sua volta, com espanto e angústia, a morte que o rondava.

Entretanto, depois de tão horríveis dias, essa manhã mostrava-se-lhe cheia de luz e felicidade. Pierre estava tranquilo, e Veraguth, mesmo contra sua vontade, começava a alimentar, comovido, esperanças cada vez maiores de um milagre. Afinal de contas, talvez fosse possível não perder o seu menino. E agora Pierre pertencia-lhe, seria só dele!

O conselheiro sanitário manteve-se demoradamente junto ao leito de Pierre, sem atormentá-lo demais com perguntas ou exames do seu corpo. Só então se apresentou Adele, que dividira com a

enfermeira o último turno de vela, durante a noite. Ficou transida de emoção ao comprovar a repentina e extraordinária melhora do filho, e colheu-lhe a mão com tanta força que Pierre a encolheu, sentindo-a machucada. Adele não fez esforço algum para ocultar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Albert também foi visitar o irmão por um instante.

— É um milagre... é um milagre — repetia Veraguth ao médico. — O senhor não está surpreendido, doutor?

O conselheiro sanitário assentia e sorria com cordialidade. Não fez qualquer objeção, mas evidentemente, não mostrava uma excessiva alegria. Veraguth notou a atitude reservada do médico e voltou a cair em seus receios. Pôs-se a observar os gestos e expressões do homem e, enquanto o rosto sorria, leu uma inquietação refreada nos olhos do experiente conselheiro. Pé ante pé, foi escutar, através de uma fresta da porta, a conversa entre o médico e a enfermeira no corredor, e embora só conseguisse captar algumas palavras soltas, entendeu pelo meio tom sussurrante e sério das vozes que estavam dizendo algo de grave.

Acompanhou o médico até ao carro e, no último momento, perguntou-lhe:

— Não espera grande coisa desta melhora, não é verdade, doutor?

O rosto sereno e contrariado do médico voltou-se para Veraguth: — Alegre-se, meu caro mestre, por terem sido dadas algumas horas de tranquilidade ao pobrezinho. Façamos votos para que durem...

Nos seus olhos inteligentes não era possível ler a menor centelha de esperança. Foi como se uma punhalada fria varasse o coração de Veraguth.

— Obrigado, doutor—foi tudo quanto pôde dizer, quase com ódio, quando o carro partiu.

Veraguth precipitou-se de novo para o quarto de Pierre. Adele estava lendo a história da Bela Adormecida e ele pôs-se a observar

como as feições do filho acompanhavam o desenvolvimento da narrativa.

— Queres que te conte outra história? — perguntou Adele.

O menino encarou-a de olhos arregalados.

— Não — respondeu com certo cansaço. — Mais tarde.

A Sra. Veraguth foi à cozinha preparar alguma coisa para o filho e Veraguth tomou entre as suas as mãos do menino. Permaneceram ambos calados e quietos, mas, de vez em quando, Pierre olhava, sorridente, para o pai, como se se sentisse feliz por tê-lo ali ao seu lado.

— Sabes, querido, que hoje estás muito melhor? — disse Veraguth, animador — O doutor disse que mais uns dias e pronto, o meu Pierre vai saltar da cama, alegre e bem-disposto como um pintinho que sai da casca!

Pierre ruborizou um pouco, enquanto seus dedos brincavam com a mão do pai.

— É verdade que me queres muito, não é, papai?

— Claro que sim, coração! Tu és o meu filhinho querido. Quando ficares bom, vamos estar sempre juntos, sabes?

— Sim, papai... Uma vez... uma vez estive andando à toa pelo jardim ... eu estava sozinho e nenhum de vocês me queria. Mas têm de querer-me muito... muito... e ajudar-me quando eu sinta a dor de estar só. Ah, como eu sofri por causa disso!

Semicerrara os olhos e falava numa voz tão baixa que Veraguth teve de inclinar-se sobre o filho até encostar quase a orelha na sua boca para não perder palavra do que ele dizia.

— Tens de ajudar-me, papai... Eu vou ser bom e ter muito juízo, sim... sempre. Não me repreendam muito... Não me repreendam mais, sim? Tens de dizê-lo também a Albert.

As pálpebras desceram, agitadas, e voltaram a abrir, mas, agora o olhar do menino era sombrio e ele tinha as pupilas dilatadas.

— A luz... — murmurou ele.

— Dorme, filhinho, dorme. Estás muito fatigado. Dorme, dorme...

Veraguth fechou-lhe cuidadosamente as pálpebras e cantou em voz baixa uma cantiga de ninar, como costumava fazer quando Pierre era bebê. O doente pareceu adormecer.

Uma hora depois, apresentou-se a enfermeira, para que Veraguth pudesse ir almoçar. O pintor dirigiu-se à sala, onde, sentando-se, tomou um prato de sopa distraidamente, quase sem atentar no que se dizia à mesa. O sussurro delicado do seu querido menino ressoava ainda em seus ouvidos, doce e triste. Ah, quantas vezes, tendo podido falar com Pierre como acabara de fazer e tendo podido demonstrar à confiança ingênua do filho estremecido o terno e entranhado amor que por ele sentia, não o fizera!

Mecanicamente, estendeu a mão para o jarro afim de servir-se de água. De súbito, vindo do quarto de Pierre, ressoou por toda a casa um grito estridente, cortante, que afugentou as sombrias nuvens da dolorosa divagação de Veraguth. Todos saltaram de suas cadeiras, mortalmente pálidos. O jarro de água rodopiou na mesa e caiu no chão, com estrépito.

Veraguth precipitou-se para a porta.

— O gelo! — gritou a enfermeira.

Mas Veraguth nada ouvia. Não ouvia senão o terrível grito de desespero que lhe penetrara a consciência, como navalha afiada numa ferida. Entrou correndo no quarto de Pierre.

Ali estava o menino, branco como a neve das montanhas, a boca horrivelmente contraída; os membros enfraquecidos contorciam-se, desesperados, em furiosas convulsões; seus olhos estavam desmesuradamente abertos e petrificados numa expressão de indizível horror. Subitamente, voltou a soltar outro grito, mais selvático ainda do que o primeiro, um ruído espantoso, inumano; e, curvando-se num violento arco, fez trepidar toda a cama ao deixar-se cair e curvar-se de novo, aguilhoado pelas dores, como uma flexível varinha agitada por furiosas mãos infantis.

Estavam todos horrorizados e sem saber o que fazer, até que as instruções da enfermeira puseram alguma ordem no quarto. Veraguth, de joelhos à beira da cama, procurava impedir que Pierre. em suas violentas contrações, se ferisse. Apesar disso, o menino machucou a mão direita, que em seguida começou a sangrar, contra uma aresta metálica da cama. Depois, abatendo-se em peso no leito, girou sobre si próprio, de modo a ficar apoiado sobre o ventre, e começou a morder furiosamente, em silêncio, o travesseiro, enquanto sua perna esquerda se movia para baixo e para cima, numa cadência frenética. Depois, ficava um instante quieto e voltava a realizar esses movimentos, num ritmo preciso, que repetiu, dez, vinte vezes, sem interrupção.

As mulheres estavam ocupadas em preparar compressas de gelo. A Albert não fora permitido ficar no quarto do irmão. Veraguth, que permanecia agachado junto da cama, seguia com o olhar a regularidade trágica dos movimentos da perna que se erguia, esticava e voltava a cair, debaixo do lençol. Ali estava seu menino, cujo sorriso, poucas horas antes, resplandecera como um inesperado raio de sol entre nuvens de tormenta, e cujos murmúrios, ternos e suplicantes, que reclamavam carinho, tinham comovido e fascinado as mais recônditas fibras de sua alma de pai. Ali estava seu menino, que não era agora mais do que um corpo convulsionado, um pobre novelo de miséria e dor.

— Pierre, aqui estamos todos contigo! — gritou Veraguth, no auge do desespero. — Pierre, meu filho, aqui estamos e queremos ajudar-te!

Mas já não existia caminho algum entre os lábios do pai e a consciência do filho, e todos os protestos de consolo, todos os absurdos murmúrios de ternura não chegavam a penetrar na horrível solidão do moribundo. Ele já estava muito longe, num mundo diferente, que percorria em passos cadenciados, sedento de novos horizontes, através de um vale infernal açoitado por vendavais de dor e morte; e talvez, dessa lonjura, o menino

continuasse a gritar e reclamar o consolo daquele que, de joelhos, teria sofrido com gosto todos os tormentos do mundo para ajudar a salvar o seu menino.

Todos sentiam que esse era já o começo do fim. Desde aquele primeiro grito que a todos petrificara de horror e revelara um sofrimento tão profundamente animal, todos sentiram a presença da morte em cada umbral, em cada janela da casa. Ninguém falara nela, mas todos a tinham reconhecido, até Albert, até as criadas, até mesmo o cão pastor que andava intranquilo, de um lado para o outro, no pátio de cascalho do parque e que. às vezes, lançava aos ares um uivo lamentoso. E embora todos se esforçassem, numa atividade frenética, preparando compressas frias, fervendo água, quebrando o gelo para a bolsa, ninguém já lutava, verdadeiramente, contra a doença, ninguém alimentava já esperança alguma.

Pierre perdeu a consciência. Como se sentisse um frio intenso, todo o seu corpo tiritava, e ele, de vez em quando, emitia um grito débil e tresloucado, terminando sempre, depois de cada uma dessas pausas, por levantar de novo a perna esquerda e deixá-la cair, com força, como um fardo inerte. E voltava a repetir então seus movimentos compassados, como se fosse a marcha regular dos ponteiros de um relógio.

Assim transcorreu a tarde, assim chegou o entardecer e também a noite. Quando, com os primeiros alvores da aurora, o pequeno lutador ficou já sem forças para resistir ao inimigo que o acossava e acabou por render-se-lhe, seus pais entreolharam-se com rosto sombrio por cima do pequeno leito, sem dizer palavra. Johann Veraguth colocou sua mão sobre o coração de Pierre e comprovou que já não palpitava. Manteve, porém, a mão apoiada contra o peito descarnado, até sentir que ele começava a arrefecer.

Depois, muito lentamente, levou a mão até às da Sra. Veraguth, que as tinha juntas, e disse-lhe num sussurro: — Já partiu...

E enquanto conduzia sua mulher para fora do quarto e ouvia seus soluços afogados, enquanto a deixava nas mãos da enfermeira

para que lhe desse assistência, enquanto se dirigia ao quarto de Albert para ver se ele já despertara, enquanto, regressando ao leito mortuário, acomodava e estendia na cama o corpo de Pierre, Veraguth sentiu que metade de sua vida perecera e sobre ela caía uma perfeita paz.

Arrumou o quarto de Pierre e, depois, abandonando as derradeiras tarefas nas mãos da enfermeira, recostou-se e caiu num breve mas profundo sono. Quando a plena luz do dia se filtrou através das janelas, o pintor acordou e levantou-se prontamente, dispondo-se a realizar a última obra que decidira executar em Rosshalde. Voltou a entrar no quarto de Pierre, escancarou de par em par as cortinas e fez com que a luz fria dessa manhã outonal inundasse o rosto branco e as mãos hirtas do filho. Sentou-se então junto à cama, desdobrou uma cartolina e começou a desenhar, pela última vez, essas feições que tanto estudara, que desde tenra idade conhecera e amara em todos os pormenores e que, agora, simplificadas e geladas pela morte, revelavam, apesar de tudo, indizíveis sofrimentos.

18.

O SOL BRILHAVA com um halo de fogo nas orlas das nuvens que, cansadas de despejar água, se esfrangalhavam agora em farrapos brancos por entre os quais se vislumbrava um céu azul pálido, quando a família de Pierre regressava do cemitério rumo a Rosshalde. Adele ia sentada e muito ereta em sua carruagem; o semblante choroso destacava-se, singularmente, claro e hirto, do negro do chapéu e do vestido de luto, fechado até ao pescoço. Albert, que conservava as mãos da mãe entre as suas, tinha as pálpebras inchadas e vermelhas.

— Está então decidido que partem amanhã, não é isso? — falou Veraguth. — Não se preocupem com coisa alguma. Eu me ocuparei de tudo o que for necessário fazer aqui. Coragem, meu filho, já virão melhores tempos!

Desceram da carruagem diante do portão nobre de Rosshalde. A ramaria dos castanheiros, ainda gotejante, resplandecia de luz brilhante. Um pouco deslumbrados pela claridade, entraram na casa sombria e silenciosa, onde os aguardavam as criadas, sussurrando, vestidas de negro em sinal de pesar. Veraguth fechara ele próprio o quarto de Pierre.

Fora preparado café, de modo que os três sentaram-se à mesa para bebê-lo.

— Reservei para vocês aposentos em Montreux — disse Veraguth. — O importante agora é que repousem bem e recuperem as forças. Albert tem de estar em perfeitas condições para recomeçar em breve os estudos. Eu também empreenderei viagem assim que tiver concluído os assuntos pendentes. Robert

permanecerá aqui e manterá a casa em ordem. Deixarei com ele o meu endereço.

Ninguém o escutava. Sobre todos pesava uma atmosfera de timidez envergonhada que os gelava. Adele mantinha a vista teimosamente pregada nas migalhas de pão dispersas sobre a toalha da mesa. Estava fechada em sua tristeza e de maneira nenhuma queria que a arrancassem dela. Albert conservava uma atitude semelhante à da mãe. Desde que o pequeno Pierre jazia inerte, voltara a desaparecer da família aquela aparência de unidade que antes existira, durante a doença do menino, como se desaparecesse de um vassalo miserável a expressão de cortesia assim que visse partir um hóspede poderoso e temido a quem tivesse tido de conceder hospitalidade. Dos três, apenas Veraguth continuava a desempenhar seu papel e a manter com resolução, diante do rosto, a máscara que lhe afivelara para servir até ao último instante — e apesar de tudo. Temia ele que uma cena de desespero pudesse ainda frustrar o adeus a Rosshalde, de modo que, no fundo do coração, aguardava com suprema ansiedade o momento em que mãe e filho partissem.

Nunca estivera tão só como nessa tarde que ficou encerrado em seu pequeno quarto da vivenda. Na mansão, Adele preparava malas e maletas. Veraguth escreveu algumas cartas e dispôs, por escrito, sobre os seus diferentes negócios. Fez saber a Otto Burkhardt a triste notícia do falecimento de Pierre; deu procuração ao seu advogado e comunicou ao banco as suas instruções para movimentação de contas. Esvaziara a escrivaninha e tinha agora, diante dele, o retrato do pequeno Pierre, que jazia agora na terra fria. Perguntava-se se ainda lhe seria possível entregar o coração a outro ser humano do modo como o fizera com esse desditoso menino, se lhe seria possível compartilhar com outrem a mesma dor.

Não, agora estava só, inteiramente só.

Por muito tempo ficou Veraguth a contemplar o desenho, as faces encovadas, as pálpebras fechadas sobre os olhos fundos, aquela boquinha apertada e exangue, aquelas pequeninas mãos tão horrivelmente descarnadas. Finalmente, guardou o retrato no estúdio, que fechou, apanhou a capa e saiu para o parque. Lá fora, tudo estava imerso em escuridão e calma.

Na mansão viam-se algumas janelas iluminadas, que hoje não lhe interessavam mais. Mas ali, à sombra dos castanheiros, nas estreitas veredas, na pracinha de cascalho, nos canteiros de flores, como que soprava um hálito de vida e recordação. Não fora ali onde Pierre– quantos anos tinha isso? — lhe mostrara o ratinho que caçara e, um pouco mais além, junto das flores de flox, lhe falara com tanta animação da borboleta azul e dera às flores os nomes mais delicados e fantásticos? Sobretudo, ali embaixo, perto das aves de capoeira e da guarita do cão de guarda, no parque de gramado e nas alamedas sombreadas das tílias, não passara Pierre sua vida breve, não brincara e correra? Esses eram os lugares, onde ainda ressoava o seu riso claro e puro de menino, onde ele se sentira dono e senhor absoluto. Ali gozara, centenas de vezes, sem que ninguém cuidasse dele, suas alegrias infantis e vivera as façanhas de suas histórias favoritas. Ali, por vezes, teria chorado também suas frustrações, ao julgar-se abandonado e incompreendido.

Veraguth errava nas trevas da noite, visitando cada um dos lugares que despertavam em sua alma lembranças do menino, como numa derradeira e piedosa romaria aos lugares santos de seu amor. Por fim, ajoelhou-se diante do monte de areia onde Pierre costumava brincar e enterrou nela as mãos, deixando que elas esfriassem na areia úmida; e quando seus dedos encontraram um objeto de madeira e ele levantou-o, para ver do que se tratava, reconheceu a pequena pá dos brinquedos de Pierre. Nesse instante, caiu exânime por terra e conseguiu, enfim, chorar livre e desatadamente pela primeira vez no decurso desses três dias

terríveis, o rosto colado à terra úmida, suas lágrimas se misturando com a areia onde mantinha enterradas as mãos frias.

Na manhã seguinte, Veraguth teve uma última conversa com Adele.

— Consola-te — disse o pintor — e não te esqueças que ele me pertencia. Tinhas cedido o menino para mim, lembras-te? Agradeço-te de novo esse teu nobre gesto. Eu já sabia que Pierre estava condenado, mas tu não... foste, de todo modo, muito generosa, e nunca o esquecerei. Agora... viverás inteiramente a teu gosto, mas, sobretudo, não te precipites em coisa alguma. Conserva por algum tempo Rosshalde. Poderias amanhã te arrepender de se desfazer da propriedade, num gesto de precipitação. Sobre isso te aconselhará o notário, que está convencido de que os valores dos terrenos nesta região vão subir muito em breve, por causa das indústrias que pensam montar por aqui. Que tenhas sorte na venda, se finalmente te decidires. De tudo o que existe aqui, só me pertencem as coisas do estúdio, que mandarei retirar mais tarde. O resto é teu e assim já dispus.

— Obrigada... e tu? Não voltarás mais a Rosshalde?

— Nunca mais. Não faria sentido algum. E ainda te direi mais: já não abrigo em minha alma nenhuma amargura. Reconheço que fui o culpado de tudo.

— Não digas isso, que muito me aflige. Agora vais ficar completamente só. Se ao menos tivesses podido conservar Pierre! Mas assim... Oh, eu também tive culpa! Eu sei bem que tive ...

— Pois ambos a expiamos nestes dias. Deves agora procurar a tranquilidade, Adele. Tudo está bem assim. Na verdade, nada temos já de que nos queixarmos. Olha, tu agora tens Albert só para ti e eu ... eu tenho o meu trabalho. Isso me bastará para superar o resto. E tu, estou certo de que serás mais feliz do que em todos estes anos.

Veraguth mostrava uma atitude tão serena que Adele conteve-se. Ah, quisera dizer-lhe ainda muitas coisas, infinitas coisas, agradecer-lhe algumas, queixar-se ainda de outras! Mas

compreendeu que o marido tinha razão. Para ele, tudo se convertera num passado irremediável e sem existência real, tudo o que ela ainda queria sentir como um presente amargo e vivo. Cumpria-lhe, pois silenciar e tentar esquecer também as coisas antigas, de um passado morto. Pôs-se então a escutar com atenção as disposições que o marido tomara, e não pôde deixar de assombrar-se pelo modo como ele tudo previra, em tudo pensara, em seus ínfimos pormenores.

Nem uma palavra disseram sobre o divórcio. Estavam de acordo, tacitamente, em que isso poderia ser feito mais adiante, quando ele regressasse da índia.

Por volta do meio-dia foram todos à estação. Ali estava já Robert com as malas e demais pertences. No meio do bulício e da fumaça da gigantesca plataforma de telhado de vidro, Veraguth guiou a mulher e o filho até ao trem e ajudou-os a procurarem seus lugares no carro; comprou revistas para Albert, a quem entregou também o talão das malas; esperou junto da janela do compartimento até que o trem iniciasse a marcha, tirou o chapéu para dizer adeus e ficou contemplando, de pé, o trem que se distanciava até que a cabeça de Albert desapareceu da janela.

Durante o percurso de volta a Rosshalde, pediu a Robert que lhe contasse como decorrera o precipitado rompimento de seu noivado. Ao chegar, encontrou o carpinteiro à sua espera para encaixotar os últimos quadros. Quando todas as suas telas estivessem embaladas e fossem expedidas para seu destino, Veraguth também partiria. Sentia uma ânsia incontida de abandonar Rosshalde para sempre.

O carpinteiro concluiu o seu trabalho. Robert estava na mansão, ajudando uma das criadas, que ainda não saíra, a cobrir os móveis e fechar portas e janelas.

Veraguth passeou lentamente pelo estúdio e, depois, saiu para o ar livre e percorreu o parque, contornando o lago. Por ali vagara ele centenas e centenas de vezes; mas, nesse dia, tudo lhe parecia

— a casa, o parque, o lago, os jardins — imerso numa solidão irremediável. O vento soprava, frio, na folhagem já amarelecida e impelia de novo encrespadas nuvens portadoras de chuva. O pintor estremeceu. Agora já não tinha ninguém que lhe inspirasse cuidados, ante quem tivesse de manter uma determinada atitude. Só então, nesse exato momento, Veraguth sentiu, em sua gélida solidão, os efeitos dos cuidados e velas noturnas, a tensão febril e o cansaço angustiante dos últimos dias. Compreendeu, então, que tinham se extinguido nele as últimas luzes da radiante juventude; contudo, não considerava esse isolamento frio e essa calma dos anos grisalhos como algo horrível e temeroso.

Errando vagarosamente pelas veredas úmidas do jardim, Veraguth caminhava de ânimo sereno, procurando seguir retrospectivamente os fios de sua existência, cuja trama simples nunca tivera ocasião de observar como agora, com tanta nitidez e sossego. E concluiu que sempre percorrera as veredas daquele jardim com olhos cegos. Agora compreendia que, apesar de todos os desejos e propósitos de viver com profundidade, apenas transitara efêmera e superficialmente pelos caminhos do jardim da vida. Em toda sua existência não sentira nem saboreara um amor que tivesse alcançado as mais profundas raízes do seu ser. Nunca... até esses últimos dias. Sim, junto à cama de seu filhinho moribundo — ah, demasiado tarde! — vivera o único amor verdadeiro da sua existência, em que pela primeira vez se esquecera de si próprio, transcendera-se a si mesmo. Essa seria sempre, para ele, a experiência autêntica da vida, e guardaria no coração essa lembrança como um tesouro.

Agora restava-lhe apenas a sua arte, de cujo domínio nunca se sentira tão seguro como nesse momento de sua vida. Ficava-lhe a consolação de, encontrando-se, por assim dizer, do lado de fora da vida, poder apropriar-se dela e absorvê-la toda de um trago; ficava-lhe a singular e fria — mas apesar de tudo livre — paixão de contemplar, observar, alimentando o seu orgulhoso impulso de

criador. Eis o que lhe restava, eis o único valor que ainda sobrava em sua desditosa vida– essa imperturbável solidão e esse frio prazer de representar e recriar o mundo. Seu destino era, pois, seguir sua estrela, que não reconhecia desvios em seu curso.

Veraguth, aspirando profundamente o ar úmido e amargo do parque, imaginou que cada passo que dava era um empurrão no passado, afastando-o de si, como se afastasse uma já inútil barca da margem onde acabava de chegar, são e salvo.

Nada de resignação havia, contudo, no exame e reconhecimento que o pintor fez do seu estado; animado de uma paixão ativa e obstinada de trabalho, bem percebia ele que na vida que ora começava não poderia haver passos em falso, indecisões e erros, mas, pelo contrário, estendia-se diante de seus olhos uma encosta escarpada e bem definida que ele teria de escalar com audácia e obstinação. Mais tarde e talvez com maior amargura do que a maioria dos homens, Johann Veraguth assim se despediu dos últimos resplendores da sua juventude. Via-se agora pobre e atrasado em pleno meio-dia de sua vida, disposto a não perder nem mais uma hora preciosa de seu claro e bem traçado caminho.

Robert esperava-o no portão com a charrete atrelada. Estalou o chicote assim que o amo tomou assento e, num brusco solavanco, a charrete afastou-se de Rosshalde, sem que Veraguth voltasse uma só vez a olhar para trás.

créditos:

digitalização e revisão: J. Martins

outubro 2018

epub: ArmazémCultural